

Revista do Brasil

DIRECTORES

Afranio Peixoto
Monteiro Lobato

N. 69
SETEMBRO
1921

EDITORES

Monteiro Lobato
& Comp. - São Paulo

Secretario: *Moacyr Deabreu*

SUMMARIO

AS LIVRARIAS DO ORIENTE .	<i>Arthur Neiva</i>	3
O FILHO	<i>Mario Sette</i>	9
PLAGIOS E PLAGIARIOS . .	<i>Sergio Buarque de Hollanda</i>	14
A PSYCHOLOGIA MORBIDA DE AUGUSTO COMTE	<i>Claudio de Lemos</i>	23
ASPECTOS AMAZONICOS . .	<i>Raymundo Moraes</i>	29
CORAÇÃO DE CABOCLO . . .	<i>Rodrigo Octavio</i>	34
A CAVEIRA	<i>Gabriel Marques</i>	44
O BRASIL Á LUZ DA THEO- SOPHIA	<i>Josebento</i>	49
ROMANCE POLITICO	<i>Sylvio Julio</i>	59
FABULAS EM PROSA	<i>Monteiro Lobato</i>	63
RAG	<i>M. Deabreu</i>	69
BIBLIOGRAPHIA		76
RESENHA DO MEZ		84
DEBATES E PESQUIZAS		92

S. PAULO.

1921.

RIO.

SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICADOS e AFORMOSEADOS, com A PASTA RUSSA do Doutor G. Ricabal.

O unico REMEDIO que em menos de dois mezes assegura o DESENVOLVIMENTO e a FIRMEZA dos SEIOS sem causar damno algum á saude da MULHER. — "Vide os attestados e prospectos que acompanham cada Caixa.

Encontra-se á venda nas principaes PHARMACIAS, DROGARIAS e CASAS DE PERFUMARIAS DO BRASIL.

AVISO — Preço de uma Caixa 8\$000, pelo Correio mais 2\$000. Pedidos ao Agente Geral,

J. DE CARVALHO Caixa Postal, 1724 — Rio de Janeiro.
Deposito: Rua General Camara, 225 (sob.)

GRAVIDEZ

Evita-se usando os *Pessarios Americanos*; são inoffensivos, commodes, de effeito seguro e antisepticos. — Encontram-se á venda nas principaes DROGARIAS DE S. PAULO.

AVISO — Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 8\$000, enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL N.º 1.724
RIO DE JANEIRO

ASTHMA

O Especifico do Doutor Reyngate, notavel Medico e Cientista Inglez, para a cura radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, Defluxos, Bronchites Catarrhaes, Coqueluche, Tosses rebeldes, Cansaço, Suffocações, é um Medicamento de valor, composto exclusivamente de vegetaes, não é xarope, nem contém ioduretos, nem morphina e outras substancias nocivas á saude dos Astmaticos.

Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

Encontra-se á venda nas Principaes Pharmacias e Drogarias de São Paulo.

DEPOSITO — Rua General Camara, 225. Sob. -- Rio de Janeiro

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações, dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO
LARGO DA MISERICORDIA, 4

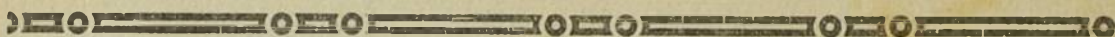
LOTERIA DE S. PAULO

Em 14 de Outubro

60:000\$000

Por 9\$000

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE



ULTIMA NOVIDADE

JARDIM DAS CONFIDENCIAS

versos de

RIBEIRO COUTO

Os mais lindos versos e a mais bella edição do anno

Preço 3\$000

MONTEIRO LOBATO & CIA. — EDITORES

HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

==S. PAULO==

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes

para construcção,

aço e ferro, anilinas

e outros

productos chimicos.

PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

Casa franceza de

L. GRUMBACH & CIA.

Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL

VOLUME XVIII

SETEMBRO — DEZEMBRO DE 1921

ANNO VI

S. PAULO - RIO

BRASIL

RECEIVED
1871

VOLUME 1

1871

1871

1871

1871

1871

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:

N. 69

EDITORES:

AFRANIO PEIXOTO SETEMBRO MONTEIRO LOBATO

MONTEIRO LOBATO 1921 & COMP. — SÃO PAULO

SECRETARIO: MOACYR DEABREU

AS LIVRARIAS DO ORIENTE

ARTHUR NEIVA

I

Dada a conformação do Continente Africano, a extremidade meridional formada pelo Cabo Bôa Esperança, já se encontra em pleno hemispherio Oriental, e, quem partindo do Rio com rumo certo á cidade do Cabo, mil milhas antes de ancorar, já sulca a pequena porção do Atlantico que banha a parte Oriental do Globo. Por essa razão geographica incluimos as livrarias da importante Colonia ingleza, entre as que vão ser objecto das nossas observações.

As principaes livrarias estão situadas na rua mais importante da pittoresca cidade Sul-Africana. E' em Adderley Street que se encontram os maiores estabelecimentos; e, se *De Amicis* pode fazer a psychologia de uma terra atravez da quarta pagina dum jornal, segundo os annuncios, editaes, reclamos de medicamentos, preconicios de charlatães, entradas e sahidas de vapores, vida theatral, etc., penso que com maior razão alguém poderá ter conhecimento, talvez mais profundo, da alma de um povo, através do que elle compra e lê em fórmula de livro.

Quem subir Adderley Street pelo lado esquerdo, ha de deparar com um grande estabelecimento: *Miller & Sons*, possuindo apenas uma porta de entrada ladeada por duas grandes vitrines com duas faces que mostram os livros não só, para o lado da rua, como ainda pelo da entrada. Pela inspecção, o viajante tem a sensação de se encontrar muito longe do Brasil. Só existem livros em lingua ingleza, e alguns raros em hollandez; os assumptos

de Historia Natural fazem-se notar, alguns, representando trabalhos de folego, isto é, obras de varios volumes, cousa tão rara entre nós. A Historia Natural de Cambridge, ou assumptos de ordem local, como *The Flora of South Africa*, de Marlott, ou estudos sobre as linguas dos nativos e obras com illustrações coloridas sobre a cidade e Colonia do Cabo.

Ao entrar, os balcões lateraes estão cobertos com os ultimos numeros das revistas, magazines e jornaes inglezes, notando-se a indefectivel presença da edição semanal do *Times*, que é encontrada, sem excepção, em todas as livrarias do Oriente e do Extremo Oriente. A livraria Miller é a mais importante da Africa do Sul: estudo minucioso que della se faça, poderá dar uma ideia do que se lê na União Sul Africana.

A bordo do *Tosa-Maru* tivemos como companheiro um *boer* que, depois do dominio britannico sobre o Transwaal e Orange, emigrara para a Patagonia, onde fizera grande fortuna com a criação de carneiros, nas frias regiões argentinas. Fôra nosso companheiro entre o Rio e a Cidade do Cabo, para onde voltava afim de dizer o *Good bye* aos velhos amigos da infancia, porquanto não pretendia regressar mais ao berço natal, pelo adiantado da idade, e, pela ultima vez, atravessava o Oceano, pretendendo gozar, em Buenos Aires, junto dos seus filhos argentinos a riqueza que accumulara na frigida Patagonia.

Chamava-se Visser; era um homemzarrão de 60 e muitos annos, sacudido e extremamente alegre. Não se fartava em contar todas as peripecias da guerra *anglo-boer*, seu exilio para a Argentina, a aspera luta que teve de sustentar para ver crescer e progredir sua estancia denominada "Prosperidade", lá para os lados da Terra do Fogo. Foram 14 dias de agradável convivio durante os quaes o bom companheiro fartou-se de nos revelar tudo que de mau os inglezes realisavam na Africa do Sul. Fez o resumo da historia sul-africana, encheu-nos de conhecimentos sobre sua patria, desnudou todas as chagas, fez a apologia de sua raça, emfim, foi um almanaque fallado que durante duas semanas eu desfrutei, bebendo informações, interessantes algumas, preciosas outras. Foi este companheiro que nos indicou a livraria Miller, da qual continuava afreguezado, mesmo da Argentina, pois mandava buscar por seu intermedio as publicações concernentes á pecuaria.

O estabelecimento é servido por mulheres; os preços salgadissimos, pois na Africa do Sul rola o ouro e o Brasil vive afogado na moeda papel. O gerente prestou-se gentilmente a me dar todas as informações pedidas, isto depois que eu comprara por 54 sh. a ultima edição do *Manual of Tropical Medicine* de

Castellani & Chalmers. Pago o pesado tributo, decidi-me a cacear-o pedindo a fineza de deixar-me percorrer á vontade o grande estabelecimento. Foi um cicerone amavel, que se mostrava muito curioso de estar em contacto com um habitante do Brasil, nação completamente desconhecida naquellas paragens.

Da rua não se tem a impressão das dimensões da livraria; entra-se por uma porta que dá accesso a um corredor estreito, o qual se dilata em vastos salões. Pela primeira vez ali deparei com a *The marvel library*, composta de volumes muito bem illustrados, a 5 sh. cada um, e que punham em dia as maravilhas das invenções scientificas da Aviação, Geologia, invenções de guerra, Photographia, etc., etc. Em estantes moveis estava exposta *The library of adventure*, interessante collecção illustrada para adolescentes; acolá era *The Russel Series for boys and girls*, cujos titulos iniciados sempre com a palavra "Historias" descreve o que ha de attrahente para o publico a quem se dirige, as narrativas sobre "A Descoberta do Pólo", as Aventuras do Mar, sobre a vida dos exploradores modernos, em livros com illustrações coloridas. Mais adiante era *The library of Romance*, cuja serie começava com *The roman of Modern Commerce* e, a collecção já se approximava de quarenta publicações. Comprei o ultimo apparecido: *O Romance do Microscopio* de Ealand. Tão bem feito e illustrado com magnificas photogravuras, que tanto realce dão ás obras editadas em lingua ingleza. Depois, seguem-se os vinte e tantos volumes da *The wonder library*, incomparavelmente melhor que a bibliotheca das Maravilhas da Companhia Editora ou da Bibliotheca de Educação Nacional, editadas em Portugal.

Faço uma pausa na investigação e insensivelmente começo a evocar as livrarias do meu paiz; a memoria vai desentranhando factos e cousas. Lembro-me do *Champloni* na Bahia e do Pedro Chaves, alfarrabistas que durante minha meninice me vendiam a cousa unica que apresenta até hoje remota analogia com as magnificas collecções que estavam me despertando tantas impressões. Recordava-me da modesta, despretenciosa "Bibliotheca do Povo", publicação luzitana já de ha muito extincta e que hoje faz as delicias de meu filho. A unica tentativa no genero para o publico brasileiro-portuguez, foi uma cousa franzina, barata, bem feita na sua despretensão, e, bem melhor que a nova collecção — "Os livros do Povo".

Quando viajo comparo, e sempre que cotejo, entristeço. Na doce penumbra daquella livraria, sentado a folhear uma serie de publicações officiaes que se achava á venda, eu, esquecido do tempo que corria, comecei a reflectir: provavelmente no Brasil,

sou tido como pessimista, mas, o optimismo dos meus compatriotas é baseado na necessidade de mentirem a si proprios; esta reflexão foi talvez evocada pelo facto de estar manuseando um outro livro: "Impressions of South Africa", de Bryce. Occorreram-me as paginas que Lord Bryce escreveu sobre o Brasil, as amargas verdades que disse sobre a incapacidade dos nossos governos; curioso, pensei eu para mim mesmo, no Brasil o Governo é muito mais atrasado que o povo, a massa não vale nada, é a carneirada soffredora, os dirigentes, á parte honrosas excepções, se tivessem descortino já teriam transformado o povo em uma cousa util e adiantada; porque, continuava eu pensando, na Africa do Sul o nativo é atrasado, a natureza é pobre, não constitue ainda uma nação livre; ha um conflicto desesperado entre os descendentes dos Hollandezes e Inglezes e odio invencivel das duas raças brancas contra os pobres negros, que são tratados como alimarias; no entanto, o paiz progride de maneira extraordinaria, porque os detentores do poder são homens adiantados e de horizontes largos. Estava me deixando levar por taes reflexões, quando me reapareceu o gerente, que se poz a prosear.

Queria colher informações sobre meu paiz, procurando por sua vez desforrar-se da minha curiosidade sobre a Africa do Sul. Eu lhe dava algumas respostas e engatilhava uma serie de perguntas sobre a Africa. Travava-se um duello bastante original, onde, modestia á parte, eu levava evidente vantagem, defendendo ferozmente o meu tempo para aproveitá-lo o maximo possivel em colher dados.

Descambei para o terreno da arte: disse-lhe que notava grande ausencia de obras e revistas sobre arte, pois nem a tão conhecido *The Studio* lá estava, e aventurei-me em affirmar que, nesse particular, a livraria mais importante da Africa do Sul pouco me poderia mostrar. O interlocutor sorriu e levou-me ao departamento dessas cousas; eu acertara, o sector de taes obras era pequeno e não contaria muito mais volumes de obras inglezas de que dispõe a casa *Crashley* no Rio; em compensação, mais adiante, a parte referente aos romances policiaes era de uma riqueza nababesca.

Quando julguei o amavel inglez traumatizado com a minha caceteação, despedi-me, certo de que o aliviava da minha presença, porquanto durante algumas horas me transformára em verdadeira machina de fazer perguntas, com a aggravante de escrever as informações mais interessantes e os dados que não poderia ficar retidos de memoria. Antes de sahir, porém, ainda achei meios de lhe dar uma pequena sécca ao descobrir a secção de livros para crianças; ahi sim, a riqueza era grande, desde

Buster Brown, plagiado pelos jornaes de crianças do mundo inteiro, e no Brasil baptisado pelo nome de *Chiquinho* com o seu inseparavel companheiro *Jagunço*, até as collecções impressas em panno com gravuras coloridas, ou as preciosas edições publicadas por Frederick Warne & Comp. e illustradas por G. D. Rowlandson, biographando as travessuras dos totós e feitas de tal modo que eu, a pretexto de adquirir exemplares para os meus filhos, comprava-as mais para mim. Finalmente, antes do pacote ficar prompto, comprei e ainda encontrei geito de nelle encaixar, uma edição ingleza do mundialmente conhecido livro allemão *Struwelpeter*, magnificamente illustrado, e que as crianças brasileiras denominam de *João Felpudo*.

Sobraçando um pesado embrulho de livros, agradei e sahi. No dia seguinte percorri as livrarias restantes, então rapidamente. Buscava adquirir alguns livros sobre a Africa do Sul e sobretudo um compendio da historia sul-africana que dedicasse alguns periodos a Vasco da Gama: não encontrei; todos resumiam a descoberta do grande navegador portuguez em algumas palavras. Apenas na grande Historia da Africa do Sul em 10 volumes, recém-apparecida, os gloriosos feitos maritimos dos portuguezes, maravilhas de energia que sómente se póde imaginar viajando o Oriente, eram tratados com mais minucias, embora sem grandes encomios. Não encontrei o que procurava na cidade do Cabo; fui desencaval-o na interessante East-London, ás margens do pitoresco *Buffalo River*, onde as livrarias são tão numerosas como as casas de barbeiro, em que se alojam. Percorri-as todas, porque um mostruario de livros exerce sobre mim a mesma fascinação que as vitrines de joias devem ter sobre as mulheres.

Achei o que desejava no compendio de Dorothea Fairbridge, *A History of South Africa*, editada em 1908 e que trazia uma reproducção de Vasco da Gama na primeira pagina. Um capitulo inteiro era dedicado aos *The Great Adventurers* e os applausos á bravura, coragem e tenacidade dos portuguezes não eram regateados. A escriptora, como mulher, deixara-se fascinar peio assombroso arrojo de que deram prova os homens lusitanos. Nunca mais o mundo assistirá a epopéa semelhante. Pela primeira vez na existencia, sentia-me orgulhoso de descender de portuguezes. O que aquelles homens realisaram em navios á vela de 50 toneladas, isto é, mais de mil vezes menores que o *Titanic*, desapparecido em instantes num accidente maritimo, é na verdade inconcebivel.

“Tão grande como o mar e como o mar profundo e infinito” foi a medida encontrada por uma mulher para definir seu grande

amor nos fulgentes versos de Illica. Tal mensuração com maior justiça se applicaria á impavidez dos navegadores portuguezes que, diante da immensidade daquelles oceanos agitados pelas maiores tormentas com que as forças da natureza affirmam seu infinito poder, deram sem querer uma demonstração pratica, ao poetico e biblico versiculo de que Deus fizera o homem á sua semelhança, mesmo no seu valor.

As livrarias, quasi não existentes em Mossel-Bay e Port Elisabeth, resurgem em Durban, na West Street, geralmente como casas mixtas, livraria e papelaria. A provincia do Natal tem por capital *Durban*.

O bello vocabulo portuguez, dos mais sonoros da lingua, devia evocar, com seu presepe mystico, todas as aspirações de liberdade, egualdade e fraternidade surgidas tantos seculos depois. No entanto, de tudo que o heroismo lusitano forjou entre os areiaes e montanhas da Africa do Sul e as sempre encapeladas aguas do Oceano Indio, salvaram-se do naufragio apenas alguns nomes a recordar feitos passados. O de Natal surge ali como nota de clarim ao alvorecer, cheia de promessas e esperanças, menos para a raça negra, *os nativos*, como os brancos inglezes a chamam.

O sul-africano branco põe um cuidado immenso em destruir tudo quanto o portuguez realisou; dia a dia um nome inglez substitue a denominação lusa: nisso e na perseguição innominavel com que torturam os negros, os descendentes dos hollandezes e inglezes vivem de mãos dadas. No odio que consagra ás raças de côr, o sul-africano branco é o irmão gêmeo do norte-americano. Nisto e no modo de encarar o que com justiça se deveria denominar pre-historia é Historia Universal, propriamente dita. Nota-se, porém, pequena divergencia quanto á data exacta em que deve terminar uma e se iniciar a outra. Pelo que pude até hoje observar, julgo que os dois povos estão sinceramente convencidos de que a pre-historia é um periodo muito mais largo e obscuro do que se pensa. Pelos estudos e rigorosas observações por elles effectuados, a verdadeira Historia Universal começa, para o norte-americano, com o nascimento de George Washington, emquanto o sul-africano é de opinião que ella se inicia com a chegada á Colonia do Cabo, em 1652, do navegante hollandez Johann van Riebeeck.



O FILHO

MARIO SETTE

Odette viera duma volta ligeira pelas trilhas olentes do jardim, trazendo um ramo de rosas brancas, nascidas ao sol da manhã radiosa. O roupão de seda roxa enluvava-lhe as linhas flexuosas do corpo; os cabellos profusos, acastanhados, captivos negligentemente, davam-lhe delicioso ar de desalinho intimo ao rosto amorenado, redondo, ainda bem moço.

Ficando as flores no jarrão de porcelana japoneza do piano, ella sacudiu-se no divan de brocado azul claro, estirou as pernas, accommodou a cabeça na almofada de velludo e abriu, diante da vista, uma brochura, reencetando a leitura na pagina assignalada por um grampo de tartaruga.

Pouca a pouco, enlanguescida, ao mormaço que se filtrava através as vidraças, velaram-se-lhe os olhos, as mãos tombaram ao longo do corpo e a brochura escorregou até o tapete felpudo...

INALDA

(entrando subtilmente e abrindo o leque de gaze crême sobre o rosto da amiga)

Cochila-se ou sonha-se acordada?

ODETTE

(sobresaltada, reabrindo as palpebras, sentando-se)

Quem -!! Ah! você?! Queria me matar de susto? Sinto o coração aos saltos...

INALDA

(abancando-se diante de Odette)

Será mesmo de medo? Nem só por isto, os corações batem... *(apanhando o volume)*. Pobresinho do livro! Maltratado... Que lia você? *Ames Modernes* de Henry Bordeaux. Vamos ver...

(*abre uma pagina, lê alto*): "L'union conjugale qui n'est pas fondée sur le choix responsable et libre des deux êtres s'aimant, parce qu'ils se connaissent, est le fruit d'un mensonge initial, destiné a corrompre les deux vies des epoux et a briser leur bonheur". Muito bem e de accordo! Tão melindrosa, tão delicada é essa conjugação de espiritos! Dahi o perigo das nupcias...

ODETTE

(*apprehensiva*)

— Você pensa assim? Nem por isso o seu lar deixa de ser bonançoso.

Egoismo? Você é tão feliz!

INALDA

O que me autoriza a julgar das agruras moraes soffridas pelos casaes desavindos, incompreendidos de genios, divorciados dessa solidariedade de idéas e de acções que é alicerce dos solares felizes. Deveria, para os que se amam, haver um curso de aprendizagem reciproca, de estudo dos caracteres, de geito a cada um ficar bem conhecendo áquelle ou áquella a quem se procura eleger para companheiro eterno... Quantos dissabores evitados, quantas promessas premidas nos labios, quantas uniões a tempo desatadas! Todavia, o que vemos hoje? Os corações se associam num vespéral cinematographico ou numa partida de futebol e... chumbam-se pelo matrimonio. Depois...

ODETTE

(*em tom malicioso, sorrindo, apoiando a cabeça no braço recurvo*)

Chi! Você vem hoje com idéas travosas a respeito do casamento! Estou com pena da sua filha, quando crescer e amar... Ha de ser tarefa difficil achar-lhe noivo... Pois, minha negra, trazia um segredo para confiar-lhe, na primeira oportunidade. Quiz o acaso que você mesma o provocasse. Escute: — tenho pensado em me casar de novo...

INALDA

(*surpresa*)

Você!!

ODETTE

(*meio agastada pela exclamação da outra, mas simulando agradecer, pondo-se de pé, espiando-se ao grande espelho do salão*)

Nem tão velha estou, nem tão feia me acho, para comprehender esse seu espanto, Inalda! Os espelhos não mentem e aquelle me mostra, sem artificios, sem atavios de rua, ainda fresca, ainda cubicavel... Demais, pouco tola sou que desentenda os olhares com que

me cercam, os desejos dos que me fazem a côrte, apesar do meu retrahimento de viuvez...

INALDA

Oh! filha! Você traduziu mal a minha admiração. Nunca poderia ser ella depreciativa aos seus dotes phisicos nem moraes. Você, máo grado os annos corridos, ainda é a mulher graciosa, bonita, que tanto entonteceu o rapazio, em solteira. Sobresaltou-me, apenas, o receio das segundas nupcias, maximé quando as primeiras foram tão afortunadas...

ODETTE

(confidencial, tornada ás boas)

Sim, Inalda, eu sei quanto é perigoso arriscar duas vezes sorte tão vária. Mas... vivo tão só, tão melancholica! O Jayme, no collegio. Nem siquer posso abrir minha casa a visitas, a reuniões... Daria que falar. Assim, sendo casada...

INALDA

E o Jayme?

ODETTE

Por bem delle, mesmo, tambem... Sahindo do collegio, quer formar-se, quer fazer carreira, subir... Quem o amparará na vida? Eu sou mulher... Precisaré dum amigo, affeito á sociedade, privando das boas rodas, que lhe dê a mão e o ajude. Quem melhor do que o padrasto?...

INALDA

(apprehensiva, num ar escarninho)

Ah! o padrasto?! Que problema você vae resolver! Já não é somente o buscar marido que não fique em inferioridade diante do confronto mental com o "outro". Precisa você alcançar o bom padrasto, esse trevo de quatro folhas, rarissimo, quasi lendario... Pretendentes, sei-o, não rarearão! — appetecivel bastante será viuva nova, linda, cercada de roseiras raras em vivenda propria... O padrasto!...

ODETTE

E si eu disse a você, muito em confiança, que penso em acceitar a mão de Lourival de Mattos? Homem de educação severa, polido, distincto, capaz de sentimentos altos, de orientar meu filho para o bem... O Lourival de Mattos, engenheiro, sabe?

INALDA

Conheço-o de vista e de nome. Nada sei que o desabone no conceito geral. Você poderá acertar e este é o meu maior desejo. Todavia, como amiga de infancia, quiz alertar o seu espirito para o balanço da decisão... Estude muito o character desse homem, procure privar com elle, sondar-lhe o genio, prescrutar-lhe a sinceridade...

dade... antes dum compromisso. Nos noivados, tudo se promette, tudo se finge. Cabe a você separar o joio...

ODETTE

Hei de ser sensata.

INALDA

E c Jayme? Sabe dalguma cousa, desconfia, nunca falou na possibilidade de você se casar outra vez?

ODETTE

Vive tão absorvido pelos estudos! Agora mesmo, em férias, pouco larga os livros. Está na saleta de leitura, que foi do pae, agarrado ás lições...

INALDA

Por certo tem sêde do saber, quer ser homem para amparar a viuvez materna, recompensar os trabalhos da sua educação, ser arrimo da sua velhice. Esse é sempre o fito generoso dos bons filhos. Naturalmente, minha amiga, elle vae olhar com tristeza a idéa dum padrasto... Com quinze annos, já se presume o dono da casa. Doer-lhe-ha sobremodo essa sua resolução. Não quero toldar a doçura dos seus planos, mas auguro amarguras para o pobre rapaz...

ODETTE

(preoccupada, arranjando desculpas para si mesma)

Pode ser tudo verdade, não nego, porém, daqui a pouco, quando escolher namorada, ha de se ir com a "mulhersinha", fazer-lhe as vontades, esquecer a mãe... E eu, como recompensa, ficarei aqui sosinha... e velha...

INALDA

(sungou os hombros, incredula, desistindo de argumentar, ingando apenas)

Mas, afinal, como nasceu esse amor? Já dura ha muito?

ODETTE

Cousa de trez mezes. Vimo-nos em casa de d. Sinhasinha Rocha. Falamo-nos ligeiramente. Depois... um encontro na cidade, outros de relance e, hontem, elle me escreveu... Uma carta banhada de carinho, cheia de respeito. Quero mostral-a a você... Está aqui...

Levanta-se do divan, procura a missiva numa gavetinha de sua secretária de pau setim. Remexe, remexe, debalde. Queda a recordar-se onde puzera... Fica assim, uns segundos, a mão no queixo, o olhar vago... De subito, lembra-se que a estivera relendo, de manhãsinha, na saleta de leitura...

INALDA

(gracejando)

Talvez você a traga no seio, junto ao coração...

ODETTE

(agoniadíssima, pegando as mãos da amiga)

Ai! minha negra! Eu acho que a carta cahiu na saleta onde Jayme está estudando. Agora, me lembro: — elle chamou-me quando eu relia as phrases do Lourival; vim ás pressas falar-lhe, escondendo o papel no bolso do roupão e, agora, não o encontro, nem aqui, nem na gaveta...

INALDA

Vamos até lá... Eu distraio o Jayme e você procura, torna a esconder...

ODETTE

Estou a tremer...

INALDA

(animando-a, puxando-a pelo braço).

Vamos, medrosa...

Transpõem o corredor alcatifado, chegam á porta da saleta, velada pelo reposteiro de gorgurão côr de cereja. Inalda levanta as dobras do velario e a ambas, surpresas, extaticas, surde o vulto de Jayme, curvado sobre a antiga mesa de trabalho paterno, rosto mettido entre os braços, a soluçar...

ODETTE

(commovida, approximando-se do filho, divisando, diante d'elle, aberta, molhada de lagrimas, a carta de Lourival de Mattos)

Jayme, meu bem, que é que você tem?

JAYME

(erguendo a cabeça, decisivo, entregando-lhe a missiva)

Que foi que mamãe respondeu a isto?

ODETTE

(rasgando lentamente o velino, beijando Jayme, depois)

Que uma mãe não se casa, outra vez, quando tem um filho como você...

Inalda sorria, vendo-os abraçados. Pela janella aberta, o vento golfava, redemoinhando no chão os fragmentos da carta. No jardim, entre os roseiraes em flor, bando de pombas brancas vojavam, rasteiros, talalando as azas, poucando no amplo peitoril da saccada em ogiva...



PLAGIOS E PLAGIARIOS

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA

Plagio! Poucas palavras possuem tão notavel elasticidade de poder e tão extraordinario poder de elasticidade como essa. Tambem poucas têm sido applicadas tão erroneamente pelos zoilos de todos os tempos. Qualquer ideia de um auctor que se encontra expressa de maneira identica em outro anterior, é por elles logo marcada com o estygma fatal. E' todavia muito commum o plagio inconsciente, até em escriptores de boa nota. E' muito facil mesmo a um homem de talento apoderar-se de ideias alheias e repetil-as inconsciente, como proprias. Muito commum, muito facil e muito natural. Naturaes o são, igualmente, as chamadas ideias sympathicas que apparecem expressas de maneira identica em mais de um escriptor. Isso de modo algum constitue plagio. Acontece tambem, que um escriptor se apropria de uma ideia alheia expondo-a porém com muito mais belleza de forma, como acontece com o *Mal Secreto* de Raymundo Correia. Aqui o poeta brasileiro soube muito melhor que Metastasio exprimir a ideia contida nestes versos do italiano, indicados geralmente como fonte do bello soneto que constitue uma das joias mais mimosas da lingua de Camões:

Se a ciascun l'interno affano
Si legesse in fronte scritto
Quanto mai che invidia fano
Ci farebbero pietà
Si vedria che i lor nemici
Hanno in seno; e si reduce
Nel parere a noi felice
Ogni lor felicità.

A justiça mesmo, da accusação que lhe levantaram de se ter servido da ideia de Metastasio é contestavel e, muito provavelmente, injusta. Charles Nodier cita uma phrase de Philippe de Commynes que se encontra expressa da mesma maneira em nada menos de tres, e dos maiores, escriptores da antiguidade: Tacito, Seneca e Cicero. Ha aqui, é o proprio Nodier quem o affirma, um simples parentesco de pensamento, extremamente natural. Os criticos francezes por muito tempo accusaram a Calderon de ter plagiado o Corneille de *Heraclius* em sua comedia *En esta vida todo es verdad y todo mentira*. Existem com effeito, versos inteiros que parecem transladados palavra por palavra quasi, da tragedia de Corneille.

Acham-se, por exemplo, nos mesmos termos, em Calderon, estes versos celebres da mesma tragedia:

O malheureux Phocas! O trop heureux Mauricel
Tu retrouves deux fils pour mourir après toi!
Je ne puis trouver un pour regner apres moi!

E' improcedente porém, nesse caso, a accusação de plagio feita a Calderon, porquanto a sua comedia foi representada quatro lustros antes de apparecer o *Heraclius*, quando Corneille era apenas um adolescente, embora só a tenha publicado vinte annos depois deste o ter a sua, isto é, em 1664. O problema até hoje continua sem solução apesar de o terem longamente discutido, varios criticos, entre elles Voltaire, Vignier, J. E. Hartzenbuch e A. de Latour ⁽¹⁾. O que parece mais provavel é o terem ambos se inspirado em alguma fonte antiga que até agora ainda não foi encontrada. E' esta tambem a opinião de Latour. Não era então virtude muito em voga, a honestidade literaria. Montaigne vangloriava-se de plagiar Seneca e Plutarco. Molière dizia a seu turno: "Je prends mon bien ou je le trouve".

O cavalheiro d'Acelley escrevia versos desta estofa:

Si je fais par rencontre une assez bonne pièce,
L'antiquité me dit d'un ton appesanti
Que je vais la piller jusqu'au pays de Grèce,
Sans le respect de la vieillesse
Je dirais qu'elle en a menti.

E' ainda o mesmo d'Acelley quem escreve esta estrophe:

Je n'ai pas fait un epigramme,
Que l'antiquite la reclame
Et me dit d'une fière voix:
Non ami, c'est la vieille gamme
Pour celà tu me la dois
Elle a menti la bonne femme
Ce n'est pas la première fois.

O proprio Calderon tambem não era lá um modelo de honestidade, como não o eram seus contemporaneos e compatriotas em geral. O critico Arthur Farinelli assim se refere aos habitos literarios da época e do ambiente em que vivera o grande comediographo:

"Una "comedia" rappresentata era patrimonio commune specie, d'invenzione messa al mercato; ed era natural provedersi di quanto più sembrava convenire per l'opera novella. Il plagio non impensieriva, perché correntissimo; ne si riteneva obbligo allora togliersi tutta dal l'interiore la creazione drammatica, raggrupparia attorno ad un unico centro di vita. Si sceglievano scena, episodi, piccoli quadri, immagini, e si aggiungevano al quadro o all'azione principale, senza preoccuparsi gran fatto dell'harmonica fusione dell'insieme" (2).

O grande comediographo hespanhol, de facto, em seu drama de Absalão, copia scenas inteiras de Tjrso de Molina. Em outros logares plagia com preferencia Lope de Vega, Mira de Amescua e outros. George Brandes descobre reminiscencias do Falstaff de Shakespeare, "incomparavelmente, a figura mais alegre, a mais concreta e mais interessante na comedia européa", no *Gracioso* de Calderon como no Moron de Molière, mas logo rectifica seu asserto, dizendo ser certo, entretanto, que nem Calderon, nem

(1) Veja-se deste, o livro: "Espagne Religieuse et Literaire" — Pierre Corneille et J. B. Diamante. Paris, 1863, pag. 113.

(2) A. Farinelli — "La vita è un sogno" — Torino, 1916, vol. II, pags. 255 e 256.

Molière conheceram Shakespeare ou Falstaff. Shakespeare por sua vez não era influenciado por nenhum de seus predecessores, na parte comica, quando concebeu o seu celebre personagem. Um dos poucos grandes escriptores que o antecederam os quaes, sabe-se que conheceu, foi Rabelais, devido a alludir a elle em *As You Like It* (III. 2), onde Celia diz, quando Rosalinda faz-lhe uma duzia de perguntas e pede a sua resposta em uma palavra:

"You must borrow me Gargantua's mouth first: 'tis a word too great for any mouth of this age's size".

Brandes faz a comparação então entre Falstaff e Panurgio. Se compararmos Falstaff a Panurgio vemos que Rabelais fica para Shakespeare na relação de um Titan para um deus do Olympo. Rabelais é gigantesco, desproporcionado, potente, mas disforme. Shakespeare é menor e menos excessivo, mais pobre em ideias, embora mais rico em fantasias, e moldado com muito maior firmeza de contornos. Logo adiante diz: "A rudeza de Shakespeare comparada a de Rabelais, é uma estrumeira comparada á *Cloaca Maxima*". Depois de ter experimentado toda sorte de comparações entre o auctor do Hamleto e o de Pantagruel, em que este parece guardar a dianteira, o grande critico dinamarquez estaca repentinamente com esta phrase subita: "Mas Shakespeare era o que não foi Rabelais, um artista; e como artista elle era um verdadeiro Prometheu em seu poder de crear seres humanos". Além disso, como artista elle possui a exuberante fertilidade de Rabelais, e chega até a ser-lhe superior. Max Muller notou a opulencia de seu vocabulario, em que elle parece ser maior que qualquer outro escriptor. Um libretto de opera italiana raramente contem mais de 600 ou 700 palavras. Um inglez illustrado usa actualmente nas relações sociaes, raramente mais de 3.000 ou 4.000. Calculou-se que pensadores finos e grandes oradores na Inglaterra são mestres de 10.000 palavras. O Velho Testamento possui somente 5.642. Shakespeare, em seus poemas e peças theatraes empregou mais de 15.000 palavras (3). Nada disso entretanto, quer dizer que o grande poeta inglez tenha deixado de sentir a influencia de escriptor algum. A de Montaigne, por exemplo é insophismavel. F. Michel prefaciando uma traducção franceza de suas obras nota que Shakespeare copiou uma passagem do 1.º livro das obras de Montaigne na conversa entre Gonzalo, Antonio e Sebastião na *Tempest*. Jacob Feis em seu livro sobre Shakespeare e Montaigne estuda detalhadamente as analogias entre os dois escriptores. Alguns outros procuraram ligar o poeta inglez a Giordano Bruno (4). Em tudo isso ha certamente algum exagero. Malone, todavia, estudando pacientemente 6.043 versos do auctor do Hamlet, como se fizesse uma analyse chimica, chega a este interessante resultado: 1.771, pertencem a predecessores de Shakespeare; 2.373 foram apenas modificados por elle; 1.889, finalmente, apenas, puderam ser attribuidos ao grande poeta e mesmo esses se houvessem elementos mais seguros para se investigar a sua origem talvez não pertencessem a elle, affirma aquelle critico. Por outro lado os imitadores ou *sequipedj* do grande poeta são numerosissimos. Brandes compara o trio de Goethe, Fausto, Margarida e Valentim ao de Shakespeare, Hamleto, Ophelia e Laertes e estuda largamente a sua influencia sobre os modernos escriptores russos e polacos. Dumas pae foi accusado de ter transposto para suas obras, scenas inteiras de Schjller e muitos trechos de Walter Scott. Se formos nos reportar a antiguidade, veremos que o maior poeta depois de Homero tam-

(3) George Brandes — William Shakespeare — London 1917, pg. 182.

(4) Vide R. Beyensdorff — Giordano Bruno und Shakespeare — Oldenburg, 1889.

Si sou um menino
gordo e corado
devo tudo ao
Biotônico
Fontoura

BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE



Torna os homens vigorosos, as mulheres
formosas, as crianças robustas

**CURA A ANEMIA
CURA A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA**



**AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE**



MODO DE USAR: BIOTONICO elixir

Adultos: 1 colher das de sopa ou meio calice antes do
almoço e antes do jantar.

Crianças: 1 colher das de sobremesa ou das de chá,
conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos: 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças: 1 pastilha.

BIOTONICO injectavel

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em in-
jecção intramuscular.

COM O USO DO

BIOTONICO

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças com volta de appetite.
- III — Desapparecimento completo das dôres de cabeça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intenso dos globulos sanguineos e hyperleucocytose.
- V — Eliminação completa dos phenomenos nervosos e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do abatimento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos debilitados, predispostos e ameaçados pela tuberculose.
- VIII — Maior resistencia para o trabalho physico e melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e de saude.
- X — Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a mais antiga.
- XI — Após o parto, rapido levantamento das forças e consideravel abundancia de leite.
- XII — Rapido e completo restabelecimento nas convalescenças de todas as molestias que produzem debilidade geral.



O Biotonico Fontoura
julgado pela probidade
scientifica do professor

DR. HENRIQUE ROXO

Attesto que tenho pres-
cripto a clientes meus o

Biotonico Fontoura

e que tenho tido ensejo de ob-
servar que ha, em geral, re-
sultados vantajosos. Particu-
larmente, mais proficuo se me
tem afigurado o seu uso quan-
do ha accentuada denutrição
e occorrem manifestações ner-
vosas, della dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de Se-
tembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Belfort Roxo
Professor de molestias
nervosas da Faculdade de
Medicina do Rio.

O que diz o preclaro DR.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constan-
temente em minha clinica o

Biotonico Fontoura

e tal tem sido o resultado
que não me posso mais furtar
a obrigação de o receitar.

Rio de Janeiro, 10 de
Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clinica Medi-
ca da Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Atteste ter empregado com
os maiores resultados na cli-
nica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro 12 de
Julho de 1921.

A. Austregesilo

Professor cathedratico da
clinica neurologica da Facul-
dade de Medicina do Rio de
Janeiro.

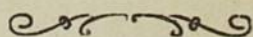
Palavras do eminente
scientista Exmo. Snr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a doentes
meus e sempre que lhe acho
indicação therapeutica o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de
Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira



Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & C.^{IA} — S. Paulo

bem foi accusado de plagio: Macrobio affirma que Virgilio nas Bucolicas imitou Theocrito, nas Georgicas, Hesiodo e nesta ultima obra tirou os prognosticos das tempestades e da serenidade, do livro dos Phenomenos de Arato. Transcreveu, affirma ainda o auctor das Saturnaes, quasi palavra por palavra a Pisandro na descripção da ruina de Troya, o episodio de Sinon e do cavallo de madeira e enfim tudo o que compõe o livro da Eneida. Os combates da Eneida são tomados da Illiada e as viagens de Enéas são imitadas das Ulisses. Macrobio transcreve uma centena quasi de passagens da Eneida que foram traduzidas mais ou menos fielmente de Homero, reconhecendo embora que Virgilio em alguns delles exprime-se de modo superior ao immortal poeta grego. Além dessas de Homero encontrou nas obras de Virgilio 25 passagens de Ennio, 14 de Lucrecio, 5 de Furio, 2 de Lucilio, 1 de Pacuvio, 1 de Suevio, 1 de Naevio, 2 de Vario, 2 de Catullo e 5 de Accio. Ao todo 58 passagens.

E' verdade que nessa epoca como na de Montaigne e na de Calderon o plagio não era crime. Afranius, comediographo latino, respondia aos que o accusavam de ter plagiado a Menandro, e diz mais, que tomou muita cousa dos escriptores mesmo latinos em que encontrou algo que lhe conviesse.

Se Virgilio foi um plagiario, o foram tambem Dante e Camões que o imitaram em varias passagens. Já se tem encontrado semelhanças entre Camões e Petrarca o que não é de admirar visto a grande influencia que a poesia italiana exerceu sobre os quinhentistas portuguezes. No mais celebre soneto do grande vate portuguez, o L, ha muitas analogias com estes versos de Petrarca:

Quest'anima gentil che si disparte
Anzi tempo chiamata a l'alta vita. etc. ...

Carolina Michaelis indica como fonte do celebre soneto XIX os versos de Petrarca:

gran padre schernito
Che non si pente e d'aver non gl'incresce
sette e sett'anni per Rachel servito.

O sr. João Ribeiro nega porém a fonte petrarqueana desse soneto dizendo que antes, deve alguma cousa ao Genesis: "*videbantur illi pauci dies proe amoris magnitudine*", que corresponde ao ultimo terceto da poesia de Camões:

Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: mais servira, se não fôra
Para tão curto amor tão curta a vida! (5)

O sr. Alberto de Faria indica por seu lado a origem de varias passagens de Camões em seu estudo *Fontes Camoneanas* a pag. 267 das *Aerides*. Milton tambem foi accusado de ter plagiado no *Paradise lost* ao Adamo de Andreini e a *Sarcotis* de Masenius. Bacon, diz-se plagiou em sua obra *De augmentis scientiarum* a Loys Regius no tratado das vicissitudes das sciencias. Esta obra tambem forneceu a Brerewood seu ensaio sobre as diversidades das religiões e das linguas. Racine imitou a Routrou e Rabalais. Molière e Scarron, Plauto e Tirso. Corneille a Guilhelm de Castro e Diamante. Nodier affirmava que quem lêsse com escrupulosa attenção

(5) João Ribeiro — "Sete annos de pastor..." — "Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas" — 31 de Março de 1916.

os *Essais* de Montaigne e as *Pensées* de Pascal veria que este plagiou abundantemente aquella. E assim conclue: "Toutes reflexions faites, je me crois obligé de reconnaître que la plagiat de Pascal est le plus evident et le plus *manifestement intentionnel* dont les fastes de la littérature offrent exemple". Ha, sem duvida, certo exagero nesse asserto, o que não nos impede de afirmar que Pascal se inspirou abundantemente em Montaigne. Brunetière affirmava que Baudelaire plagiou com frequencia Lamartine, Sainte Beuve e outros. E' essa accusação como a de immoralidade a preferida dos zoilos de hoje. O que poucos notam é uma especie de plagio muito abusada por escriptores modernos e que consiste na repetição frequente de phrazes feitas e de logares communs e até mesmo de pensamentos, de ideias e de expressões já empregadas pelo proprio auctor. Farinelli cita de Calderon a expressão *vibora humana* usada nove vezes em phrazes semelhantes no sentido, em *La vida és sueño*, *La hija del aire*, *En esta vida todo és verdad y todo mentira*, *Las manos blancas no ofenden*, *Los tres aspectos de amor*, *El mayor monstruo los celos*, *La devocion de La Cruz*, *Duelos de amor y lealtad*, *Los encantos de la culpa!* Faguet em um artigo publicado em 1910 na *Revue* a proposito de um livrinho de A. Seché e J. Bertaut repete as accusações de Brunetière contra o auctor das *Fleurs du Mal* e diz entre outras cousas, que esse innovador não possui ideia alguma nova. E' preciso, affirma, de Vigny chegar até Sully Prudhomme, para encontrar ideias novas nos poetas francezes. "Jamais Baudelaire ne traite que le lieu commun fripé jusqu'à la corde". E exemplifica, procurando demonstrar que as mais notaveis poesias de Baudelaire tratam de assumptos já muito batidos por todos os escriptores que o antecederam. Um critico italiano applicando o mesmo systema chega a conclusão de que as maiores obras primas da poesia nunca sahiram do ambito estreito do logar commun. Em *La Ginestra*, de Leopardi, a natureza não cuida dos homens. Em *I Sepolcri* de Foscolo, os povos civilizados devem honrar os tumulos. Em *La mort du loup* de De Vigny, o homem deve soffrer e morrer em silencio. Em *Moïse*, do mesmo: a grandeza e o dominio fazem o homem solitario e infeliz. E termina: "E todos os maiores poemas, da *Divina Comedia* ao *Fausto*, que outra cousa seriam, mais que uma agglomeração de taes vulgaridades? (6). Se nos reportarmos á mais alta antiguidade veremos que a belleza feminina foi sempre o motivo preferido dos poetas e escriptores de todos os tempos. Mantegazza estabeleceu esta equação que elle chama inexoravel e que em certo modo justifica a preferencia a que nos referimos:

Il bello — il piacere.

Helena, Circe, Laura, Beatriz, Ignez de Castro, Julieta, Margarida e Eleonora não serão, acaso, tão immortaes como Homero, Petronio, Petrarca, Dante, Camões, Shakespeare, Goethe e Poe?

O amor, que foi cantado por todos os poetas e sempre o será, não é por accaso um thema inexgotavel em todas as suas numerosas variações e modalidades. O adulterjo que, alguns deram como invenção da escola naturalista tambem não será um velho thema? Já não foi cantado por Homero na *Illiada* e por Dante no imperecivel canto V da *Divina Comedia*? O episodio de Paolo Malatesta e Francesca de Rimini não se repete hoje em quasi todos os dramas, em quasi todos os romances?

Nesse caso não se póde considerar nenhuma das modalidades e consequencias do bello feminino, seja este o bello classico, o bello sensual ou o bello gracioso, as tres formas fundamentaes em que o divide Mantegazza,

(6) A. Soffici — "Statue e Fantocci", "Scritti Litterari" — Firenze, 1919, pg. 180.

themas gastos para a arte. Stechetti que quiz introduzir nella a belleza sensual, segundo uma concepção sua com a *arte nuova*, indignava-se contra os amores descriptos pelos poetas anteriores, os quaes tendiam a fazer da poesia um mar de leite e mel. Cahiu, entretanto, como em geral os escriptores naturalistas, no extremo opposto, tambem censuravel. As poesias que se seguiram ao *Posthuma* ficaram sendo, em grande parte, um mar de veneno e fel. Abominava o sentimentalismo amargo e plangente dos poetas anteriores: *cant* e hypocrisia que eram alçados as honras de canones da arte, dizia elle. Nos poetas anteriores, Vittorelli triumphava, e Nice Silva, *l'amica lontana* eram os perpetuos modelos. Os mais audazes chegavam até a Elvira de Lamartine. O que se tornava necessario introduzir na arte, isto é, "a verdadeira mulher com suas fraquezas, a filha de Eva como a fez a natureza", foi o que tentou. Mas fechou-se nesse circulo estreito. "Se ve que su conciencia se adapta a su pequeno mundo de imagines voluptuosas o ironicas, como la rana a su charco", disse Rodo. "No aspira a nada mas". Cahira por sua vez em outra serie de lugares communs diversa da que combatia. O grande pensador uruguayo teve para isso uma expressão feliz, das que se encontram á ufa em toda a sua obra admiravel. Escolheu para a poesia do auctor das *Rimas de Argia Sbolenti*, o qualificativo de "poesia de galinheiro". Explica todavia que ninguem póde negar que nos galinheiros caiba tambem sua especie caracteristica de poesia. "Imaginae, sobre um quadro de sol e de verdura, o gallo lucido, altivo e ardente; com o seu cortejo de esposas; lançando ao ar matinal, o clangor vibrante de seu clarin, e recolhendo, sem perder seu garbo nem seu entono, os dourados grãos espalhados pelo solo". Ha nesse quadro sem duvida, belleza, ha graça, ha expressão. Mas é que "acima desse agradavel cercado, está o espaço immenso onde a aza da aguia quebra os ventos e as nuvens e aonde cantam, entre as copas das arvores, os passaros de Floreal." (7).

Stecchetti na poesia italiana combatera o motivo que se tornou lugar commum. Em Portugal o sr. Eugenio de Castro combateu as expressões lugares communs. E citava algumas que em verdade eram retornellos continuos na poesia luso-brasileira. E proseguia o auctor de Belkiss em seus ataques á pobreza franciscana das rimas e á não menos franciscana pobreza do vocabulario. O interessante é que os innovadores inimigos de lugares communs, naturalistas, parnasianos, symbolistas, decadentes e mysticos, se deram cabo dos antigos, abríram mão de uma chusma de novos. Diversos mesmo, sob outras formas, repetiram alguns já bastante estafados. Zola então, foi nesse ponto um prodigio. Leon Bloy, o terrivel, o temivel Leon Bloy, escreveu a proposito esta phrase que parece ter sahido da bocca de um Ruy Barboza: "O sr. Zola é o Christovam Colombo, o Vasco da Gama, o Magalhães, o grande Albuquerque do lugar commum". E no mesmo tom, continúa: "Elle equipa uma frota de trezentos navios e adianta um exercito de trinta mil homens temerarios para descobrir que "na vida nem tudo são rosas", que "não se é sempre jovem" ou que "o dinheiro não faz a felicidade" (8).

Descontando os exageros do celeberrimo fanatico vê-se que até certo ponto elle está com a razão e a leitura meditada de qualquer obra de seu "Cretin des Pyrenées" dá-nos a impressão de que descobriu afinal o verdadeiro calcanhar de Achilles do pae dos Rougon Macquart. Bloy em algumas paginas de *Lourdes* recolhe dezenas de expressões desta marca: "L'histoire ne retourne pas en arriere, l'humanité ne peut revenir á l'enfance". "L'inexpliqué seul constitue le miracle", etc., etc., etc.

(7) José Henrique Rodó — "El Camino de Paros" — Valencia 1918, pg. 161.

(8) Leon Bloy — "Je m'accuse", Paris, 1914, pg. 28.

Se Virgilio foi um plagiario, se o foram igualmente Dante e Camões, Shakespeare e Calderon, Montaigne e Corneille, Racine e Molière, Milton e Pascal, se o foram quasi todos os grandes escriptores de todas as literaturas, se quasi o foram todos os genios, como repetidores incessantes e incorrigiveis de ideias e expressões corriqueiras, porque então esses punhos cerrados, esses dedos crispados contra os fracos, os que não conseguiram alcançar o cimo do espirito humano na ascensão pela montanha do Ideal imaginada por Hugo?

* * *

O plagio é um roubo.

O que differencia um zoilo commun de um critico justo é essencialmente o poder de *distinguir bem*. Portanto, o dever do critico é antes de accusar a um auctor de plagiario, examinar cuidadosamente todas as probabilidades contrarias. O não applicar-se nas medidas do possivel, esse processo, é que tem dado resultado á numerosas accusações injustas. No Brasil ha um exemplo typico disso com as *Pombas* de Raymundo Correia. Ha com effeito, de Theophilo Gautier uma poesia muito semelhante, no sentido, a obra prima do auctor das *Symphonias*:

Sur le coteau, la bas ou sont les tombes
Un beau palmier, comme un pennache vert
Dresse sa tete, ou le soir les colombes
Viennent nicher et se mettre a couvert

Mais le matin elles quittent les branches
Comme un collier qui s'engrène, on les voit
S'éparpiller dans l'air bleu toutes blanches
Eet se poser plus loin sur quelque toit

Mon ame est l'arbre ou tous les soirs comme elles
Des blanches essains de folles visions
Tombent des cieus palpitant des ailes
Pour s'envoler des les premières rayons.

Como se vê, as duas poesias differem bastante na forma embora pouco no fundo. Não foi della entretanto que extraiu Raymundo os seus lindos versos, nem de poesia alguma de Gautier mas sim daquelle trecho admiravel de Mlle. de Maupin de cuja "humildade, poesia e musica divide", falavamos encantado Paul Bourget, por occasião do centenario do auctor dos *Emaux et Camées*, occorrido em 1911:

Si tu viens trop tard, o mon Ideal, je n'aurait plus la force de t'aimer. Mon âme est commune un colombier tout plein de colombes. A tout heure du jour, il s'en envole quelque desir. Les colombes reviennent au colombier mais les desires ne reviennent pas au coeur.

Essa ideia não foi aproveitada aliaz, apenas pelo nosso Raymundo Correia. Antonio Nobre no mesmo anno que este compunha as *Pombas*, escrevia o seu lindo soneto *Menino e Moço*, da mesma inspiração. Isso constitue um plagio? Absolutamente não. Porque razão não seria permitido a um poeta ou mesmo prosador aproveitar-se de um pensamento, de uma comparação de outrem como acontece aqui, não exprimindo-o comtudo pela mesma maneira? Demais essa ideia de comparar as illusões que fogem as pombas que deixam o pombal, qualquer pessoa poderia tel-a por

si A questão é a forma que a expresse. E ninguém a deu com tamanha habilidade, ninguém com tamanha beleza como Raymundo Correia (9).

Outro caso typico é o soneto de Luiz Guimarães que teve seu successo no tempo em que appareceu, era repetido por todas as boccas em todos os salões, chegando a ser quasi o nosso *Vase brisé*:

O coração que bate neste peito,
E que bate por ti unicamente,
O coração outrora independente,
Hoje humilde captivo e satisfeito,

Quando eu cahir, enfim, morto e desfeito,
Quando a hora soar lugubrememente
Do repouso final, tranquillo e crente
Irá sonhar no derradeiro leito.

E quando um dia fores commovida,
Como visão que entre os sepulcros erra,
Visitar minha funebre guarida,

O coração que todo em si encerra
Sentindo-te chegar, mulher querida,
Palpitará de amor dentro da terra.

A celebridade do soneto de Guimarães Junior foi porém ephemera. Cerca de dois annos depois de apparecido, más linguas espalhavam que o soneto era traducção impudente de um certo *Malusil* poeta francez desconhecido. Felizmente, a tempo foi proclamada a verdade. Esse *Malusil* não passava de um patricio do poeta, seu admirador, que o traduziu para o francez com habilidade notavel.

A fonte do soneto, era entretanto a XII poesia da *Postuma* de Stechetti:

Io morrio, che fatal mia sera
Volando giunge e il tempo non s'arreta
E già la tomba spalancata e nera
A divorar la carne mia s'appresta

Quando tutto ritorna a primavéra
Io sol non tornerò. Sulla mia testa,
Dalla materia mia già tanto altera
La maggiorana crescerà modesta.

La vieni, o donna: il tuo fedel t'invita.
Là rulla tomba mia còfi commossa
L'erba che amavi dal mio cor nudrita.

"Oh, non negarle un bacio, e liete l'ossa,
Come a tuoi baci già roleano in vita,
Fremeranno d'amor dentro la fossa".

Como se vê, não fosse o ultimo verso semelhante nos dois sonetos, o de Stechetti nada lembra o de Luiz Guimarães. Muito mais evidente foi o plagio de Villaespesa, de uma das mais celebres poesias do mesmo Stechetti, em uma de suas Flores de Almendro:

Ni una cruz en mi fosa!... En el ovido
del viejo camposante,
donde non tengo ni un amigo muerto,
bajo la tierra gris, sueñan mi labios;
y de sus sueños silenciosos,, brotam
amarillos y tristes jarammagos!

(9) O sr. Luiz Murat descobriu uma poesia de Raymundo Correia, a *Aretino*, que é uma traducção perfeita de uma de Jean Richepin. Assim commenta o illustrado poeta das *Ondas*: "Como vêm, a poesia do sr. Raymundo Correia é uma traducção litteral; ninguém seria capaz de traduzir com maior esmero". — "A Vida Moderna", Rio de Janeiro, n.º 1, 10 de Julho de 1886.

Si alguna vez hasta mi tumba llegas
lleva esas pobres flores á tus labios...
Respirarás mi alma!... Son los besos
que yo soñaba darte, y no te he dado!

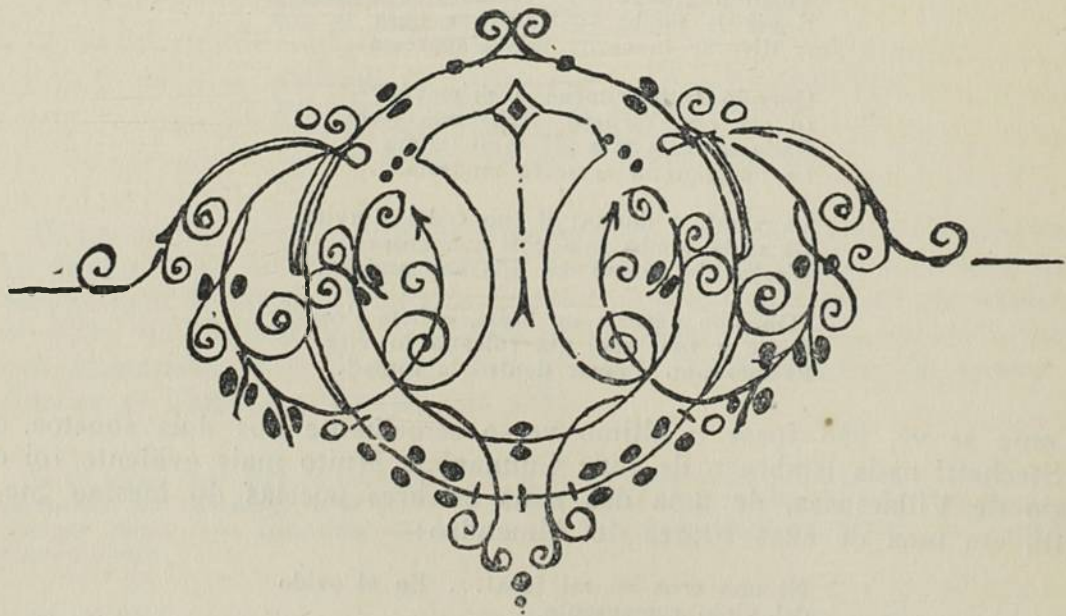
Agora de Stechetti. O leitor de certo já os conhece. Mas compare-os aos de Villaespesa:

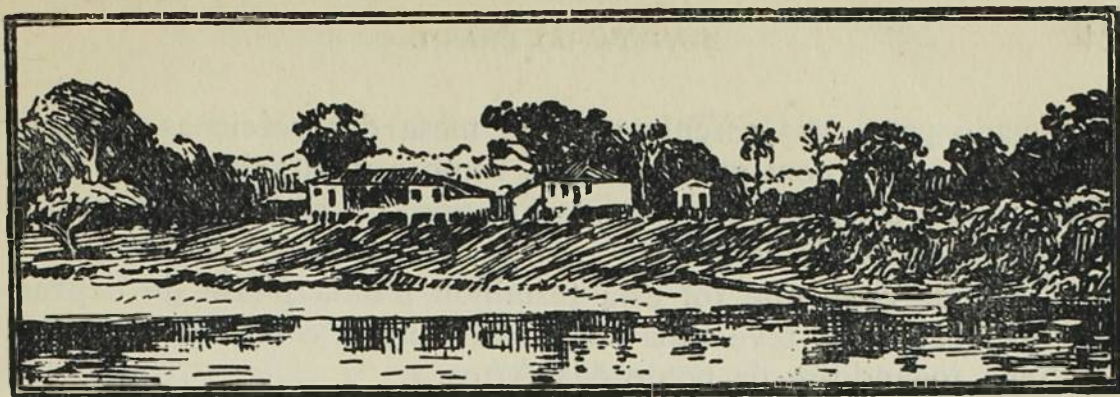
Quando cadran le foglie e tu verrai
A cercar la mia croce in camposanto,
In un cantuccio la ritroverai
E molti fior le saran nati accanto:

Cogli allora pe'tuoi biondi capelli
I fiori nati dal mio cor. Son quelli

I canti che pensai ma che non sorrissi
Le parole d'amor che non ti dissi.

Não se parecem? Bem. Mas modere-se o leitor não ha plagio tal. Nem nas *Pombas* de Raymundo Correia, nem no soneto de Luiz Guimarães. Não ha. E' que, se existe certa apropriação do pensamento, a forma, em grande parte, continua diversa. E como nota Vapperau, e esta apenas que determina o plagio.





A PSYCHOLOGIA MORBIDA DE AUGUSTO COMTE

CLAUDIO DE LEMOS

Difficil, senão impossivel, é uma analyse completa de philosophia de Augusto Comte; entretanto, elle é o philosopho que mais tem merecido a attenção dos psychologos, desde Fouillé a Granet, ora, lamentadores da decadencia de seu grande espirito, ora, edificadores de hypotheses de uma semi-loucura genial repleta de nebulosidades.

De facto, Augusto Comte passou pela vida soffrendo os grandes abalos das paixões violentas; sua morte desvendou um mysterio domestico e estes dois factores quando não levam o homem para o suicidio conduzem-n'o quasi sempre para o manicomio.

Não escapou á regra; enlouqueceu de subito uma vez e levou o resto da vida nas fronteiras sombrias da loucura.

Na organização do seu systema philosophico é certo que influiu poderosamente o estado doentio de sua alma.

Consoziado com uma mulher prostituida, em lucta sempre com a pobreza e a miseria, o philosopho soffreu bastante e, combatido no moral e no physico, não resistiu ás descargas emotionaes por que passou. Perdeu o juizo no intervallo das suas lições publicas sobre Philosophia Positiva; foi sequestrado n'uma casa de saude e o grande mestre Esquirol que o examinou por aquella epocha diagnosticou um caso perfeito de "mania vera". Sua familia, que era profundamente religiosa, acreditou que o seu mal era um gemido doloroso da alma, castigada por Deus, e como meio de tratamento levaram-n'o em presença de um sacerdote que fez o exorcismo e o obrigou a casar-se no ritual da religião catholica. Comte desorientado assignou o acto do casamento, Brutus-Bonaparte-Comte.

Levado para casa assentava-se na mesa das refeições, cravava sobre ella a faca com que se servia, como o montanhez de Walter Scott, pedia o dorso succulento de um porco e recitava, ao mesmo tempo, pedaços de Homero.

A grande crise que foi esta terminou n'uma phase de depressão melancolica; teve uma impulsão suicida e tentou afogar-se no Sena jogando-se da ponte das Artes.

Tres annos depois continuou suas aulas, de Philosophia Positiva, sentenciando perante um auditorio onde figuras da altura de Humboldt, Poinso, Lamennais e Blainville estariam por certo levados pela curiosidade.

D'ahi em diante se não perdeu por completo o uso da razão, esteve por tres vezes ameaçado, a primeira quando terminava a elaboração do 4.º volume da Philosophia Positiva, a segunda quando foi abandonado pela esposa, a terceira e ultima quando se lhe desabrochou a grande paixão por Clotilde de Vaux coincidindo com o nascer das suas idéas sobre o Systema de Politica Positiva.

A influencia que Clotilde de Vaux exerceu sobre a obra philosophica de Augusto Comte foi enorme e ninguém pôde contestar.

Clotilde era em tudo uma mulher bonita, tinha uma expressão de belleza romantica, com olhos azues "afogados em languidez" e longos cabellos louros e sedosos que em duas graciosas tranças lhe emolduravam o rosto pendendo lateralmente das temporas e descansando sobre os hombros. Doentia e cheia de caprichos, gostava de literatura, fazia versos, escrevia novellas exaltando as virtudes, combatendo o amor livre e glorificando a felicidade domestica.

Comte, seduzido, terminou subjugado pela belleza de Clotilde. De um momento para outro encontrou-se envolvido, como elle diz, n'um véo de melancolia amorosa, n'um conjuncto de affectos creados mais para serem sentidos que descriptos.

Desde este tempo o philosopho transfigurou-se e depois da morte de Clotilde sentio como necessidade imperiosa a transformação do amor insaciado n'uma formula que não estivesse presa ás ambições da terra. D'ahi o ter-lhe dado uma feição religiosa, a forma mystica e contemplativa, ao mesmo tempo que n'elle mergulhava adorando illimitadamente.

Outros sentimentos nasceram-lhe, outras idéas novas vieram deste amor e desta paixão e tudo elle procurou conciliar com o seu systema e sua missão social.

Cahi no exagero, pois se a organização da felicidade humana data do inicio do positivismo e se a concepção do altruismo já existia muito antes da paixão á Clotilde, foi sómente depois da

sua morte que o philosopho proclamou, “melhor é amar que ser amado”, “a vida deve ser uma longa prece”, “o individuo deve sacrificar-se pela humanidade”, “a vida humana deve ser subordinada ao coração” e a mulher na sua unica funcção de amor é que deve conduzir os sabios e philosophos para o altruismo e o proletariado para o livre assentimento.

Organisou então o culto da humanidade e iniciou as praticas do culto pela adoração exclusiva de Clotilde.

Deste ponto em diante começa a salientar-se o desequilibrio do philosopho.

Erguia-se do leito quasi pela madrugada; orava durante uma hora isto que elle chamava de “commemoração” e de “effusão”.

Na commemoração ajoelhava-se em frente de uma cadeira erigida em altar, evocava a imagem de Clotilde, recitava poesias revivendo em ordem chronologica todo o anno de felicidade, “calvario de amor”, que gozara junto d’ella.

Dividiu o anno em etapas e a cada uma deu um titulo diverso. De Junho a Setembro era a epocha da “Iniciação Fundamental”, de Setembro a Outubro a da “Crise Decisiva”, de Outubro a Janeiro a da “Transição Final” e a de Fevereiro a Maio a do “Estado Normal”. Subdividiu ainda cada uma destas etapas e na transição final comprehendeu uma serie de factos com os nomes de effusão total, abandono sem reservas, familiaridade continua e no que chamava de estado normal incluiu a intimidade completa, a perpetua identidade e a união definitiva.

Durante a “effusão” dizia phrases como estas. “um, união, continuidade; dois, arranjo, combinações; tres, evolução, successão... — o homem torna-se cada vez mais religioso — a submissão é a base do mandamento — adeus minha casta companheira eterna — adeus minha alumna querida e minha digna collega. Addio sorella. Addio cara figlia. Addio casta esposa. Addio sancta madre. Virgene madre, figlia del tuo figlio. Addio...” Terminava dizendo “amen te plus quam me, nec me nisi propter te”.

Não parou ahi o exagero do philosopho. Todos os dias elle repetia estas orações, todas as semanas visitava a sepultura de Clotilde, todos os sabbados meditava por espaço de meia hora na Igreja de S. Paulo, e de doze em doze mezes ia ao cemiterio aonde estava o tumulo de Clotilde e confessava-se lendo tiras de papel onde annotava as faltas realisadas durante o anno.

Por esta epocha suas representações mentaes foram em demasia; muitas provocaram-lhe estados verdadeiramente alucinatórios. Elle se tornou asceta, ambicionou tão sómente o aperfeiçoamento da sua alma; fez voto de castidade e mortificou-se ardentemente desejando a pratica do bem e das virtudes.

Idéas de grandezas surgiram-lhe na consciencia, imaginou dois mil templos esparsos no Occidente com sacerdotes encarregados do culto e da regeneração da humanidade, admittio no começo das suas preces o signal da cruz, organisou, em homenagem a Sophia Bliot e a Rosalie Boyer uma escolta protectora de anjos, glorificou a Clotilde de Vaux no culto da Virgem-Mãe, substituiu os santos da Egreja por Descartes, Aristoteles, Shakespeare e Julio Cesar, conservou St.^o Agostinho e St.^a Genoveva, canonicou Bossuet, Sophocles e Phidias.

A trindade christã substituiu por uma trindade positiva; Deus é a realidade suprema, a humanidade, com o nome de Grande-Ser, eterno e infinitamente poderoso, ao qual está ligado o Grande-Fetiché, que é a terra e o Grande-Meio que é o espaço.

Na moral christã e na philosophia social de Jesus-Christo elle foi retirar os dados para a sua concepção de unidade social, de respeito á ordem, de hierarchia a idéa de autoridade espiritual e dos concilios destinados a condemnar o principio anarchico da liberdade de consciencia.

Procurou em tudo consorciar a doutrina catholica com sua seita positiva e foi a ponto de considerar um acto de insubordinação o espirito de livre exame e de substituir o poder theologico pelo poder da sciencia. Deu provas de grande entusiasmo pelas obras de S. Paulo e a seus discipulos aconselhava habitualmente a leitura da "Imitação de Christo", no seu juizo critico, "synthese moral e poetica esboçada pelo catholicismo em nome de Deus".

Littré, tendo em vista estes factos, pretendeu que Augusto Comte ao chegar ás portas da velhice tivesse voltado á religião da sua infancia, recebendo esta luz, de que nos falla Victor Hugo, luz de Deus que esclarece as almas proximas do tumulto. Georges Dumas contesta e vê em Comte um unico desejo, imitar a religião catholica, e uma chimera "converter o mundo á religião positiva".

Nas obras do philosopho existe ainda um numero incalculavel de principios que só podiam ter sido gerados sob a influencia de um estado psychologico morbido. Está n'este caso a sua celebre theoria dos numeros, a regulamentação que deu aos actos da nossa vida e a fixação das producções literarias a um certo numero de cantos e poemas. Em alguns pontos chegou mesmo ao apogeu das obsessões numericas admitindo a existencia de algarismos sagrados, numerando o ritual positivista e determinando a duração das suas preces.

Para Augusto Comte tres numeros eram sagrados, um, como representante de toda a systematisação, dois, indicativo de combinação e tres, prova de toda a progressão. A estes intimamente relacionados estão os numeros primos, raizes universaes deriva-

das dos numeros sagrados, melhores typos de irreductibilidade, como declara na Synthese subjectiva.

Na nossa vida devemos incluir tantos numeros sagrados e primos quantos as circumstancias o permittam. Tres preces devem ser feitas por dia, sete devem ser os sacramentos, os poemas devem ter tres cantos como introduccão, sete cantos devem constituir o corpo do assumpto e tres outros bastam para a conclusão. Nas obras de folego as phrases não devem exceder duas linhas de manuscripto e cinco de impresso e as alinéas devem ficar limitadas a sete phrases.

Esta preocupação de Comte, em reunir as coisas em torno de numeros primordiaes, vem desde o Curso de philosophia positiva, onde a biologia ficou encerrada entre a sensibilidade e a motricidade e a sociologia na dependencia da acção dos individuos uns sobre os outros. Pretendia com isto evitar as divagações especulativas e organizar uma disciplina mental, no dominio da experimentação; entretanto não o conseguiu, e do mesmo modo que em sua religião positiva, elle cahiu outra vez no exaggero.

.

Agora, vamos analysal-o em face da psychiatria uma vez que está gravado na violencia dos traços o espirito morbido do philosopho.

Augusto Comte visto entre os homens do seu tempo não destoa e pela fé na missão de que se julgava investido explica-se.

N'aquella epocha atravessava-se um periodo em que os espiritos mal se sustinham nos fundamentos da nova ordem social, tinha-se sahido de uma phase revolucionaria e andava-se em busca da formula da sociedade futura, descortinando um novo mundo como promessa da revolução franceza.

Por aquelle tempo não faltaram messias e muito antes de Comte chamar-se a si mesmo de grande apostolo da humanidade já outros tinham surgido com os nomes de vigarios de Deus e de Papas scientificos. Veio pois de accordo com o meio social e d'elle foi que retirou a forma e a cor do seu delirio.

Teria sido um alienado na accepção pura do termo, um desequilibrado constante e louco intermittente, um mystico ou quietista que imaginara encontrar no amor puro a essencia suprema da felicidade?

A primeira hypothese, em linguagem psychiatica, não póde ser levada a serio, a segunda tem algum fundamento apesar de descambar para a theoria dos semi-loucos geniaes, producto dos devaneios scientificos de Granet, a terceira é, de todas, a que mais se aproxima da verdade.

Augusto Comte sempre teve em vista, em suas obras, o fim sociologico, facto muito bem salientado por Fouillé e Georges Dumas. Elle pretendeu fundar uma religião e ser o messias de uma nova ordem social; idéa que lhe nasceu durante a mocidade, que se tornou fixa e explodiu no momento em que elle julgou necessario substituir o poder theologico pelo poder da sciencia. Para isto alcançar concebeu o seu systema philosophico; viveu em torno d'elle julgando a sociedade e os homens do seu tempo. Com o apparecimento de Clotilde persuade-se que sua vida privada deve identificar-se com sua vida social e desde então aos actos de todos os dias deu um valor sociologico e philosophico.

O orgulho é o maior traço predominante do seu caracter justificado, como quer Georges Dumas, pela extensão da sua obra, systematisadora das sciencias, fundadora da sociologia e creadora dos principios de synthese subjectiva. A consciencia disto trouxe-lhe a esperança do reconhecimento da posteridade e como este não se fizesse sentir no inicio da sua missão julgou-se em seu tempo um perseguido, objecto de conspiração e de odios. A Stuart-Mill deixou cartas referindo-se a miseraveis inimigos que tentavam reduzi-lo á indigencia e causarem-lhe outra vez "o fatal episodio de 1826".

Incontestavelmente Augusto Comte era possuidor de um temperamento psychopathico, pois ao lado do seu incommensuravel orgulho, deu provas de uma deficiencia de senso moral, casando-se com uma mulher prostituida, e de ausencia de sentimentos affectivos para com o proprio ser que lhe deu origem.

Restabelecido da grande crise de 1826 elle não morreu, 31 annos depois, soffrendo de alienação mental como diz Littré, Stuart-Mill e outros. No decurso de todo este tempo foi um semi-louco de genio, como diz Granet, que produziu obras magistraes. Mais quietista do que mystico no modo de pensar de Georges Dumas que admira no philosopho o desenvolvimento do pensamento abstracto apesar das ameaças continuas de loucura que vinham do seu temperamento nervoso e doentio.

De facto, separado o joio do trigo, ha em Augusto Comte muita cousa que é de um cerebro morbido ao lado de outras que não deixam de ter sublimidades. Razão pois é de Molière quando dizia que "todos os grandes homens tem sempre um grão de loucura misturado á sua sciencia".



ASPECTOS AMAZONICOS

O nível da terra é o nível das águas

RAYMUNDO MORAES

Duas sensações imprevistas e falsas assaltam o espirito desprevenido do viajante que entra pela primeira vez no valle amazonico, ao deixar o azul dos mares e a renda branca das praias marinhas. Uma, provinda do volume dagua, immenso, inquietador, mesmo para quem irrompe do oceano, faz pensar na repetição biblica do diluvio, afogando planicies e cidades sob as vistas incredulas dos sabios. Fluctua no ar a certeza de que a terra, deprimida e molle, naufraga. O contorno ribeirinho, com a flora embebida na corrente, parece afundar-se no pélago fluvio e pardo. Outra, reflexo da geographia claudicante que vem da escola até aos tratados scientificos, é que a prôa do navio, ao deixar a linha salsa, rompe a clamyde liquida do Amazonas. Nada disso. Quem perde Salinas de vista, mergulhada na duna e investe na directriz da metropole paraense, singra o estuario tocanino. O desaguadouro da artéria mysteriosa descida pelos conducticios de Orellana, no drama inicial de uma exploração com-movente de verdades e mentiras, fica para as bandas da estrella polar, no desmedido golfam que se arqueia entre o Magoary e o cabo do Norte. Só depois de vencido o archipelago de Breves, em curva pelo Sul marajoára, e galgada a derradeira etapa do Itaquára, após 340 milhas de agua doce a dentro, é que se penetra de chofre no largo canal do Vieirinha, corda meridional da verdadeira fóz do Amazonas. Vislumbra então pela primeira vez o viajante o *mar dulce* de Pinzon rolando crespo e amarellado lá dos corgos nevados e alpestres dos Andes. O panorama alegre das areias coroadas pela vegetação arbustiva que circumda a

faixa littoranea da costa, transmudou-se no barranco a prumo ou nas rampas dilatadoras de áreas. O murucy e o cajueiro desapareceram substituidos pela aninga, pelo atuirá e pela palmeira. A massa liquida immensa, carregada de detricos, vegetaes e mineraes, denuncia a longa travessia pelo *hinderland*, desde que o filete inicial se desprende da *puña* peruviana ao calor do sol. Uma pergunta se impõe de subito: até onde sobem estas aguas? E mais: afogarão a terra? Qual o regimen que as regula? Que astro as attrahe e as governa? Os homens de sciencia, que estudaram o assumpto *in loco*, certo, se assombraram com o phenomeno potamographico que os cercava. Dahi os desconchavos descriptivos, os erros batymetricos, as falhas dos mareographos, as falsas medidas de correntes. Se a observação ocorre em Belém tudo se modifica a cem milhas para o montante. Os calculos das altitudes das marés, no equinoccio da primavera, que podiam ser applicadas no mesmo ponto e com pequenas differenças no equinoccio do verão, falharam por completo, como se se tratasse de zonas antipodas. E' o Amazonas com o peso rude das suas enchentes e o retrahimento exsiccante das estiagens, que desequilibra a mathematica modelar da astronomia. No primeiro caso concorre, num binario de forças, entre a enchente do rio e a preamar das conjuncções lunares, para alagar as varzeas belemitas nos pleni e novilunios. No segundo, o rebalsamento da secca enfraquece a acção das aguas vivas, nas luas novas e cheias, e quasi as transforma em mortas, impedindo-as de attingir a amplitude vernal e subir á crista da ribanceira. Note-se outra anomalia sobre correntes e velocidades. No Guajará a maré enche seis horas e vasa seis; na entrada dos estreitos de Breves enche cinco e vasa sete; na costa de Mazagão enche quatro e vasa oito; no trecho que vae da bocca do Pracahy á ponta jusante da insula do Cuxiú, quasi ao centro do archipelago O. de Marajó, é variavel e fallivel: ora deslisa perennemente para o Sul, sob a acção andina do Amazonas, ora sóbe e desce á mercê do fluxo e refluxo oceanico, ora fica parada e morta. E' o trecho que marca o termino das influencias, fluvia e atlantica, constituindo-se alli uma especie de divisor daguas, que, apertadas pelos dois systemas, derramam-se em todos os rumos, na direcção de Melgaço, de Antonio Lemos, de Breves, de Curralinho e de Oeiras. Nas conjuncções lunares corre mais de enchente; nas quadraturas corre mais de vasante. O retardar ou antecipar das estações, no estuario ou nas nascentes, traz semelhante alternativa. Dahi a hydrographia destas paragens ainda figurar indefinida, sentindo-se que as leis potamographicas, apparentemente irregulares pelos phenomenos atmosphericos,

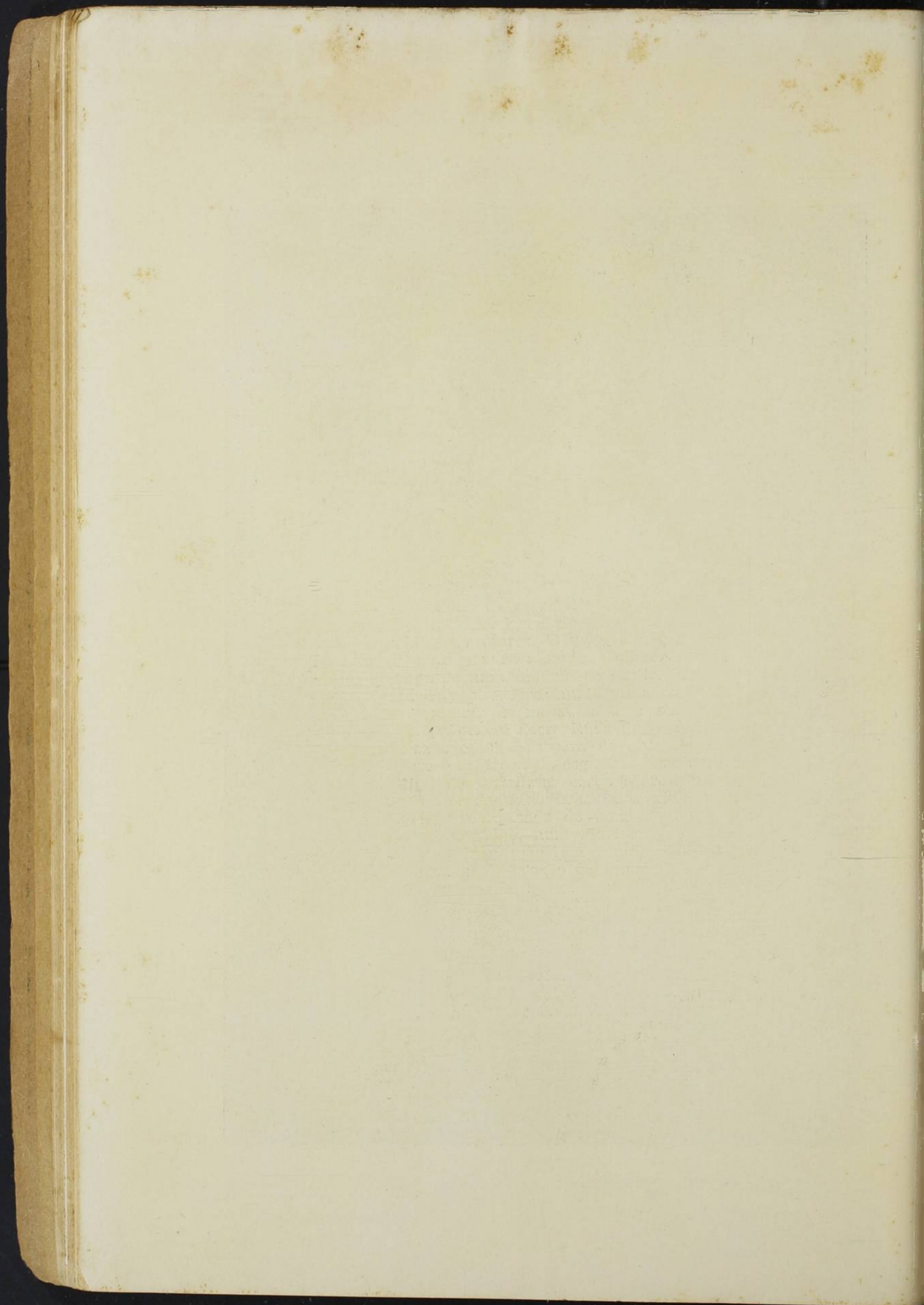
dependem sobretudo da marcha evolutiva do rio que fixa o seu leito e constrói a sua molduragem. Pelo flanco poente do Marajó, no leque que se abre do raio collateral do S. O. até o raio cardeal de Oeste, o systema insular conhecido por Ilhas de Dentro abrolha móle e plastico dos igapós, na vasa postquartenaria dos mondongos. Tão baixo lhe é o nivel ainda que as casas se erguem, sobranceando os pantanos, no extremo das palafitas, dois metros do chão. Os pomares são inviáveis; rara a criação. O mato invade as vivendas. E os jardins ribeirinhos apparecem trepados em giráus, na mais bisarra democracia de vasilhame, que vae das bacias enferrujadas ás panellas furadas, com escalas pelos paneiros, tinas, potes, latas, alguidares, vasos nocturnos, caçarolas, talhas, chaleiras, nos quaes bracejam, florescem e perfumam, numa doce polychromia, as roseiras, as begonias, os jasmineiros, os monsenhores, os malmequeres, os bogaris entremeados de crotons, de mangeronas, de trevos, de arrudas, de cristas de gallo, de papoulas, de cravinas, de perpétuas e campainhas. Recordam, num lampejo historico e mirrado, os jardins suspensos da Babylonia. Basta, no entanto, navegar-se cem milhas ao rumo de Septentrião, trocando o O. pelo N. O., ou, na linguagem regional, as Ilhas de Dentro pelas Ilhas de Fóra, para verificar-se trabalho tellurico mais adiantado na elevação das margens, que, apesar de alluvionicas, já se encontram dois metros mais altas que as primeiras e só alagam com as chuvas e as marés desbordantes do equinoccio. A formidavel ilha de Gurupá, extensa de cento e vinte milhas, centro deste outro archipelago, toda listada de furos e cursos navegaveis, é o padrão representativo do systema. Quem lhe percorrer o Jaburú, corda central, povoada e risonha, consigna logo a altitude da gleba pelos pomares. A laranjeira e a bananeira, arvores melindrosas, que não supportam alagadiços, vicejam peçadas por alli. A abundancia dos gallinaceos e o apparecimento do gado vaccum e lanigero, denunciam o sólo enxuto. As moradas mal se alteiam um pé sobre a estacada. E os jardins aereos da região visinha baixaram ao terreiro de parceria com as hortas. Das roças verde-claro do milho ao verde-glaucó da mandioca estende-se o tapiz avelludado do feijão, do cará e da batata, flanqueando o pendão dourado do arroz e a folha lanceolada da canna. Produz-se o assucar, a farinha, do mesmo passo que se constrói o barco veleiro de 20 toneladas. O homem radica-se á terra como zagal, como agricultor, e como architecto naval, enquanto seu irmão de outro lado é um pária. Tudo isto, porém, que revela facilidades e tropeços de vida, ocorre na entrada do Amazonas, antes de se transpôr o estuario, tal a grandeza da bacia. Como se vê, o des-

connexo é a regra, a controversia a uniformidade. Tão indecisa e fallivel se mostra a geographia como obscura e indefinida a hydrographia. Do principe Adalberto da Prussia ao tenente Herndon, do barão de Ladario aos dias destas notas, a maioria dos phenomenos potamographicos foge ás tabellas regulamentares, deixando no espirito do observador, antes um tom lyrico e poetico, de ficção e lenda, que os traços veridicos duma lei. Virgilio, nas *Georgicas*, que fazia nascer todos os rios terrestres da gruta do Peneu, na Grecia, não andou mais longe da verdade que o sr. Mario da Veiga Cabral no *Compendio de Chorographia do Brasil*. A historia pagan dos deuses mythologicos, falando em Neptuno, em Amphitrite, nos tritões, nas nereidas, nas sereias e naiades não é mais imaginosa que algumas paginas coloridas do *Atlas* do Barão Homem de Mello. Assim, registo aqui uma observação recolhida do meio marematico das miragens equatoriaes. Se não me illude a experiencia de 30 annos, a esmar todos os rumos da rosa neste valle, o cyclo vital do Amazonas, pela theoria de Morris Davis, o monographo illuminado dos rios pensylvanicos, vae na curva ascendente da parabola evolutiva. Para traçar sua calha permanente aprofunda e entulha; destróe e levanta; rectifica e encurva, no trabalho cyclopico e dinamico de suspender a terra e fixar o leito. De sorte que o desenho esboçado hoje numa projecção, a indicar lagos e cordas dagua, canaes e bahias, é amanhã vasta planicie quaternaria, capaz de conter a locomotiva em vez do navio. Os maiores quadros do Equador visivel são ephemeross. O sabio que voltar depois de 50 annos desconhece o perfil da mesopotamia em que caçou e o recórte do paraná em que pescou. Quando se surpreheenda aqui a ponta de uma lei, na alegria das descobertas, preveja-se logo o termino da sua influencia. A que meu olho humilde recolhe, depois de duzentas viagens, condensa-se nesta synthese: O NIVEL DA TERRA E' O NIVEL DAS AGUAS. Que tempo perdurará, porém? Eis a incognita. Do porto de Belém á bocca do Acre, ou melhor, da fóz aos confins da caudal, póde ser applicada em qualquer affluente, confluyente, furo, lago, igarapé que tenha por margem, como na generalidade todos todos têm, a varzea alluvionica. Basta observar do largo o *faceis* vertical do rebordo da calha para saber-se que a sua superficie indica tambem a média da altura das aguas nas cheias. Seja sob a acção do fluxo e refluxo, na embocadura, pelos syzygias, onde a vasa fina dos sedimentos apenas se ergue de 1 a 3 metros; seja sob a influencia das enchentes e vasantes semestraes, reguladas pelo inverno e verão, na altura de Manaus, do Acre, ou de Iquitos, pontos cujo barranco se eleva 12, 15, 20 e 23 metros, a face

GALERIA DOS EDITADOS



AMANDO CAIUBY, autor dos "Sapezaes e Tigueras".



horizontal da margem constata a média da maior elevação das águas. Em certas luas, na hypothese de se tratar do estuario, o sólo não afoga, submergindo, entretanto, noutras. Ha épocas, caso a referencia seja aos altos e intermedios cursos, em que a gleba fica um palmo a cavalleiro da corrente, alagando, porém, quando o degelo andino coincida inteiramente com as chuvas da planicie, phenomeno que ocorre sempre que o sol, marchando para o Norte, derrete a neve das cordilheiras de Perú e da Bolivia e condensa sobre a bacia amazonica as nuvens inundantes dos dias invernosos. De modo que a flôr da terra, para o mais bisonho viajante, neste ou naquelle ponto do valle, marca e marcará sempre, até que a molduragem das lindes se eleve definitivamente, a risca intermediaria das cheias.





CORAÇÃO DE CABOCLO

(Episodio dramatico)

RODRIGO OCTAVIO

PRIMEIRO QUADRO

Noite negra na solidão da serra. Na transparencia do céu tropical scintillam miriades de estrellas. Arfa, por vezes, a ramaria das arvores tangida por brandos ventos. E na grotta, acalentada pela musica de aguas perenes, abre-se para a noite o olhar de uma janella apenas claro da luz morticia de uma candeia de azeite. E' uma pobre cabana, antes uma coberta de sapê, sobre muros gretados de grosseiro estuque de barro. Genero commum de moradias do sertão, esta é mais pobre e triste ainda pela penuria e decrepitude do morador.

Num catre derreado e nú, á espera do aniquilamento, immovel na consumpção da febre e na treva da cegueira, jaz abandonado um velho. E o tempo, multipede e subtil, se escôa sobre aquella miseria.

Subito, de fóra, acordando os echos dos rincões adormecidos no socego nocturno, ergue-se a toada de uma canção, que se aproxima, dolorosa e monotona. O velho, num movimento de instincto, soergue a cabeça. Põe no ouvido a mão, em concha, para melhor ouvir. E retomba sobre o catre, na desolação da impotencia e da desesperança.

Proximo á casa a canção se apaga, e um vulto de homem, robusto, mas timcrato, assoma no vão da porta aberta.

JANGO

*Póde se entrar?... Olá!... Ninguém responde?...
Fica sem echo minha voz na noite?...
Tú, Maria, onde estás?... Em outras vezes
Mal escutavas de meu canto as notas
Ias em busca do cantor distante...
Que succedeu... Nem tantas luas foram
As que passaram sobre minha ausencia...
Parti... Longe levou-me a lei da sorte...
Mas eu não cria que teu pensamento
De mim tambem se houvesse de partido...
E Tristão?*

(entrando na cabana)

Pae Tristão... que é feito delle?...

TRISTÃO (do fundo do catre)

Inda respira, porém já não vive...

JANGO (approximando-se)

*Pae Tristão... Santo Deus!... em que miseria
Venho encontrar-vos, ora, velho amigo...
Não bastava cegueira?... e não bastava
Pezo dos annos a tolher os passos?...*

TRISTÃO

*Não!... não bastava... é bem aqui, na terra,
Que a gente paga o mal que fez na vida...
E eu não fui Santo... Nesta minha idade,
Na hora extrema de meus dias tristes,
Mais defunto que vivo, rememoro
Com assombro, e transido, as aventuras
Que fizeram de mim terror da serra...
Não ha hi fóra, muita legua em torno,
Volta de estrada, grota ou precipicio,
Que não guarde a lembrança de meus crimes...*

JANGO

Pobre velho...

TRISTÃO

*Não ha recanto escuso
Nestes sertões em que vaguei, maldito,
Que me não visse, precavido e alerta,
Mão no gatilho, olho na estrada poenta,
Alma sem piedade, á espreita, á espera...
Hoje, sem luz no olhar, não é negrume
De noite que me envolve, mas é sangue,
Rubro, escaldante, tudo quanto vejo,
Como uma maldição, pernemente...*

(apoz um descanso)

Teu pae...

JANGO

Deixai, quem morto está, no olvido...

TRISTÃO

*Teu pae foi mais feliz... Bom companheiro,
Aulaz, intemerato, homem de ferro,
Nunca o vi recuar ante o perigo ..
Mas um dia, no assalto de uma tropa*

*Que vinha do sertão com ouro em barra,
Teve o peito varado e cahiu morto,
Antes do tempo em que o remorso acorda...
Feliz, teu pae...*

JANGO

For que lembrar tudo isso...

TRISTÃO

*Tú eras pequenino... mal andavas...
E tua mãe, num rasgo de bom senso,
Sem que soubesse o bem que te fazia,
Certa noite, apertando-te no seio,
Fugiu da serra... e nunca mais a vimos...
Eu segui, desgraçado, o meu fadario...
Annos passaram e, de crime em crime,
De desgraça em desgraça, vim descendo
A' miseria final, peor que a morte...
Envelhecido e fraco, demorado
No andar, quasi imprestavel, fui, um dia,
Por companheiros meus de toda a vida,
Abandonado como peso morto
Na volta de um caminho... Miseraveis!...
Minha cabeça estava posta a premio
E o velho chefe lhes prendia os passos...
Gente da tropa andava no meu rastro,
Batendo grotas, devassando as trevas
Da mattaria espessa; e eu, quasi cego,
Tardo de movimentos, por milagre
E prodigios de sobrehumana força
..Foi que pude guardar a liberdade...
Antes, porém, me houvesse dado a sorte
A miseria do carcere e do açoite...
Melhor seria e mais suave, ao certo,
Que o tormento implacavel do remorso
Que a fogo vivo o coração me escalda...*

(Pausa)

*Mas, não era completa inda a desgraça...
Eu tinha os filhos que, por vezes, vinham
Trazer-me, pobre velho desvalido,
Recursos porque á mingua não morresse...
Esses mesmos, porém, meus proprios filhos,
Foram aos poucos esquecendo o rumo
Do sitio agreste em que eu espero a morte...*

(O velho prosta-se no catre)

JANGO

*Mas, porque relemburar tantas tristezas?...
Porque vos fatigaes assim falando,
Quando na extrema idade a que chegastes
Deveis poupar as forças que vos restam.*

TRISTÃO

*Poupar?... porque... se tanto a vida pesa...
E se a morte seria a mói ventura...*

JANGO

*Esqueceis-vos de alguma cousa, entanto...
Tendes inda Maria...*

TRISTÃO (erguendo-se, convulso)

*Pois não sabes,
Que essa também. Maria, a filha ingrata,
Como os outros fizeram, certo dia,
Partiu sem nada me dizer, fugindo
Desta choça e de mim, como se foge
Da choça de um leproso... e essa filha
Era tudo, entretanto, o que na vida
Restava ainda ao velho quasi morto.*

JANGO (com mostras de fundo desespero)

*Que dizeis, Pae Tristão? Não é delirio?...
Dizeis bem a verdade?... Pois Maria
Já não vive convosco?*

TRISTÃO (surpreso com o tom angustioso do falar do moço)

E' bem verdade...

*Mas que funda emoção essa noticia,
Jango, te causa... estás soffrendo... e eu sinto,
Mais do que escuto, o palpar violento
Desse teu pobre coração ferido...
Tú a amavas, meu filho, ah! tú a amavas...*

JANGO

*E esse amor era toda minha vida...
Parece mesmo que nasceu comigo,
Tanto era velho no meu peito... Dantes,
Eu muito novo e ella mais nova ainda,
Quando os meus olhos viam-n'a, cahia
Dentro de mim alguma cousa, como
Deve ser para a flôr o brando orvalho...
Eu me sentia com mais vida e o peito
Com mais ardor para a querer... e agora?
Na minha vida de tropeiro andava
Annos inteiros por caminhos duros,
Serras grimpendo ao sol meridiano,
E, ao fim do dia, mal dormindo as noites
Sob as ramagens humidas de uma arvore...
Mas tudo me era doce na aspereza
Dessa vida sem tregoa e sem repouso,
Porque dentro de mim comigo andava,
Bem guardada no fundo de minha alma,*

*Como a Senhora em sua capellinha,
De Maria a lembrança abençoada...
E quando, nesta minha vida errante,
Por serras e vallados, destes sitios
Me approximava, eu sempre encontrei folga
Para aqui vir passar algumas horas,
Momento cujo gozo me custava
Mezes e mezes de pesado esforço...
Mas, quando aqui chegava e quando a via
E a luz daquelles olhos se entornava
Sobre o negrume de minh'alma em treva,
Era como o esplendor da lua cheia
Clara a subir detraz da serra agreste...*

TRISTÃO

*Estou sorpreso do que escuto... Certo
Jamais pensei que tú dizer pudesses
No teu rude falar cousas tão bellas...
E' bem o amor que teu discurso anima...
Vejo como a querias...*

JANGO

*Como a quero...
Como a desejo ainda, embora saiba
Perdida para mim toda a esperança
De unir numa só vida as nossas vidas...
Mesmo não sei se poderei um dia
Esquecel-a e apagar dentro do peito
Esse arraigado amor que nelle móra...*

TRISTÃO (reanimando-se)

*Sim, vejo como a queres... Pois amigo,
Ella é tua... Do modo mais solemne,
Eu, seu pae, o declaro... é tua... é tua...
Vae busca-a... Dos braços miseraveis
Que ao triste velho que acabava os dias,
O carinho da filha arrebataram,
Vae arranca-a... Traze-a... E's valoroso
E Deus te ajudará na Santa empreza...*

JANGO

*Mas, busca-a em que sitio?... Onde?... e dos braços
De quem arrebatou-a?...*

TRISTÃO

*Foi Anselmo,
Filho de Tito, quem roubou Maria...
Dantes apparecia aqui por vezes;
Mas, por fim, era sempre, e, cada noite,
Por fazer companhia ao velho enfermo,
Vinha e ficava aqui horas perdidas,*

*Contando historias de entreter a gente,
Ou tocando viola ao pé da porta...
O pae era homem bom, foi meu amigo,
E eu pensava que Anselmo tambem fosse
Creatura de peso e confiança...
Mas, era um seductor... e eu, na cegueira
Dos olhos e do espirito, só tarde
Vi que não era por amor do velho
Que Anselmo vinha a nossa pobre casa...
Certa manhã, quando acordei, Maria
Tinha fugido e nunca mais Anselmo
Appareceu tambem... Vae para um anno...
Soube, depois, por tropas de passagem,
Que viviam os dois como dois pombos
Na casa delle, no arraial da Ponte...
Velho e sem forças, cego e sem familia,
Não sei como vivi... mas, fui vivendo...
A caridade dessa velha Rosa
Não me deixou morrer de fome e sede...
E vou vivendo... O sopro que me resta,
Apagado e subtil dentro do peito,
Só vive, só palpita, só perdura,
Alimentado pela ideia trega,
Que não me deixa, de lavar a afronta
Bebendo o sangue desse vil Anselmo...
Foi Deus quem te mandou aqui nesta hora.
Maria é tua... Vae buscal-a... Em baixo
Deste velho colchão em que definho
Acharás uma faca abençoada...
Ella jamais errou seu golpe fundo,
E vae certa ao coração maldito...
Ella conhece bem esse caminho
Que tantas vezes percorreu vibrando...
Que o destino se cumpra... Eu bem sabia
Que meu fado armaria inda meu braço,
Meu velho braço, da arma vingadoura...
Vae!... que Deus te acompanhe... e não demores...
Anceio por morrer... estou cansado...
Preciso repousar de tantas dores,
Mas tenho ainda de viver, enquanto
Não souber que essa terra, que meu corpo
Deve roer e consumir, faminta,
Todo o sangue bebeu daquellas veias...*

Cahe, extenuado, sobre o catre. Durante as ultimas palavras do velho, Jango procura e tira a faca de baixo do colchão e, beijando-a, sae, precipite...

SEGUNDO QUADRO

Mesmo sitio, dias mais tarde. Anoitece.

TRISTÃO

*Espia, Rosa, espia... Ausculta a noite
A ver se tú presentes a toada*

*De passos apressados... Jango tarda...
Géla-me o sangue e a vida se evapóra...
Mas o sopro vital persiste á espéra
Da bôa nova que a chegar já custa...
Espia, Rosa, espia...*

ROSA

*Nada vejo,
Nada escuto na immensidão da noite...
A agua canta na grotta, e vagalumes
Abrem riscos de luz na sombra espessa...*

Rosa volta a agachar-se queda junto do catre em que Tristão agonisa.

JANGO (apparecendo, vagaroso, no vão da porta).

Que o Senhor seja nesta casa...

TRISTÃO (num sobresalto)

Jango...

*Tardaste tanto... mas, depressa, dize
Se justiça foi feita, se já posso
Fechar os olhos para todo o sempre...*

JANGO

*Sim, podeis, que deixais na terra inhospita
Vossa filha feliz, prospera e amada...*

TRISTÃO

Então poupaste Anselmo?

JANGO

Foi preciso...

TRISTÃO

*Tiveste medo ou te faltou coragem,
Filho sem sangue de uma brava stirpe?
Ou por acaso o amor que proclamavas
Era pura illusão enganadora?*

JANGO

*Não tive medo e dentro do meu peito
E' cada vez maior o amor sagrado...
Coragem não me falta... Ao outro dia,
Quando daqui parti, fui resolvido
A matar ou morrer... Desesperado,
Quasi louco, vaguei por estas serras*

Dias e noites, sem dormir, sedento...
Calmo, afinal, mas firme fui, domingo,
Para os lados da Ponte. E, lá chegando,
A casa delles vi, clara, izolada,
Dentro da cerca de um jardim florido...
Quente correu-me o sangue pelas veias
E o coração pulou com força... emtanto,
A' vista desse quadro calmo e doce
Não sei que nova luz encheu minh'alma
E eu me senti de subito mudado...
Era manhã; suave claridade
Rosada e leve andava pelo espaço
Calmo, coberto por um ceu de opúla.
E a paz das cousas dominando a vida
Me impoz a paz do espirito... Tranquillo
Corri meus olhos pela redondeza...
Dormia a casa o somno descuidado
Da ventura... Em redor flores se abriam
No pequeno jardim, rustico e pobre,
Mas, pelos fundos, sobre uma collina
Que suave ascendia, a mandioca
E o milharal cresciam, na fartura
Da boa terra... uma riqueza!... e, tudo,
Tudo era de Maria... De repente
Na casa uma janellia se abre... Cauto,
Por não ser visto, entrei na capoeira
Que, cerrada, se estende em frente á casa...
E de lá pude ver... Era Maria,
Inda mais bella do que dantes... rindo,
Mostrando os claros dentes, o cabello
Cahindo em cachoeira pelos hombros...
Dos meus olhos brotou subito o pranto...
Mas o pranto seccou... De Anselmo o vulto,
Airoso, triumphal, surgira ao lado
Da figura gentil da companheira...
Fallavam, rindo, no intimo abandono
De quem não tem cuidados... Eu, transido
De commoção, palpei na cinta o cabo
Da faca que me destes... Porém, logo
A revolta passou... Voltou-me a calma
E eu percebi que havia perdoado...
E fugi, penetrando no sombrio
Intrincado da espessa capoeira...
Horas depois volvi, porém, chamado
Não sei porque profunda voz do instincto...
Volvi, e a casa vim achar em festa,
Qual num conto de fadas... Das janellas
Lindas guirlandas de folhagens pendem...
Folhas esparsas de mangueira cobrem
Todo o chão em redor, e muita gente,
De fato endomingado, homens e moças,
Dentro da casa e no jardim fronteiro,
Indo e vindo, risonha, azafamada,
Num movimento de alegria... Exangue,
Um instante pensei que delirava,
Mas, era bem verdade... E logo um rancho

De tocadores de viola surge...
E a plangencia das cordas sonorisa
O ar da manhã que o sol agora aquece...
Dentro da casa dança-se; e, de fóra,
Dois caboclos versejam de improviso
Na emulação que o desafio excita...
E a alegria da festa augmenta na alma
Daquella simples gente sertaneja...
Um sino, ao longe, a repicar começa
Num festivo repique alviçareiro...
E toda aquella agitação alacre
Recrudescce, frenetica e expansiva...
Mas, de repente, tudo pára e cála
E da porta da casa vae sahindo
A gente toda que a casinha enchia.
Alas se formam junto á porta e logo
Apparece Maria, carregando,
Transbordante de jubilo e de affecto,
O seu filhinho que ao baptismo léva...
E o cortejo se poz em marcha, lento,
Pelas campinas calmas, acordando,
Ao planger das violas soluçantes,
Daquelles sitios os dormidos echos...
Ali fiquei por longo tempo, preso,
Fincado ao solo, immoto, sem ideias...
Mas, por fim, resolvi partir, trazendo
Dentro de mim gravado para sempre
Essa visão risonha da ventura...
E aqui me tendes, velho amigo; certo,
Minha conducta vosso applauso colhe...
De vossa vida ao derradeiro instante
Não poderieis ter melhor noticia...
Vossa filha é feliz... e todo o anhélo
Desse meu coração, todo o desejo,
Toda a ambição que os dias me animavam
Outros não eram que a fazer ditosa...
E ella tem tudo... ella é feliz... de perto
Eu bem o vi, bem o senti! Oh! Como,
Desgraçado de mim, amando-a tanto,
Poderia roubar-lhe o companheiro
E as suas horas mergulhar em luto?...

TRISTÃO

Maldito tambem tú, debil creança
Cuja razão o sentimento afoga...
Sé maldito... Meus ultimos momentos
Envenencu tua fraqueza imbélle...
O ar me falta... suffoco... e o desespero
Levarci na alma se morrer dcixando
Na terra, impune, esse nefando crime...
Rosa... Suffoco... Abre a janella... Morro...
E morro de odio e desespero chcio...
Tragam-me um padre... um padre...

ROSA, que delle se approxima, vê seu estado de agonia e sahe, precipite.

JANGO

*Tende calma,
Morrer é repousar...*

TRISTÃO

Morro... Maldito

*Tú que não sabes que os prazeres da vida
Stão na vingança...*

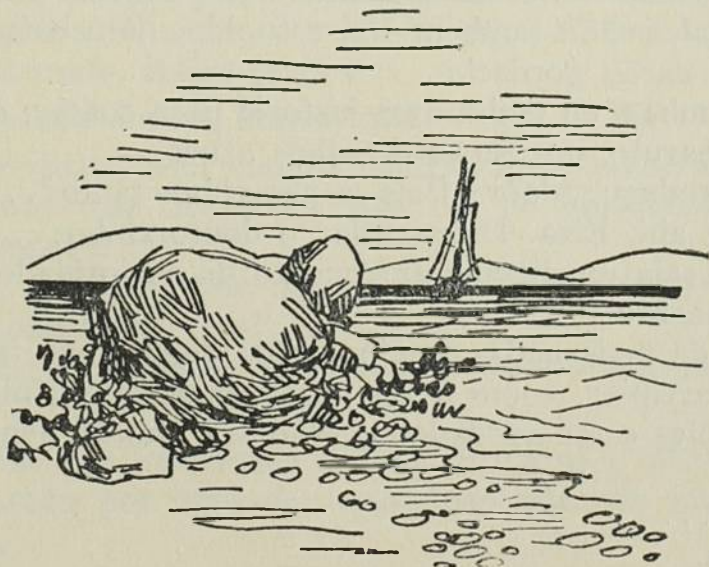
JANGO

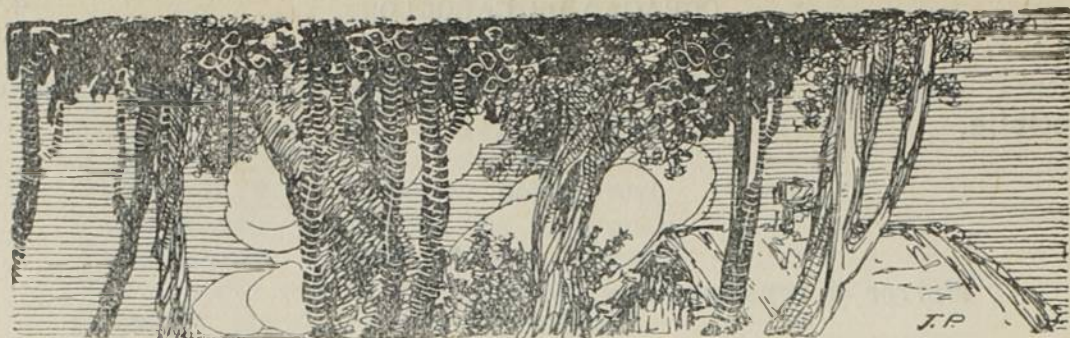
Que o bom Deus não ouça

*Essas blasphemias que o delirio engendra...
Ides partir impenitente; ao menos
Levae no ouvido estas palavras doces
Que a mim na mor desgracia me confortam:
— E' no perdão, é na grandeza d'alma
Que a dôr encontra seu maior alivio...*

Tristão cae exausto. Jango acerca-se delle e o contempla compadecido. O fim se annuncia proximo. Ouve-se o resfolegar offegante do moribundo. Rosa e outras mulheres, cabeças cobertas com chales sombrios, entram de manso e, prostando-se em volta do catre, sobre o chão poento, murmuram, humildes, a oração pelo que está morrendo.

Tijuca, 14 — 16, Abril de 1921.





A CAVEIRA

GABRIEL MARQUES

Na sala rosa daquelle palacete, entre o riso alacre de duas garrulas senhorinhas e sob espiraes de fumo em fita azul no espaço, cavaqueavam pessoas do alto mundo social paulista.

O commendador Ferreira Lobo, um luso-brasileiro de cinquenta annos, contou, pausada e pesadamente, uma longa historia de arripiar: "O doente da meia noite".

Mas, ao contrario do que suppuzera, o fêcho daquella historia, como ferrolho ferruginoso que se corre á porta arruinada, arrancou, daquellas duas gargantinhas juvenis, apenas um rosario de gargalhadas sadias.

— Você crê nisso, Elza?

— Eu? O commendador que me desculpe...

E riam perdidamente nas bochechas respeitaveis do commendador, que, apalermado tambem ria, estúpido, num esforço que lhe arroxeara o carão gordacho.

— Pois tambem eu tenho uma historia para contar, disse, accendendo um charuto, um rapaz de olhos azues.

— Você tambem, Alaôr? Pois já não rimos tanto?...

— Cala-te ahi, Elza. Deixa falar o doutorzinho...

Houve na sala um ligeiro movimento de curiosidade.

E Alaôr narrou.

— Antes de mais nada, previno-os de que se não trata de uma historia de arripiar, como a do nosso excellente amigo. E' uma historia simples e até verdadeira. Não faz chorar nem rir — faz pensar.

— Sério?...

— Ouçam.

O meu amigo doutor Oliveira Junior, que reside numa cidadezinha do interior, depois de um anno de casado com a mulher

mais bonita da zona, teve a felicidade de vêr o seu lar em festa pelo nascimento de uma criança que era bem um anjo celestial.

Chamaram-n'a a Mariazinha. Vicejava esperta, irradiando em redor de si discos de verdadeira felicidade.

Era a alegria do casal.

Ao completar os seus dois annos, Mariazinha teve a sua pagem, ahi uma criadita de quinze annos, Anna Rosa, natural de Traz-os-Montes. Era uma criaturinha simples, boçal, nascida para a obediencia e sempre com o carmin do pudor nas faces. Entregaram-lhe Mariazinha como quem entrega uma joia custosa a uma pessoa de confiança.

Anna mostrou-se extremamente dedicada e os paes exultavam:

— Veja, d. Brasilina, como somos felizes! A Mariazinha só dorme quando a Anna a vae ninar!

— Que bôa rapariga!

— Santa que é! Parece ter um poder magico sobre os nervos da menina...

Os dias transcorriam vagarosos na rapidez infinita do Tempo.

Mariazinha, um dia, começou a attrahir a attenção dos paes. Viram-na mais fraquinha, com uns olhitos espantados, sempre a tremer de mêdo quando ouvia chorar alguém. Ao cair de um objecto, ao arrastar de uma cadeira, ao ranger de uma porta, á tôa, empallidecia, com os beicinhos a tremer, os olhos cheios de pavor, e perdia a fala. Muitas vezes surprehenderam-na a falar baixinho: "a caveira... a caveira êvem..."

— Bichas, diagnosticava a mãe, as malditas bichas!

O pae, emtanto, perscrutava mais a fundo, em procura da causa real daquelle estado d'alma, que sabia não ser o apontado por d. Elvira. Inquiria. Viejava. Punha em jogo a sua argucia, mas em vão. Desesperado, interrogava-a:

— Que medo é esse, Mariazinha?

A pequerrucha, sem comprehender, abria muito os olhos onde vagueava por traz dos cilios uma luz de innocencia e de pavor incomprehensivel.

— Fala, filhinha! por que é que tremes quando cáe ao chão qualquer coisa? Por que?...

A menina, já a tremer os beicinhos côr-de-rosa, murmurava:

— Não sei...

Pegava-lhe nas mãozinhas debeis, ficava-se a olhar para aquelle anjo torturado por algo de mysterioso que elle não podia comprehender.

E abatido, com a alma dorida entre as garras da curiosidade delirante, deixava-a ir, seguindo-a com os olhos tristes.

— Vai-te, filhinha! Vai brincar...

Mariazinha, soluçando baixo, com os olhos cheio d'agua, sahia titubiando nas perninhas fracas...

E os dias, rolando com os mezes, iam marcando a caminhada do anno. O nervosismo de Mariazinha abria naquella casa um véo de tristeza, como a asa enorme de um abutre entre a luz immensa do sol e o silencio pesado da terra. O velho piano, dantes tão alegre na convulsão das suas ondas sonoras, dormia agora, empoeirado ao canto, num silencio de desolação eterna.

Mas, a casa triste refloriu-se de esperanças, ao annunciar d. Elvira a vinda proxima de mais uma criança, um filhinho bem-amado.

Renasceram os sorrisos pespontados de longos e felizes beijos. Talvez trouxesse aquelle outro rebento a alegria que tanto faltava.

O dr. Oliveira Junior, embalado nas plumas dessa bemdita esperança, já cuidava melhor dos seus doentes; tomando mais a sério a sua nobre e dolorosa profissão.

Approximava-se o mez em que d. Elvira seria mãe novamente, quando Mariazinha adoeceu. Cahi de cama sem gemidos, com palpitações acceleradas, respirando, cansada, pela bocca. Engrossaram-lhe as arterias no pescoço que mirrava. Tinha febre, uma febre fina, imperceptivel.

Desde então, parecia enconderem-se pelos cantos, soluços de uma dôr que vinha perto.

Anna, a criadinha boçal, desfazia-se em caricias, em dedicações inequivocas. Tinha já os olhos empapuçados de chorar. Afflicta, bôa, amorosa, não se arredava de ao pé da doentinha, que peorava assustadoramente.

Rara a noite em que se não alvoroçava a casa desperta pelos gritos de Mariazinha. Corriam todos, afflictos:

— Que é isso, filhinha?

— Diga, anjinho, diga! Dóe aqui?... aqui?... aqui?...

E a mãe, nervosa, apalpava-a meigamente, escondendo as lagrimas.

Mariazinha, com os olhos muitos abertos, cheios de um pavor immenso, balbuciava fitando os cantos, o tecto, as peredes núas: "Eu vi... eu vi... a caveira..."

— Que caveira, filhinha? Conte!

— Não...

E encolhia-se toda aconchegando-se ao seio quente de d. Elvira. Mariazinha peorava baldando os recursos da sciencia medica.

Ao escurecer de uma terça-feira triste, em que as nuvens volumosas galopavam pelo negror do espaço como dragões medonhos, d. Elvira sentiu-se incommodada. Teve que procurar o leito. Era chegada a occasião. Chamou-se a parteira que morava longe, e chegou tarde, com os primeiros pingos d'agua.

Mariazinha, agora, mais accesa em febre, debatia-se. Não podia dormir, a pobrezinha. Anna Rosa, a bôa, a simples, e ingenua pagem, apiedada, lançou mão do narcotico que de ha muito vinha usando.

— Dorme, Mariazinha, senão a caveira “êvem” chorar...

A criança arregalava muito os olhos, e apertava depois fortemente as palpebras, entre leves soluços de pavor. Mas não podia dormir. Não tinha somno.

A tempestade avizinhava-se. Os pingos pesados, grossos amudaram tamborilando nos telhados. Os trovões, sinistros, como longos rugidos, rouquejavam aterradores, rolando em repercussão profunda no arquejo angustiante do vento.

Coriscava.

De repente um estrondo echôu e o céu, como rasgado nas suas entranhas, diluiu-se todo, escorrendo em catadupas, debruçado sobre a terra.

Trez horas da madrugada.

Mariazinha, sempre insomne, encolhia-se toda a cada estrondo que abalava os ares. Anna Rosa sahiu da alcova, de vagarinho, correu ao gabinete do dr. Oliveira Junior e de lá trouxe a caveira de marfim, collocando-a lá ao canto, em frente ao leito da doentinha.

— Durma. A caveira já vem vindo...

E apontou a caveira branquejando lá ao canto.

Mariazinha espichou o pescocito fino, abriu muito as palpebras, teve um gemido doloroso e encolheu-se novamente, cobrindo-se toda, apertando muito os olhos onde brilhava uma luz vaga de terror que endoidece.

Anna sorriu, contente. Pendeu a cabeça cansada sobre o espaldar da cadeira e dormiu o somno da innocencia...

Chovia ainda.

Mariazinha, emtanto, não conseguia dormir. Tinha, sob os cobertas de lã, um tremor que não de frio.

De repente, o seu coraçãozinho como que gelou.

— “A caveira estava chorando...”

Apurou mais os ouvidos. Era certo. Um vagido, um choro leve boiava no silencio do quarto. Afastou um bocado as cobertas. Olhou... A caveira lá estava... Sim... Era bem ella — branca, muito branca, com a bocca aberta... os olhos fundos... Encolheu-se toda, tiritante. Quiz dormir á força para que a caveira cessasse de chorar... Sentia o coração bater aos saltos. E, com as mãozinhas de lirio, apertando o peito para não deixar o coração sàhir, contendo a respiração, deixou-se ficar muito encolhida, tiritando, assombrada no mysterio da noite...

A chuva continuava ainda. Os trovões, entretanto, serenavam. E o vento soluçava apenas, brandamente.

Uma ligeira claridade mordia as trevas.

Amanhecia.

O dr. Oliveira Junior, contente, correu dar a Mariazinha a bôa-nova do nascimento do irmão. Abriu a porta devagar. Entrou. Mariazinha occultava-se toda sob as cobertas grossas e, Anna Rosa, resommando com força, dormia na cadeira com a cabeça pendida. O dr. Oliveira Junior debruçou-se.

— Mariazinha, tens agora um irmão! Vem! Vem vê-lo!

E, devagar, lhe foi descobrindo o rosto.

— Acorda, filhinha!

Mariazinha pallida, rija, com os dentes cerrados, tinha nos olhos vitreos, entreabertos, uma expressão de horror.

— Filha!

E o dr. Oliveira Junior sondava-lhe o coração, o pulso, a fonte... Nada! A gelidez da morte dizia-lhe tudo no seu incommensuravel mutismo tragico.

O medico ergueu a cabeça e circulou os olhos pelo quarto. Viu ao canto, alvejando como pequena mancha de claridade, a caveira de marfim que parecia rir, estúpida, o riso alvar das caveiras. E comprehendeu tudo... Anna Rosa dormia ainda, talvez sonhando com o paiz das maravilhas...

E ninguém soube nunca todo o horror desse quadro emerso da-quella noite tempestuosa...

Alaôr parou. Enxugou a fronte com o lenço. E disse:

— Aqui termina, senhores, minha historia, — a historia dolorosa do dr. Oliveira Junior...

Houve um silencio na sala. Ao cabo, D. Elza perguntou, escondendo uma lagrima.

— E á criadita?

— Nunca poudes comprehender o mal que fizera.

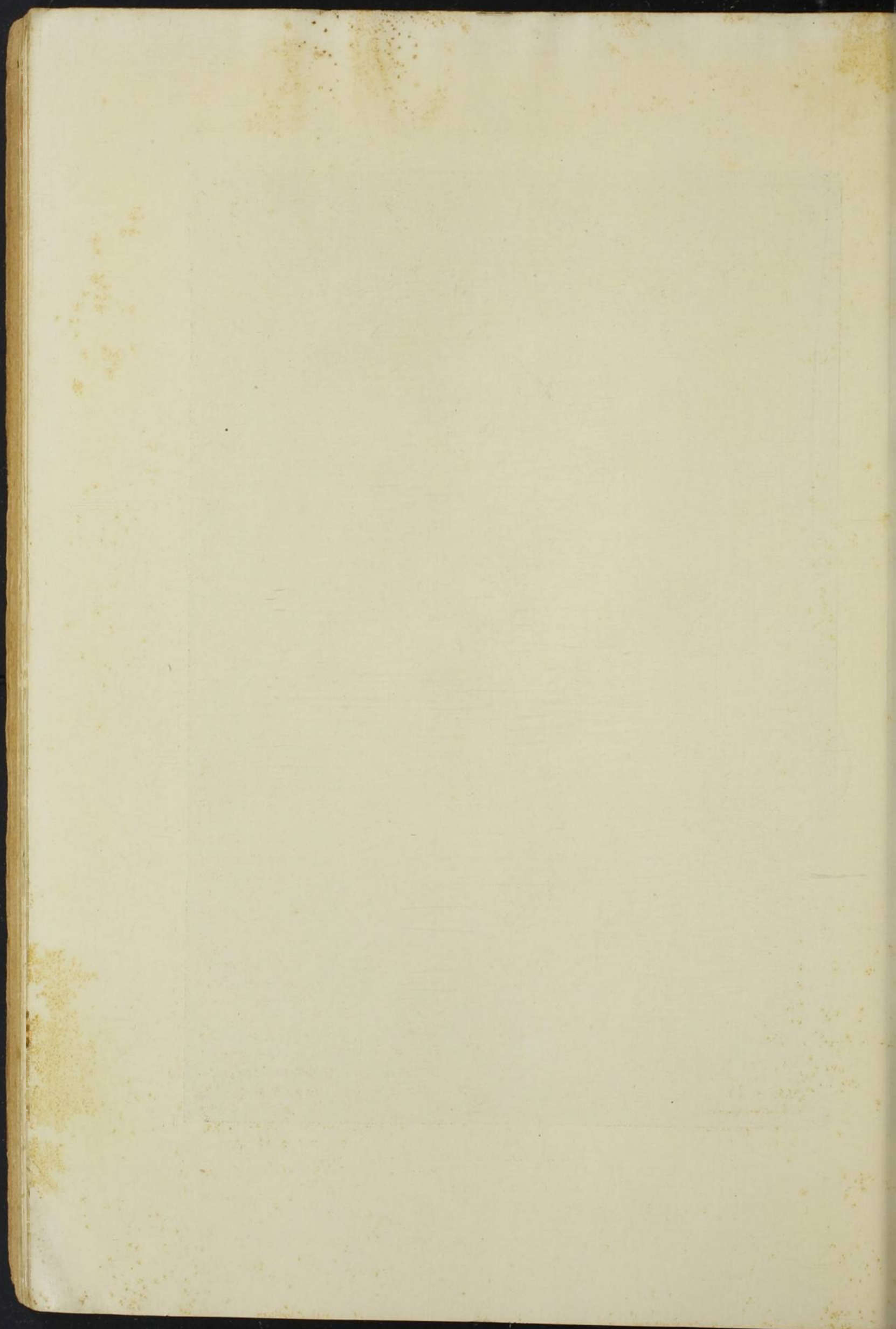
Fóra, as lampadas electricas eram gottas de luz engastadas no ventre da noite...

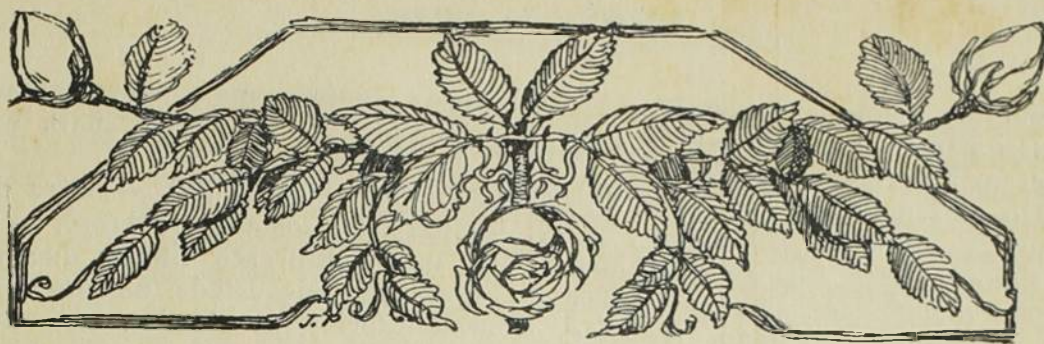
(De "Os condemnados")

UM NOME MUNDIAL



JOSE' INGENIEROS





O BRASIL A' LUZ DA THEOSOPHIA

*Subsidio para uma HISTORIA E GEOGRAPHIA THEOSOPHICAS
DO BRASIL E DO MUNDO.*

(JOSEBENTO)

CAPITULO 1.º

UMA RAÇA NOVA NO BRASIL

A grande patria em que as sabias leis do *Karma* (1) nos deram a honra de nascer, é uma das mais bellas, mais gentis, mais bem dotadas do globo.

Um sol adoravel despeja sobre ella a mais pura e radiosa luz, e os seus rios magnificos de volume e limpidez de corrente, suas florestas exuberantes, suas minas inesgotaveis de minerios que fazem a ventura do homem, o seu clima temperado e doce, que marca do norte para o sul todas as gradações dos climas do mundo; a fertilidade estupenda do solo, onde as sementeiras de tudo quanto á Humanidade seja util encontram facilidades admiraveis, tudo nessa terra privilegiada mostra-lhe um rumo de prosperidade e ventura inconcebiveis.

Essa patria como paiz, é um portento de superficie. São 8.525.000 kilometros quadrados, 15 vezes maior que a França ou a Allemanha, podendo conter dentro de si toda a Europa menos parte da Russia, sendo a metade da superficie global de toda a America do Sul, e a decima quinta parte da superficie solida do mundo.

De Norte a Sul, mede 4.400, e de Leste a Oeste, 4.000 kilometros de maior extensão, de campos verdejantes de tranquillidade, de serras ondeadas e azuleas, de mattas rumorejantes, virgens muitas vezes do passo do homem civilizado; de rios colleando caudaes, ora tranquillos

(1) *Karma* é o nome de uma lei natural que a *Theosophia* reconhece. Pode-se traduzir essa palavra sanskrita por: *lei de causalidade; relação entre causa e effeito; lei da justiça.*

como um sonho, ora saltantes em catadupas espumarentas, enormes, impressionantes, que esperam a iniciativa da raça que se forma, para encherem a terra de energias de conforto e progresso.

Do extremo Norte — barra do Oyapok — ao extremo Sul — barra do Chuy — correm 7.920 kilometros de extensão de costa e de largo, vastissimo oceano, formando o mais bello, mais pittoresco litoral que se conhece, onde as bahias preciosas de estonteante magestade, as enseadas de doce aspecto azulado, os cabos, os promontorios, as cidades, os panoramas desfilam á vista do viajor estupefacto.

Admiravel Patria! Nella os recursos de toda a especie offerecem-se á menor iniciativa do homem, em qualquer dos tres reinos, — seja offerecendo-lhe o alimento saboroso solido e liquido nos fructos abundantes, nas raizes dos vegetaes, e querendo elle, no recurso da caça e da pesca, como da criação, engorda a selecção de gado de toda a sorte; — seja apresentando-lhe uma flora medicamentosa como não ha igual; — seja ainda favorecendo-o com todos os recursos para a sua industria e prosperidade.

O Brasil como paiz, permite que a nação se baste a si mesma, se assim resolver.

De posse de tão gigantesco quão bello territorio, o povo brasileiro occupa-o nelle disseminado, formando a grande nacionalidade de mais de 30 milhões de almas, na sua maioria catholicos, falando uma unica lingua, — este nosso sonoro e a um tempo simples, claro e aristocratico idioma portuguez. E esses 30 milhões, em grande numero, 5/10 talvez, formam-no agricultores, vaqueiros e serviçaes no interior, que vão aos poucos, e cada vez mais, se adaptando á terra e domando-a, e cercando-a, arando-a, cultivando-a, tornando-se emfim immunisados naturalmente contra as molestias tropicaes reinantes. Nessa lucta ingente, cahe sacrificada, é natural, numerosa proporção.

Os antigos dominadores da terra os robustissimos indigenas, custara ma aclimatar-se tambem ,mas acabaram vencendo a natureza.

— Não existia entre elles o impaludismo ,o famigerado barbeiro? E a anquilostomiase? Não andavam nús' descalços?

Generalisam por ahi, que o povo brasileiro deperece; que o Brasil é um vasto hospital e quejandas historias que o robusto filho dos sertões, pela sua saude, força e actividade, se encarrega de desmentir.

Repitamos, — na lucta com o meio, e no caldeamento das raças, ficam residuos inevitaveis que afinal, são o espantelho do observador superficial.

Mas, diziamos, 5/10 de agricultores, boiadeiros e serviçaes de familia. 2/10 de commerciantes, industriaes e operarios; mais de 2/10 de soldados, invalidos e desoccupados; menos de 1/10 de intellectuaes (professores, jornalistas, medicos, etc., etc. e empregados publicos — eis o que é o povo brasileiro.

Toda essa grande massa, dividida em differentes correntes de pensamentos, de acção, de raça, lucta sem treguas, reage entre si, amalgamando-se para um longinquo typo ethnologico e uma distante civilisação poderosa, sob as luzes auriverdes do pavilhão symbolico e magnifico da Republica Brasileira.

Todas as raças aqui tumultuam e se cruzam.

A *raça lemuriana*, representada por todos os negros descendentes da Africa ou de alhures. A *raça atlante*, filha do perdido continente, representada pelos descendentes do povo indigena do Brasil e pelos poucos chinezes e japonezes que ha entre nós. A *raça aryana*, representada por elementos de todas as suas actuaes sub-raças, ramos e sub-ramos: orientaes, arabes, gregos, italianos, hespanhóes, francezes, inglezes e principalmente portuguezes.

A *Theosophia* ensina sob fundamentos scientificos irresponsiveis que a Humanidade, para evoluir completamente, forma sete raças, que produzem cada uma, sete sub-raças, produzindo estas, ramos, sub-ramos e familias, em igual numero. Que, como o individuo, a raça tem missão definida a cumprir, um alvo definido a attingir; quer dizer, não ha agrupamentos nacionaes por acaso formados, sem uma funcção, como aliás nada existe de casual, de fortuito. Tudo marcha guiado por *intelligencias poderosas*, para um fim que *ellas* sabem — porque *tudo* vêem de cima para baixo, enquanto que nós vislumbramos apenas parte do que ha, porque, semilucidos, o que vemos, vemos de baixo para cima.

No proximo capitulo, voltaremos a tão convidativo assumpto, quando estudarmos: *evolução humana*, etc. Baste-nos por agora, dizer, com a Theosophia, que todos os povos da Terra pertencem a uma das tres citadas raças — *lemuriana*, *atlante*, *aryana* ou seus cruzamentos, e que todos esses povos desempenham, desempenharam já, ou hão de desempenhar algum papel de relevancia no vasto plano da *evolução*.

A *lemuriana*, a terceira no numero, porém a primeira raça que teve corpo physico, viveu no continente chamado — *Lemuria*, hoje esphacellado em ilhas, das quaes Madagascar, parte da Africa e a Oceania — *velhissimo* e não novissimo continente. Desenvolveu esse corpo physico, desenvolveu tres órgãos dos sentidos: ouvido, tacto e vista, possuindo ainda dupla vista, dada pela hoje atrophiada glandula pNeal. Era um terceiro olho, no alto da testa, produzindo a estranha figura que, dado o seu tamanho de tres e mais metros, ficou na lenda grega dos gigantes Cyclopes rebeldes. Essa grande raça, de côr negra ou vermelha escurissima ás vezes, linguagem monosylabica, poudé alcançar desenvolvimento bastante para fazer uma vaga idéa de *Deus*.

A *atlante*, a quarta, desenvolveu o quarto principio do homem, teve evoluídos quatro sentidos: ouvido, tacto, vista e paladar. Attingio na sua terceira sub-raça, os *toltecas*, grande civilisação que dominou o mundo, sendo reflexos della, o antigo poderio egypcio, ao qual a Historia apenas se refere, ao fallar nas dynastias gloriosas de *Menes*. Do mesmo modo, o mal conhecido imperio dos Incas, no Perú. As tradições mexicanas, a civilisação chinesa estagnada, o resurgimento japonéz prendem-se ainda a essa esplendida raça lendaria, que cresceu e dominou no continente appellidado — *Atlantida*, do qual são resto as Americas — o velho e não novo continente — estando as suas principaes terras submersas pelo Atlantico. A esta raça voltaremos, como a todas, em tempo.

A quinta grande raça-mãe, a *raça aryana*, nasceu da quinta sub-raça atlante — semita — na Asia Central. Dahi sahio e povoou logo a India, onde até hoje existe, cruzada com atlantes e lemurianos, a sua primeira sub-raça guardando o nome de *Aryos* e formando o ramo mais meditativo e espiritualisado da raça raiz.

Com as grandes emigrações desta primeira sub-raça, da segunda — aryo-semitica, isto é, assyrios e babilonios; da terceira: *iraniana* — persas e afgans; da quarta — *celtica* — greco-latinos, bretões e a quinta sub-raça a *teutonica* — anglo-saxões, anglo-americanos — começa a *pre-historia*, e a *Historia Universal* taes como imperfeitamente ora se estudam.

I — A *Theosophia* classifica o homem em principios: 1. o *corpo denso*; 2. o *duplo ethereo* — *periespirito* dos espiritistas. 3. *prana* ou vitalidade. 4. *kama* ou corpo de sensação, corpo de desejos. Estes são o chamado quaternario perecível, e constitue o conjuncto puramente animal do homem. Note-se que todos os animaes possuem este mesmo quaternario perecível.

Chama-se até ao *kama*, corpo de desejos — *alma animal*. Os outros principios são a parte eterna, são o *ternario* indestructivel, *atma*, *buddhi*, *manas*, isto é: — *vontade*, *sabedoria* ou *amor*, e *intelligencia*, os tres aspectos do *homem* verdadeiro, cuja hora nunca soa.

A quinta grande raça-mãe levará ao mais alto ponto, o quinto principio do homem: — *manas*, a intelligencia. O mais elevado intellectualismo é o seu aspecto caracteristico. A sua quinta sub-raça citada, é actualmente o ponto avançado desta raça, e dirigir o mundo, formando-lhe a mente concreta e especulativa, pelo seu exagerado egoismo. Com ella, isto é, com os anglo-saxões, cuja missão apenas se delinea, culminará a grandeza desta quinta raça-mãe ou quinta raça-raiz. E dará ainda a sua sexta e setima sub-raças.

A sexta sub-raça, que apenas nasce nestes dias, no mundo, — conforme testemunho da sciencia americana — affirmando apparecer nos E. Unidos uma raça sem precedentes, nos seus caracteristicos, — a sexta sub-raça ariana dará nascimento a *sexta grande raça mãe* ou *raiz*, que desenvolverá o sexto principio humano: *buddhi*, isto é, o aspecto *amor universal*, *amor omnilatero*, *intuição* ou *sabedoria*, ora latente na alma humana.

O seu advento são as guerras de interesse, as ancias de fraterna paz que envolvem o mundo, cançado do seu proprio egoismo.

Ora, a sexta raça nasce apenas. De milhares, milhões de annos será a sua existencia, assim como da propria quinta raça-raiz que não deixará de produzir além da sua sexta sub-raça, tambem a setima.

Como para cada raça-raiz, sempre se formou um continente especial, tambem a sexta que desponta, deverá ter o seu.

Quem não sabe que *mãe terra* elabora sob as suas liquidas vestes do Oceano Pacifico, um doloroso parto: — um novo continente, que Haeckel entrevio e outros, e que os livros da India, os livros sagrados, *predizem*, *dando-lhe o nome de Shaka*?

E que estranho que as margens mesmas do Pacifico vá, nos E. E. Unidos, nascendo a nova raça!

Pois bem! vamos a caminho da Evolução. Justo será portanto, que o estudante de *Theosophia*, interessado por estes assumptos, patriota ao mesmo tempo — apezar de saber que as patrias são apenas campos de aperfeiçoamento, de selecção physica, moral, mental e espirital, a que a *Lei do Karma* nos sujeita uma e outra vez, tantas quantas necessario — natural será o interesse e a pergunta:

E o Brasil, que é elle?

Que se passa nelle como paiz e como nação, neste instante?

A que raça definida pertence?

Poderemos delinear, vagamente que seja, o seu futuro, e marcar a luz da *Theosophia*, a luz destes ensinamentos, o caminho a seguir para leval-o mais rapidamente ao apogeu de sua evolução?

— Como nação, já se vê, é o Brasil, um amalgama estranho e cada vez mais homogeneo de raças de todo o orbe terrestre; todos os matizes do negro, do indio, do branco; não é uma ficção ethnographica, porque ahi estão os productos cruzados dessas raças, ahi está uma grande massa cada vez mais densa e absorpsora, que vae caldeando negros, indios, europeus, num typo synthetico e victorioso — *o mestiço*.

Dá-se no Brasil, neste instante, neste momento historico, uma synthese ethnologica formidanda, favorecida pelo clima, pelo meio, pelas escolas, pelo exercito, pelos habitos, mesmo pelos pensamentos do patriota nacional. Dá-se uma synthese ethnologica como jamais se deu em parte alguma do

mundo, nem mesmo lá na patria de Washington, onde de anno para anno, mais reponta o typo prognata inferior, masseters salientes, robusto, que é o *yankee* apurado. Nem mesmo lá, repetimos, porque alli, milhões de chins e japonezes vivem sem se misturarem aos naturaes, seja em New-York, Babylonia moderna, ou na cosmopolis São Francisco e outros centros populosos. Oito milhões de allemães assustaram a grande republica, onde viviam, por occasião da grande guerra.

E os italianos, arabes, russos, cada qual sempre tendo, nas grandes cidades, a sua rua especialissima, — um pedaço das suas distantes patrias?...

Até o minuscuro Portugal chega a predominar numa ou outra cidade, pequena, embora, do interior!

E o negro? Quem desconhece que os 12 ou 15 milhões de negros americanos são um kisto no organismo do grande povo?

“Os negros nos Estados Unidos são uma pedra no estomago do paiz; não se digere, nem se deixa digerir”, dizia o celebre general Grant.

E o odio de raça, essa grande força, — destrutiva, como tudo que é *odio* ergue na America do Norte, entre brancos e não brancos, infelizmente, uma barreira intransponivel.

Na Terra de Santa Cruz é raro perceber-se qualquer prevenção de raças. Muitas vezes é o estrangeiro recém-admittido como irmão, o provocador de algum pequeno movimento de repulsa entre brancos e homens de cor. Predomina antes o merito, a cultura, a educação, para formar-se o criterio das classes sociaes, no interior bem pouco nitido, aliás.

Entrae numa officina brasileira, num theatro, num salão de conferencias, num hospital ou num templo, numa escola, — que vereis?

— O negro tranquillamente entre brancos; o mestiço ao lado do typo indigena puro e do branco, do descendente de todas as raças.

Ide aos quarteis do exercito, aos navios de guerra, as fortalezas, — e mais alto ainda, — aos congressos estadoaes ou federal, e mesmo á presidencia dos Estados ou da Republica, — qualquer parte onde se trabalhe ou divirta, onde se estude ou faça oração por todo este immenso territorio que é o nosso gigantesco *Brasil*, por toda a parte nelle onde se cultue a grande *Alma Nacional Brasileira* ou dos seus arduos problemas se cogite, — vereis, todos vós, filhos de estranhas terras, — vereis brancos e indios, negros e mestiços de todas as tonalidades, de mãos dadas fraternalmente unidos num esforço commum, cada qual a medida de suas capacidades de comprehensão dos deveres que assistem aos membros das collectividades organisadas, todos cumprindo bem ou mal a sua missão, — e quanto a questões de raças, de nacionalidades, apenas vagamente se lembrando que sob este ceu maravilhoso, em cujo azul profundo, a Constellação do Cruzeiro do Sul scintilla como um symbolo, ha logar ainda para 470 milhões de irmãos, venham elles de onde vierem, acossados pelo frio, ou não, pela fome, aqui bem desconhecidos, mesmo da indolencia ignorante, — em que pesem as narrativas alarmistas do romance e das reportagens.

Sim! no Brasil opera-se, como num cadinho immenso, a mais vasta synthese de que ha noticia.

E todas as emoções, e crenças, e superstições, e habitos, e doenças, e qualidades, e deficiencias latentes nas raças de todos os cantos do globo, aqui pairam sobre todos nós, com as suas esperanças e capacidades, com a cultura e o sangue de cada uma, suas artes e religiões millenarias.

Ao estudante de *Theosophia* occorre perguntar: — como resultante, o *Karma* de todas as nações, nesta parte do chamado *Novo Mundo*, virá, pois, queimar-se?

Terá o *Brasil*, um pedaço de missão de cada povo?

— Logicamente não se poderá negar que, como resultante de *karmas* individuaes, o *karma nacional do Brasil* tem que se resentir do de todas as raças que *nelle* se agitam e reagem mutuamente, caldeando-se para um typo unico.

Por isso mesmo, o brasileiro tem natural *sympathia* por todos os povos, é capaz de comprehender a alma nacional de todas as gentes, com ella *soffrer* e *scismar*.

São os factos que o dizem. Examine a profusa litteratura brasileira. Compulsae as mais diversas obras dos pensadores nacionaes. — Aqui, nas narrações em verso ou em prosa, expande-se a alma *crystalina* da França ou da Grecia, além, o espirito recto e luminosa da Roma antiga, a emotividade italiana, a poetica nebulosidade mental da Germania concentrada. A's vezes, reponta como um sonho longinquo, o sentimento slavo, repassado da nostalgia das *steps* sem limite. E sobre tudo, como num quadro singular, esbatido de luzes cambiantes e melancolicas, a moldura das reminiscencias de mortas civilisações africanas ou americanas, deixa pairar a onda de *sentimentalismo*, essa intima, profunda *saudade indefinivel*, — característica da emotividade brasileira e da arte della derivada.

E ha — ingenuo contrasenso! — ha quem tenha velleidades de querer extinguir, como se fôra um vicio, feia doença nacional digna de uma campanha secular, essa commovente emoção brasileira caracterisadora de *tudo* quanto mereça o nome de *brasileiro*.

Outro caracteristico nacional é o *liberalismo*, contra o qual, infelizmente, tanto se tem, nestes ultimos e tristes tempos, debatido.

E é sob esse aspecto, que a *Constituição da Republica Brasileira* é absolutamente notavel. Liberal como nenhuma outra, — é um amavel braço de mãe para todos os filhos das plagas de *Santa Cruz*, como para todos que, mesmo nascidos em longes terras, aqui aportem batidos de adversos ventos e tristes afflicções.

Uma bandeira gentil como um canto confiado de mocidade, a todos cobre como um lábaro amigo de fraterno laço que une, nas horas quietas de paz ou nos instantes calamitosos desse fraticidio innominavel que é a guerra, todos os filhos e amigos do *Brasil*.

Suas cores são reflexo real de vibrações de *sympathia* e altos ideaes intellectuaes e emotivos, onde o azul devocional retinge patrias esperanças.

A *bandeira do Brasil* reflecte milagrosamente o futuro... o futuro de *fraternidade*, de progresso, pelo *conhecimento*, de sincera devoção pelas coisas perfectas e pelo *Senhor de compaixão* que ampara o mundo.

E as raças vindas acossadas pelo *soffrimento*, das mais afastadas regiões do globo, acabam, afinal, amando entranhadamente a nova patria; annos após anno, os typos diversos harmonisam-se num *typo unico*, o typo ethnologico de *uma raça nova no Brasil*.

Quem, como o autor destas linhas, viajar pelo longinquo *Oeste de Minas*, pelo *Triangulo Mineiro*, ou attencioso observar as populações das nossas cidades do interior, ou das grandes capitaes, o Rio entre ellas, verificará a quantidade, ha um decennio sempre crescente, de adultos e creanças, *louros* de olhos *côr de ambar*, entre a grande massa mais puramente nacional do *Brasil*.

E o que é assaz notavel, escasseia cada vez mais, desses dez annos em deante, o decantado typo antigo "moreno, *côr de jambo*, *olhos*, *cabellos pretos*.

No pequeno collegio, com internato, que mantem em Minas o autor, e em suas viagens, poudé verificar, e com surpresa, o numero sempre maior do typo que appellidou *novo*, com ausencia dos varios typos antigos, ou raridade delles.

Dilatando as suas observações, e levando-as até os paes e parentes proximos dos observados, grande foi a sua estupefacção verificando serem progenitores e parentes desses *louros* de *olhos* de *ambar*, não raro mulattos escuros, de cabello encarapinhado, *negros* mesmo, ás vezes.

Tres senão quatro quintos das creanças que nascem hoje no *Brasil*, pertencem a este *typo novo* ou delle se approximam. Uma rapida inspecção numa sala de escola de alumnos menores de dez annos, em qualquer parte, justificará essa asserção, por mais ousada que seja, ou pareça.

Aquelles que pelo assumpto se interessarem, — este magno assumpto de cujo estudo muita luz se poderá fazer sobre o futuro patrio e o presente — os que se interessarem podem fazer seus estudos, pondo-se immediatamente de observação em qualquer ponto do paiz onde residem — começando por suas proprias familias, assim como pelas dos visinhos e conhecidos.

O autor poudé verificar o *typo brasileiro* nos seguintes logares, tanto nos municipios, como nas sédes: — *Bambuí, Formiga, Lavras, Araxá, Sacramento, Piumhi*. Do mesmo modo, nas seguintes cidades, como os citados logares, também, no Estado de Minas: — *Ouro Preto, Bello Horizonte, Turvo, Villa de Perdões, Villa de Conquista, Marianna, S. João d'El-Rey*.

Fóra de Minas, o mesmo: — por todo o Estado de S. Paulo por onde poudé andar; pelo Estado do Rio, na Capital Federal.

Finalmente, verificou-se ainda em familias do Norte, do Sul e principalmente do interior do paiz.

Este *typo*, cada vez mais numeroso, apresenta-se com um ou outro característico — côr dos olhos, cabellos, compleição — entre os que se *approximam*. Para os *mais completos* são as seguintes as características:

CARACTERISTICOS PHYSICOS

Compleição: — *Typo* delicado de formas, resistente á fome e á fadiga. Homens e mulheres são muitas vezes, modelares *typos* de belleza, — um conjuncto proporcionado e gentil, que lembra, — as mulheres sobre tudo, algum modelo esculptural dos artistas gregos.

Cabeça: — Grande, testa bem conformada, revelando aguda intelligencia e sensibilidade.

Face: — Um tanto larga na parte superior, oval, terminando por um queixo agudo, fino, energico. Labios finos, apertados, bocca pequena.

Nariz: — Fino, recto, de azas nervosas.

Dentes: — Pequenos, fortes e claros, boa constituição das arcadas.

Orelhas: — Pequenas, delicadas.

Supercilios e cilios: — Finos, de côr identica a dos cabellos.

Olhos: — Não muito grandes, mais elipticos que arredondados. Côr de *ambar*. Reflectem uma serena luz de bondade franca e confiada.

Cabellos: — Finos, ás vezes finissimos, pouco abundantes, côr de bronze claro, irisado sempre de bellos feixes côr de ouro desbotado. Não se approximam, pelo contrario muito se differenciam do louro europeu commum do Norte ou do Sul, bem como do louro americano do norte. A's vezes, crespo, ressecado, agitando-se ao menor sopro de brisa, e sempre bronzeado.

Barba: — Bronzeado-clara, sempre rara. Todo o corpo resente-se dessa falta natural de pello.

Mãos e pés: — Delicados, pequenos, afilados e nervosos. Perna agil e fina.

Epiderme: — Fina, avelludada, de um colorido branco sombreado, delicadissimo e firme, que traz á idéa, a lembrança de um pedaço de marfim, de que se tenha retirado a typica pallidez.

Voz: — Doce, maviosa, tenor. Timbre pouco forte.

Sentidos: — Agudos, funcionando todos optimamente, sensiveis, parece, a toda expressão delicada do colorido, da luz, do som, etc.

Saude: — Resistente ás maiores fadigas e intemperies. Robusta saude, cheia de vigor, de que muitas vezes abusam, saude que se revela potente, mesmo sem um certo cuidado pela hygiene, que só a educação popular intensificada poderá trazer.

Vejamos agora, outros dos seus caracteristicos:

CARACTERISTICOS MORAES E MENTAES

Sensibilidade: — Sabem, os deste typo, *amar* com firme sinceridade, e muito maior — *odiar*. Presam a cortezia. Susceptiveis á menor offensa, guardam nitida a lembrança do offensor, vingando-se frequentemente. São, porém, affaveis, no geral da vida; delicados, sentem fundamente a injustiça, e bem assim, as provas de carinho.

Sensibilidade artistica: — Amam a elegancia, o conforto, as artes, mormente a *musica* e a *poesia*, que, parece, — serão *as suas artes predilectas*. Preferem os logares bellos, de vastos panoramas.

Character e vontades — Primam pela violencia de character, e sobre tudo, pela *vontade imperiosa, inquebrantavel*. Nada os demove de seguirem o caminho que acaso se tenham traçado, excepto a persuasão carinhosa, as boas maneiras. São um tanto individualistas, apezar de grandes amigos da justiça. Não sabem se humilhar, devido ao grande, formidavel orgulho pessoal que os caracteriza. Sabem, quando querem, economisar e soffrer calma, resignadamente as maiores privações, — principalmente quando vae nisso, um pouco de capricho.

Coragem: — Heroica, quasi sempre. Enfurecidos, tornam-se aggressivos, violentos, indomaveis. Detestam a prepotencia alheia, — o que não impede de muitas vezes gostarem de exercel-a.

Intelligencia: — Agudissima. Apanham com facilidade, o lado difficil das coisas e assimilam-no. Tudo aprendem e *nenhum ramo* da arte ou da sciencia parece-lhes difficil praticar. Vão galhardamente se apossando da pratica de todos os esportes, de todas as artes, de todas as sciencias. Por emquanto, não têm os paes e os governos sabido aproveitar tão admiraveis aptidões, o que, logo que se faça, não deixará de trazer a nossa nacionalidade extaordinario renome.

Amor civico: — Susceptivel de exaltar-se, apezar de apparente indifferença. Detestam as imposições estrangeiras, collectivas ou de quem quer que seja, não se temendo de quaesquer apregoados poderes de outras nações. Olham commumente, o estrangeiro, como irmão, promptos quasi sempre, a estenderem-lhe a mão, por elle se interessando sinceramente, — mesmo conhecendo essa estranha mentalidade européa eivada de egoismo e desconfiança. Vão sempre aos extremos, nas questões de reivindicações nacionaes, no emtanto.

Habitos alimenticios e outros: — Alimentam-se com delicadeza, preferindo os pratos escolhidos. O doce. Pouco carnivoros adoptariam, parece, sem muita relutancia, os systemas alimenticios vegetariano ou frugivoro. Os adultos não são grandes amigos do alcool, nem mesmo do fumo. Quanto a roupas, preferem-nas claras e commodas. Ha para tudo um certo pendor imitativo, neste *novo typo*. Não se poderá, comtudo, dizer, desde já, se estamos assistindo apenas, ao apparecimento de um typo, em certos pontos

sem côr especial porque reflecta todas as capacidades raciaes, ou, exactamente ao contrario, — cheio dessa especialissima qualidade — a *adaptabilidade*.

Capacidade de trabalho: — Um tanto impaciente e cheio de energia; decidido, esforçando-se sem medida, em qualquer terreno. Desconhece a indolencia. Lança-se com tenaz actividade atraz da fortuna, o que quasi sempre, mais ou menos consegue.

Religião: — São frequentemente, indifferentes aos cultos, apesar de se dizerem desta ou daquella religião. Cumprem todos os seus deveres sociaes, familiares, individuaes e civicos, independentemente de religião ou acção da justiça organizada. No fundo, deistas, amarão, parece-nos, qualquer corrente philosophica que pregue e *principalmente pratique a fraternidade, o amor universal, a tolerancia*, uma vez que, por natural inclinação, sabem ser bons e caridosos.

Vícios: — Cheios de sensibilidade e violencia de character, ambiciosos, intelligentissimos, estes *novos* determinarão um typo que não deixará, forçosamente, de revelar *más qualidades* perigosas, — as quaes, a educação moderna, bem dirigida, saberá abafar, atrophiar.

Esse ramo ethnologico synthetico, novo inteiramente, de todas as raças derivado, de todas diverso, — cujo estudo os competentes vão decerto, devidamente fazer, já deve ter sido vislumbrado pelos scientists brasileiros, interessados pelos assumptos de ethnologia. Constou mesmo, certa vez, a quem estas escreve, que alguém já se referira a esse typo novo, o que não poudé verificar, além de uma vaga affirmativa.

De um ou de outro modo, apresentamos aqui o resultado de nossas observações, — modestissimo subsidio para um estudo mais abalisado dos conhecedores, — sempre alguma coisa, — um vago traço que ligue o presente brasileiro ao que elle é, ao que elle de facto se prende: — algo de superior que ocorre num vastissimo plano evolutivo do globo, de accordo co mas esplendentes luzes da Theosophia.

E poderão taes luzes servir-nos para responder a perguntas como a que segue? :

— Pode a Theosophia mostrar as linhas geraes do futuro do *Brasil*, e servir-lhe de guia para a conquista da missão que lhe está reservada?

Pelo conhecimento, pequeno embora, dos ensinamentos theosophicos, podemos sem especie alguma de temor, responder:

— Certamente! Pode! A Theosophia pode mostrar ao Brasil, como a qualquer nacionalidade do mundo, as linhas geraes do seu futuro, e pode, por isso mesmo, dictar-lhe as normas de conducta, para mais depressa, — e conscientemente — alcançar a realisação do grande papel que tenha a desempenhar.

E é por isso, precisamente, — e pelo muito amor ao nosso torrão patrio, ao nosso futuro como nação — é por isso, que nos lançamos agora na difficuldade destes assumptos, para, atravez da *Geographia* e da *Historia do Brasil* á luz dos ensinamentos theosophicos, — determinarmos essas linhas geraes do futuro nacional, e assim prestarmos á *Grande Patria*, o serviço que pudermos como membro da *Sociedade Theosophica*, que somos.

Emfim, terminando o presente capitulo:

— Que raça é essa que no *Brasil* apparece; que missão é a sua?

— Tudo nos faz crer: nenhum tronco novo, nem raça-raiz, nem sub-raça; um ramo, talvez, produmos da *setima raça-raiz* que, diz a Theosophia, dominara, em remotissimo futuro, entre o Equador e as zonas tem-

peradas da America do Sul, no Brasil, portanto, — ahi mesmo, a accrescentamos nós, onde o sabio Humboldt, extasiado ante a magestade estonteante do *Rio-Mar*, prognosticou teria séde a mais bella civilisação do mundo.

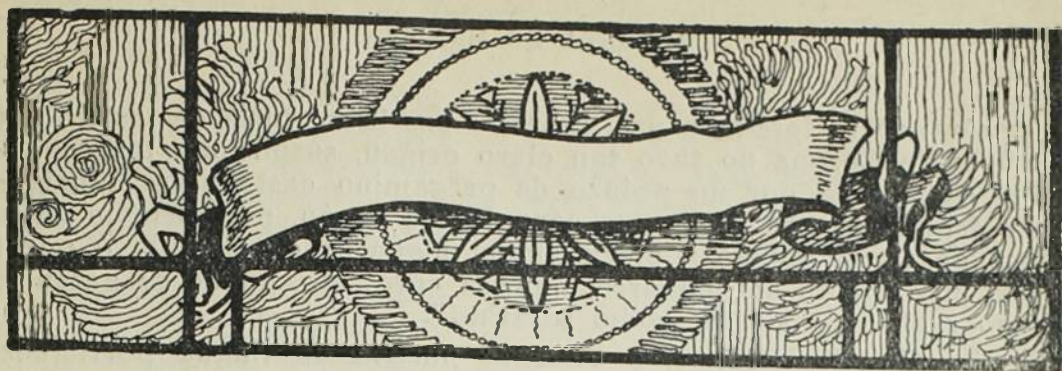
A *setima* raça desenvolverá o *sentimento da unidade* e da *vontade* — apothese da mil vezes millenaria marcha espiritual para a frente, que se chama *Evolução!*

— Parece-nos bem que o citado *typo novo brasileiro* é um remotissimo reflexo, um distante, longinquo reflexo dessa hora de ouro e de luz do immenso dia de Brahama que é um *Manuantara*... (1)

Lavras, Agosto de 1921.



(1) Um periodo de actividade, de manifestações de Deus. A vida completa de um Universo.



ROMANCE POLITICO

SYLVIO JULIO

Das novellas de Blanco Fombona, *El hombre de oro* é talvez, a que mais lhe revêla o seu temperamento de selvagem instruido, não só por causa do estylo, que se apresenta áspero, brutal, agudo, como devido aos processos ahi usados. Trata-se de romance que pode ser encarado por diversas faces, pois, retrato de uma collectividade, simultaneamente encerra paisagens, costumes, ideaes, recriminações, conceitos e theses. Então, o belletrista illustre surge completo, artista e homem, lutador e poeta, sociólogo e politico, tudo ao mesmo tempo. Traçando a psychologia de uma sociedade, elle, casualmente, collocou-se diante dos seus erros e vicios, para atacal-os e destruil-os com animo quixotesco. Desta forma, desenhou, sem o saber, a sua linda figura de apóstolo á Gorki, que tem muito de rude, porem mais ainda de leal e puro.

El hombre de oro, não ha duvida dir-se-ia, á primeira investigação, producto de incorrigivel pessimismo. Não o é, todavia. Chamar-lhe trabalho de insubmisso, de inadaptado, de inactual, bem; seria absurdo consideral-o promanado da desillusão ou do despeito. Cinematographo passeado por acções torpes, vôos, quedas e contradições, esse livro do notavel narrador é documento de uma epoca e critica impiedosa de hábitos reprovaveis dos caudilhêtes continentaes.

Portanto, *El hombre de oro* expõe as chagas e tenta, logo em seguida, sanal-as. Isto é falta de coragem? E' indiferentismo? E' comportamento de scéptico?

O peleador está nas páginas desse enredo movimentado. Fombona vinga-se, positivamente, de alguns patifes que o perseguiram e que roubaram os cofres públicos da Venezuela.

Provas? Abundam. E' suficiente lembrar que os typos que enchem *El hombre de oro* não sómente têm vida real, como — escândalo e audacia! — trazem os seus proprios nomes á repulsa das pessoas de bem.

Não se detem o autor quando tropeça com um medalhão que deshonra a sua terra. Si entende que o paredro é canalha, é de canalha que o denomina.

"Ignorando (refere-se a uma familia) que la mayoria de los grandes nombres de Europa no tuvo tan claro origen, suspiraban los degenerados Agualonga por un pedazo de pergamino castellano. Habrianse dicho felices, de encontrar una coronita de barón, por ejemplo en las sienes de algun abuelo á quien algun monarca de Castilla ó por lo menos un favorito del monarca, hubiera coronado, antes, de auténtico cuerno real, ó de simple cacho palatino".

Camilo Castello Branco, o violento purista da lingua portugueza, assignaria este pedaço de prosa sarcástica, semelhante á sua em tudo e por tudo.

E é nada tal amostra perante outras, faceis de se encontrarem em *El hombre de oro*.

"Sin talento (é a silhueta de um chefê, talhado no granito) sin ideas, sin ideales, sin valor, sin prevision, sin instrucción, sin patriotismo, sin personalidad, sin asomos de hombre de Estado, sin ápice de hombre de guerra, sin átomo de hombre de tribuna, sin pizca de hombre de prensa, Aquiles Chicarra por su propia falta de peso, flotó siempre como un corcho sobre el oleaje de la politica. Vivió constantemente del presupuesto nacional, adherido como una ostra al Erario de la república, ó chupandose como una sanguijuela.

Su única virtud fué la pasividad.

Siempre que se necesitó un hombre que firmase lo que nadie queria firmar, ali estaba Aquiles Chicarra: lo hacian ministro; cuando se solicitó un hombre que diseje lo que nadie quera decir, alli estaba Aquiles Chicarra: lo hacian diputado; si fué menester condenar á algún inocente, alli estaba Aquiles Chicarra: lo hacian juez.

Como no servia para nada, servia para todo".

Não se pense que Fombona se afasta da trama descripta cuidadosamente; um quadro, do mérito deste, enquadra-se firme e impreteavelmente na relação dos factos que importam ao desfecho de novella. Vargas Vila, o vasio cabotino das letras hispano-americanas, arrojouse (*Los parias* é o seu molde caracteristico) a crear o romance que, simultaneamente, encerra paisagens, costumes, ideaes, recriminações, conceitos e theses. Entretanto, perdeu-se a divagar, a esparramar demagogia pachequissima, a emborrachar-se de fórmulas ócas, em vez de, á maneira de Fombona, escolher, meditar, synthetisar, investigar, enaltecer, alta, fina, altiva e sobriamente. De sorte que, apezar da vaidade sem cimento do palavroso Vargas Villa, a Fombona cabe a gloria de haver, não inventado, porem aperfeiçoado o que antes José Mármol practicára em *Amalia*, isto é, a novella que, numa téla ampla, expõe as esperanças, as desgraças, os empreendimentos, as dôres, os prazeres, os planos, a incertezas, a realisações, os defeitos, as qualidades de uma raça, de uma patria, de uma multidão.

Fombona é o mestre da novella politica e habilmente autobiographica.

Opina Julio Cejador que no literato que produziu *El hombre de oro* se descobre o cidadão, porque a bellicosidade da sua arte é um simples reflexo do seu temperamento agitado e impetuoso. E tem razão.

Fombona é brigador, musculoso, agil, dado a turbulencias e a controversias. Respondendo um dia a Cansinos Assens, escreveu:

"Yo soy el semibárbaro de um pueblo en que, hasta hace poco, los abuelos de usted cazaban á mis abuelos en los bosques. Soy un escritor de América: eso me basta".

Cansinos Assens é espanhol. Fombona é natural da patria de Bolivar. E' significativo.

Cumprе nesta altura afirmar que tão arrebatado gesto não é isolado na vida de quem esculpturou *El hombre de oro*. Ao contrario, o aventureiro idealista commandou regimentos improvisados atravessou desertos governou uma provincia quasi ignota, pintou o sete em todo o mundo. Elle é da tempera de Salvador Diaz Mirón, de Santos Chocano e de Almafuerte: préga e executa.

El hombre de oro, portanto, não está fóra do seu coração. E' romance que se ha de transformar, vindouramente, em depoimento, sinão imparcial, vasto e brilhante.

A forma empregada por Fombona é vivaz e limpida, o que lhe permite ser apreciado por cultos e incultos. Não lança mão jamais de arbritamentos inesthéticos para espantar e illudir. *El hombre de oro* documenta-o folgadamente.

Numa página, em que grava a angulosa cara de certo agiota sovina, popularmente o faz, sem esforços artificiaes, sem hypocrisias, sem palavras de diccionario.

"No escupe (garante com singeleza) para que la tierra no chupe".

Antes esta simplicidade forte do que a adjectivação desconexa de alguns phantasistas pouco ajuizados, cuja verborréa corrompe a serenidade dos rythmos e demigra a lógica dos pensamentos.

"E se (é do agiota sovina que fala) no le da un grano de maiz ni al gallo de la pasión".

Dasataviado? Desataviadissimo, porem suggestivo, rápido, pinturesco, a ponto de paralelizar com a alma ingenua da raça jovem que se vae, pouco a pouco, forjando na América. Demológico jurar-se-ia que Fombona quer ser, por tão intelligentemente aplicar expressões anónymas.

De outra feita, *El hombre de oro* rutila graças á ferocidade das suas orações. Fombona conta que a companhia de um personagem escapulira em companhia de um toureiro...

"Al día siguiente (são phrases suas) se levantó' matinal; y apenas concluyó el desayuno,, se puso á escribir un poema contra su mujer llamándola traidora.

Desde entonces, que hizo el minotauro sino cantar sus cuernos; llamar pérfida á la esposa en redóndillas hebenes y explorar la compasión que inspira á los incautos? Su desgracia ha sido su negocio. Si de algún escritor venezolano puede decirse que ha vivido de su cabeza, es de Andrés Rata".

Não se alcansará nunca maior dóse de escarneo. O que ahi fica e ultra-ferino e, de um golpe, suficiente para explicar toda a literatura de Fombona.

Interessa-nos basicamente, em *El hombre de oro*, o seu americanismo, de estylo e de assumpto. A fé no que não chegou ainda, o orgulho de pertencer a um ramo ethnographico ainda a florir, o amôr á natureza wagneriana, emmaranhada e deusa, a vontade de subir, de predicar o bem, de distribuir saúde, a ardente languidez do indio, a épica arrogancia do espanhol, tudo isto não nos indica que Fombona traz qualquer coisa nova á arte moderna? Gómez Carrilo e Rubén Dario, os geniaes envenenadores do espirito americanista, cahiram na tolice de deprimir o nosso continente. Eis o que lhes atirou Fombona ás faces:

"Ustedes vivem ambos de esa América que desprecian; y este país que adoran (Francia) no les daria para comprar ni un sombrero. Usted, Carrillo, es cónsul de su país; usted, Dario, aspira á serlo del suyo. Allá son ustedes gente; aqui son nadie. Allá son Rubén Dario y Gomez Carrillo; aqui, el número diez ó veinticinco del hotel. Usteds

en el fondo son filisteos, burgueses: aman á Paris, á Francia, á Europa; la fuerza, lo rico, lo establecido, lo estampillado. Jo, no. Jo amo á la América, á nuestra América; y aunque sea pobre, india, salvaje, piojosa, leprosa, la amo. Mientras más desgraciada y más oscura sea, más la amo. Yo no vengo á deslumbrarme con urinarios de mármol ni con el triunfo de las cortesanas y de los histriones. Moralmente, Europa es una pocilga".

Fombona é assim: furacão, raio, ribombo de artilharia, o que ha de cavalheiresco e americanista especialmente.

Em *El hombre de oro* colhemos informações sobre coisas da Venezuela. E' que, fóra da alma, do intimo, da tendencia do seu romance, ainda Fombona é nosso, é destes gommos do mundo que Colombo descobrio pela linguagem e enredos burilados titanicamente.

El hombre de oro contem dados interessantes neste sentido. Por suas páginas nos inteiramos de que o *amargo*, bebida do poviléo da Venezuela não é o *amargo* dos pampas do Uruguay,, da Argentina e do Rio Grande do Sul. Na Venezuela é "um delicioso aguardiente perfumado com yerba-buena y cáscaras de toronja".

Quem ignora o que é no Uruguay, na Argentina e no Rio Grande do Sul, o celebrado *amargo*?

Este amargo, que em doçura no paladar se desfaz, só repugna á bocca impura da gente das capitaes.

E' o chimarrão, louvado pelo poly-grapho Assis Brasil, que, si não agita penna e espada, maneja, de accordo com o século, penna e arado, em pról do nosso engrandecimento.

O jogo da *cara ou cruz*, apezar de Espanha denominar-se como em Portugal e no Brasil, na Venezuela toma o nome de *chapas*.

A *colea de toros*, na Venezuela, é um divertimento. Nos sertões do nordeste brasileiro é um serviço diario dos vaqueiros destemidos. O barbatão atufa-se na catinga e o cavalleiro o persegue, alcança-o e derruba-o, pelo rabo. E isto, através de terrenos pedregosos, de espinheiros, de colinas, de rios, de precipicios!

El hombre de oro, consequentemente, é complexo na sua estructura. Fombona, ao gizal-o, fez politica e autobiographia; mas fez arte sã, moral, demologia, sociologica e psychologica. Cháos? Não, absolutamente não.

El hombre de oro, como synthese e analyse, como espelho e como chicote, só tem acima de si, na América, um romance: *El hombre de hierro*.

E este escreveu-o tambem Blanco Fombona.



FABULAS EM PROSA

A QUALIDADE E A QUANTIDADE

Metteu-se um mono a falar numa roda de sabios e taes asneiras disse que foi corrido a pontapés.

— Quê? disse elle. Enxotam-me daqui? Negam-me talento? Pois hei de provar que sou um grande figurão e vocês, uns tolos.

Enterrou o chapéu na cabeça e dirigiu-se á praça publica, onde se apinhava copiosa multidão.

Lá chegando pediu uma pipa, trepou em cima, e poz-se a declamar. Disse asneiras como nunca, tolices de duas arrobas, parvoçadas de dar com pau. Mas como gesticulava e berrava furiosamente, o povo em delirio o applaudiu com palmas e vivório, acabando por carregal-o em triumpho.

— Viram? disse elle ao passar ao pé dos sabios. Reconhecem a minha força? Respondam-me agora de que vale a opinião de vocês deante desta victoria popular?

Um dos sabios retrucou serenamente:

— A opinião da qualidade despreza a opinião da quantidade.

O BURRO E O ELEPHANTE

No bom tempo em que os animaes falavam houve uma assembléa de bichos que se reuniu para deliberar sobre uma grande questão.

Compareceu, sem ser convidado, o burro e pedindo a palavra pronunciou longo discurso, fingindo-se estadista. Mas só disse asneiras. Era um zurrar, um zurrar...

Quando concluiu a quadrupedescas arenga, e parou á espera duma tempestade de applausos, o elephante, espichando a tromba para o seu lado, disse-lhe:

— Grande pedaço d'asno! Roubaste tempo, a nós e a ti. A nós, porque o perdemos a ouvir asneiras; e a ti, porque muito mais lucrarias empregando-o em pastar capim. Toma lá este conselho:

Um tolo nunca é mais tolo do que quando se mette a sabio.

A RAPOSA E AS UVAS

Certa raposa esfaimada encontrou uma parreira carregadinha de lindos cachos maduros, coisa de fazer vir agua á bocca. Mas alta, tão alta que nem pulando podia colher um bago só.

O matreiro bicho, torcendo o focinho, disse com desprezo:

— Estão verdes. Uva assim só cães podem tragar.

E foi-se. Nisto deu o vento e uma folha tombou. A raposa, ouvindo o barulho, e julgando ser um bago, volta a toda a pressa e põe-se a farejar...

Quem desdenha quer comprar.

O VEADO E A MOITA

Perseguido por caçadores crueis escondeu-se o veado, bem quietinho, em certa moita de folhagem cerrada. O abrigo era seguro, e tanto que por elle passaram os cães sem perceber coisa nenhuma.

Salvou-se dess'arte o veado. Mas, ingrato e imprudente, apenas ouviu latir ao longe o perigo, esqueceu o beneficio e pastou a bemfeitores, despindo a moita da espessa folhagem amiga.

Fez e pagou.

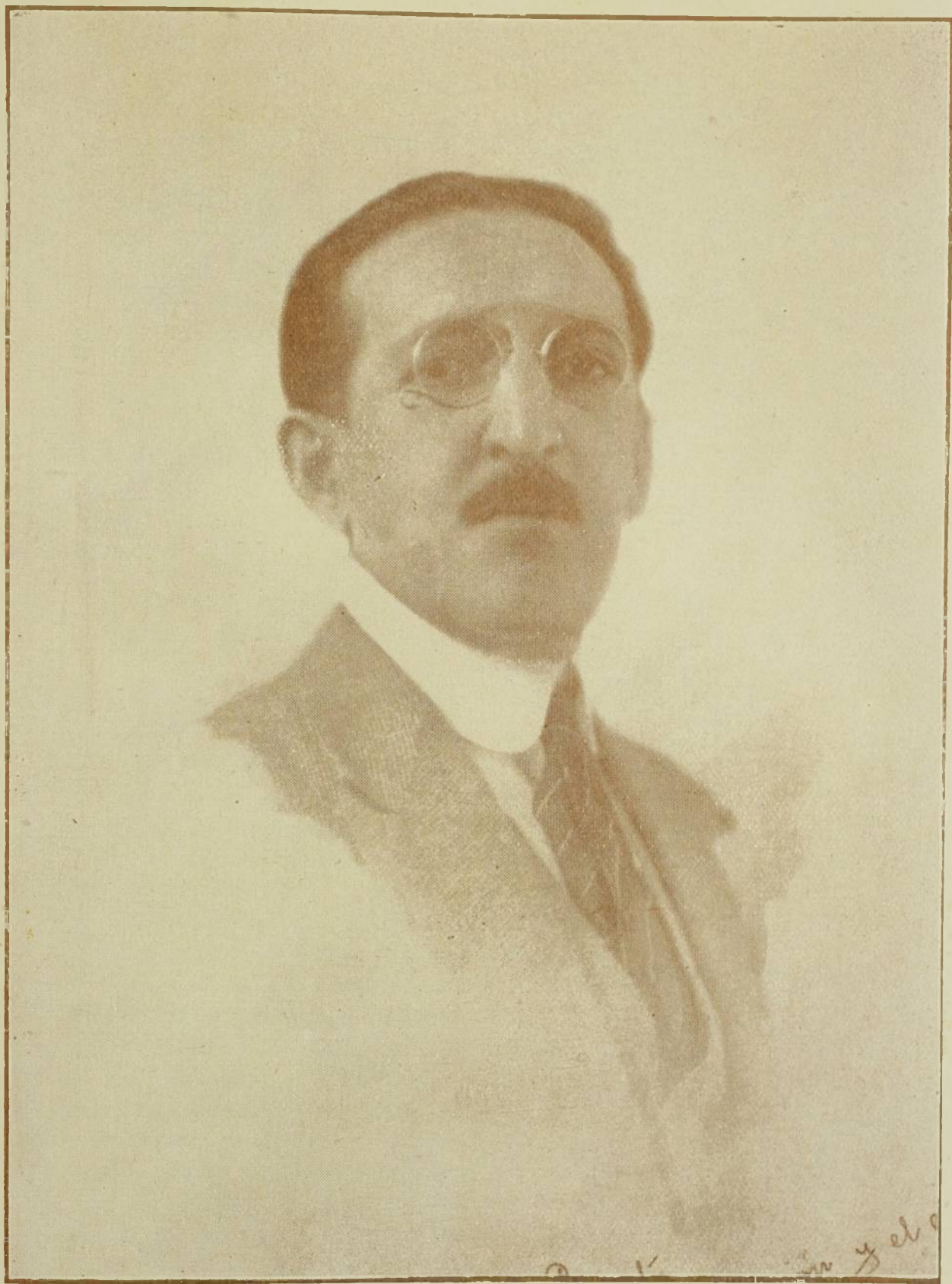
Dias depois voltaram á carga os caçadores. Acuam-no os cães e elle, veloz, corre em procura da moita. Ai! Victima da sua ingratidão, a moita, nua de folhas e reduzida a varas, não mais pode escondel-o, e o triste veadinho acabou estraçalhado pelo dente dos cães impiedosos...

A CORUJA E A AGUIA

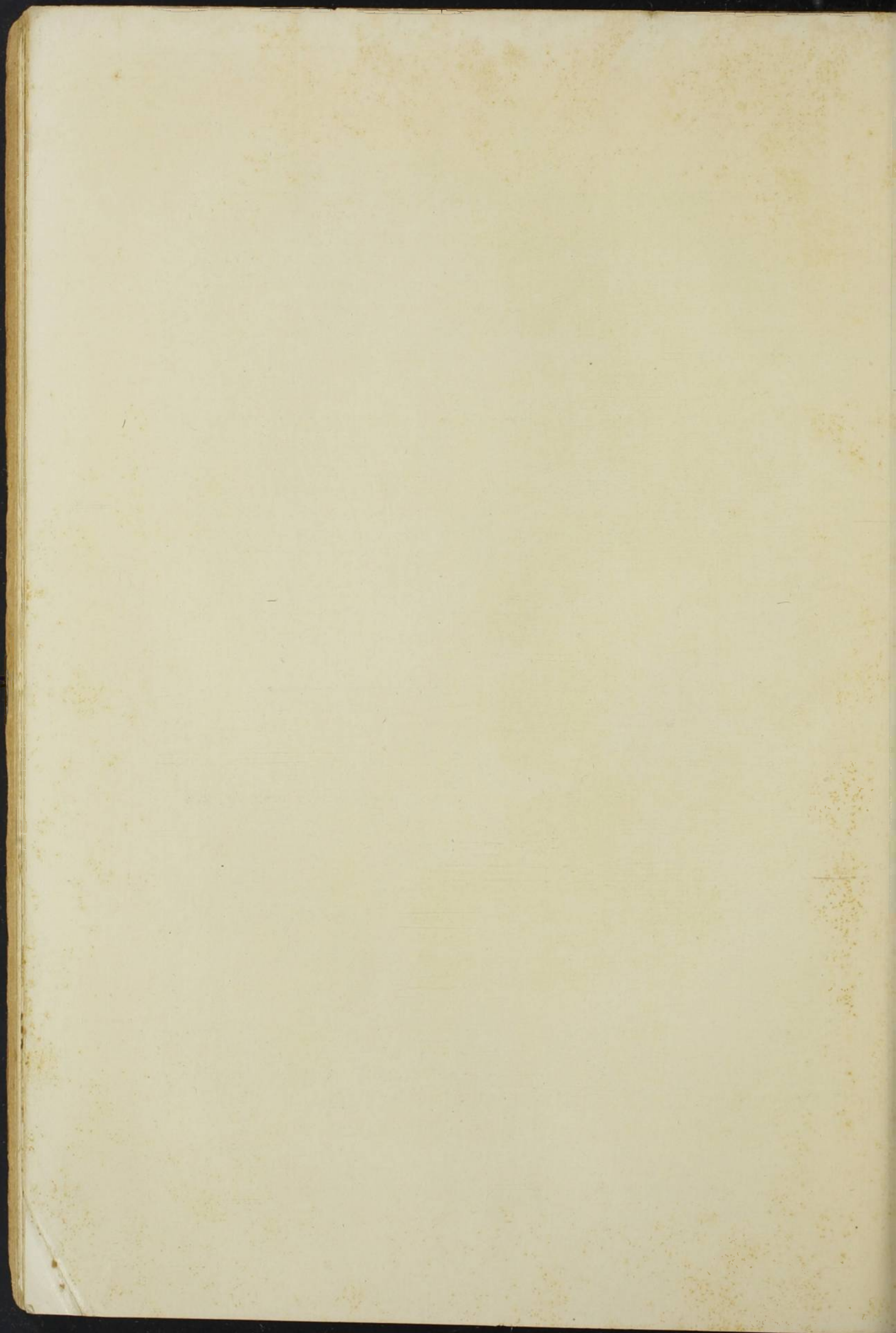
Coruja e aguia, depois de velha dissensão, resolveram fazer as pazes.

— Basta de guerra, amiga. O mundo é grande e tolíce maior andarmos uma a comer os filhotes da outra.

UM AMIGO DO BRASIL



BENJAMIM GARAY, traductor de numerosas obras nacionaes.



— Perfeitamente, retrucou a aguia. Tambem eu não quero outra cousa.

— Nesse caso assentemos nisto: d'ora em diante nunca papará os filhos meus.

— Muito bem. Mas como posso distinguir dos outros os teus filhotes?

— Causa facil. Sempre que dêres com uns borrachos lindos, bem feitos de corpo, alegres, vivos, cheios dum encanto especial que se não vê em filhotes de nenhuma outra especie, já sabes, são os meus.

— Feito ! rematou a aguia.

Dias depois, andando á caça, encontrou a ave de Jupiter um ninho com tres pequenos monstros dentro, a piar, de bico aberto.

— Horriveis bichinhos! disse ella. Vê-se logo que não são os filhos da coruja. E papou-os.

Mas eram os filhos da coruja, e a triste mãe, ao regressar chorou amargamente o desastre, indo justar contas com a aguia.

— Quê ? disse esta, admirada. Teus filhos, aquelles monstrozinhos ? Pois, olha, não pareciam nada com o retrato que delles me fizeste!...

Para retrato de filho ninguem acredite em pintor pae. Lá diz o dictado, quem o feio ama bonito lhe parece.

O PASTOR E O LEÃO

Um pastorzinho, notando, certa manhã, a falta de varias rezes, enfureceu-se, tomou da espingarda e saiu para o monte.

— Raios me partam se eu não trouxer, morto ou vivo, o miseravel ladrão das minhas ovelhas! Hei de campear dia e noite, hei de encontral-o, hei de arrancar-lhe os figados...

E assim, furioso, a resmungar as maiores pragas, consumiu longas horas em inuteis investigações.

Exhausto já, lembrou-se de pedir soccorro aos céos.

— Valei-me, Santo Antonio! Prometto-vos vinte rezes se me fizerdes dar de cara com o infame salteador.

Por estranha coincidencia, mal o pastorzinho disse aquillo, eis que lhe surge aos olhos um enorme leão de dentes arreganhados.

O nosso heroe treme dos pés á cabeça, a espingarda cae-lhe das mãos e tudo quanto consegue fazer é invocar de novo o santo.

— Valei-me Santo Antonio! Prometti-vos vinte rezes se me fizesseis apparecer o ladrão; prometto-vos agora o rebanho inteiro para que o faças desaparecer...

No momento do perigo é que se conhecem os heroes.

A ONÇA, A ANTA E O MACACO

A onça, ao voltar da caça, com uma veadinha nos dentes, encontrou a sua toca vazia.

Desesperada, esquelou-se em urros que enchiam de espanto a floresta. Assustada com aquillo uma anta veio indagar o que era.

— Mataram-me as filhas! gemeu a onça. Infames caçadores commetteram o maior dos crimes: mataram-me as filhas!...

E de novo urrou, desesperadamente, espojando-se na terra e arranhando-se com as unhas.

Diz a anta:

— Não vejo motivo para tamanho barulho!... Fizeram-te uma vez o que fazes todos os dias. Não andas sempre a comer os filhos aos outros? Inda agora não mataste a filha da veada?

A onça arregalou os olhos, como que espantada da estupidez da anta.

— O' grosseira creatura! Então queres comparar os filhos dos outros com os meus? E equiparar a minha dôr á dôr dos outros?

Um macaco que do alto do seu galho assistia á scena metteu o bedelho na conversa.

— Amiga onça, é sempre assim. Pimenta na bocca dos outros não arde...

A MOSCA E O AUTOMOVEL

Um automovel encalhou em certo ponto de máo caminho, onde havia um atoleiro.

— E agora?

— Agora é procurar bois na vizinhança e arrancal-o á força viva. Assim se faz. Vêm os bois — uma junta de coice. Atrelam-nos ao carro e principia a faina.

— 'amos, Malhado! Puxa, Cuitelo!

Os bois estiram os musculos, num potente esforço, espicaçados pelo aguilhão.

Mas não basta. E' preciso que todos, serviçaes e passageiros, mettam hombros á tarefa, e, empurrando de cá, alçapremando de lá, ajudem o arranco dos bovinos.

Neste momento surge uma senhorita mosca. Assumpta o caso e resolve metter o bedelho onde não é chamada.

E toda afflictazinha começa — vôa daqui, pousa ali, zumbe á orelha de um, pica no focinho de outro, atormenta os bois, atrapa-lha os homens, multiplicando-se de tal maneira que dá a impressão

de ser, não uma só, mas um enxame inteiro de moscardos infernaes.

O carro, afinal, arranca-se do atoleiro e a mosquinha, enxugando o suor que lhe cae da testa, exulta, orgulhosa:

— Se não fosse eu...

O CHARLATÃO

Um celebre patarata propalou pela cidade que era possível ensinar-se a lêr aos burros. O rei soube do facto e fel-o vir á sua presença.

— E' verdade o que dizem por ahi?

— Que é possível ensinar-se a lêr a um burro? Perfeitamente majestade! Comprometto-me, com dez annos de ensino, a transformar o mais burro dos burros num perfeito grammatico.

— E que é preciso para isso?

— Em primeiro logar um burro. Em segundo logar outro burro, perdão! uma pessoa que me garanta a subsistencia pelo espaço de dez annos.

— Pois dou-te o burro, disse o rei, e mais o dinheiro de que necessitas, Se, porém, ao fim desse prazo não me apresentares o burro lendo e escrevendo correctamente, ai de ti!...

O charlatão saiu do palacio esfregando as mãos de contente. E como os seus amigos, assustados, viessem criticar-lhe o absurdo daquelle contrato e o fim desastroso que elle, charlatão, fatalmente teria, o nosso homem piscou velhacamente o olho, dizendo:

— Que ingenuos são vocês! Em dez annos o rei, eu ou o burro, um de nós tres não existe mais. E, assim, de qualquer maneira sairei ganhando. E' ou não é?

Todos concordaram que era...

AS AVES DE RAPINA E OS POMBOS

A guerra dos rapinantes — quando isto foi? Ha seculos, talvez. Ha mil annos. Mas guerra foi tão terrivel que até hoje se fala nella.

Brigaram as aves de rapina — aguias, abutres, falcões, milhafres — por causa de um veadinho novo de carne tenra. E separaram-se em campos contrarios rompidos em guerra franca. Durante mezes o azul virou picadeiro de luta. Ora duellos singulares, ora ataques de um bando contra outro, ora grupos que aggre diam um inimigo escoteiro.

E adeus, paz do azul! Volta e meia era um corpo que cahia, espedaçado a unhaços; ou pennas que desciam, em espiraes; ou gottas de sangue, a chover.

As aves pacificas da terra, assustadas com os horrores permanentes lá de cima, deliberaram intervir. E escolheram como mensageira a pomba.

— Vae tu, que és a signaleira da paz. E reduz a razão aquelles loucos furiosos.

A pombinha foi e conferenciou com os chefes com tanta eloquencia que elles a ouviram e assignaram um tratado, comprometendo-se a nunca mais se devorarem uns aos outros.

Mas o que succedeu depois disso degenerou em calamidade para a raça apaziguadora. Harmonizados entre si, os rapinantes pouparam-se, mas deram de empregar toda a força dos bicos e todo o fio das unhas contra as pobres pombas. E foi uma chacina sem trégoas que dura até hoje, e durará eternamente.

E até hoje as pombinhas murmuram, num queixume triste:

— Que tolice a nossa, de restabelecer a harmonia entre os rapinantes! A boa politica mandava proceder justamente ao contrario—dividil-os inda mais...

O GATO E O SABIÁ'

Um triste sabiá cahira nas unhas de esfaimadissimo bichano.

E gemendo de dor implorava:

— Felino de bote prompto e afiadas unhas, poupa-me! Repara, que se me devoras, commettes um crime de lésa-arte, pois darás cabo de uma garganta maravilhosa donde brotam as mais lindas canções da selva. Queres ouvir uma dellas?

— Tenho fome! respondeu o gato.

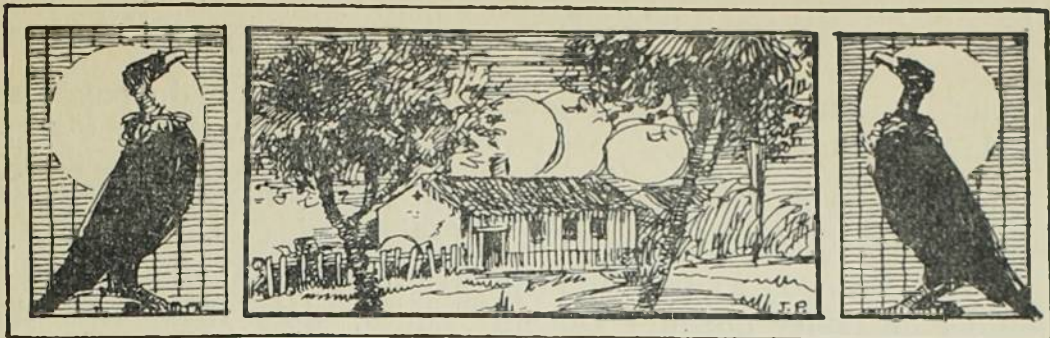
— Queres ouvir uma canção que já enlevou as proprias pedras, que dizem surdas, e fez exclamar á onça bruta: Este sabiá é a obra prima da natureza?

— Tenho fome! repetiu o gato.

— Tens fome, bem sei, mas não é isso razão para que destruas a maravilha da floresta, matando o tenor cujos trinos cream o extase na alma dos mais rudes bichos. Queres ouvir o gorgoeio em lá-menor da minha ultima symphonia?

— Tenho fome! insistiu o gato. Sei que tudo é assim como dizes, mas tenho fome e acabou-se. Para satisfazel-a devoraria não só a ti como á propria musica, si ella me apparecêra encarnada em petisco. E isso, meu caro sabiá, porque a fome não tem ouvidos...

E comeu-o.



R A G

M. DEABREU

P erdera o ultimo bonde. A casa era longe, a mais de meia legua, no suburbio de Marianno Procopio, quasi junto ao quartel do 10.º regimento de infantaria. Esquecera a hora, com a palestra. Meia-noite. O ultimo bonde correrá ás dez e quarenta. A roda zombava delle alegremente.

— Deves ir de automovel...

Gastára o ultimo dinheiro na ceia. Todos o sabiam. Tinha apenas uns nickeis. Seria bom, um automovel; estava cansado, muito cansado.

Odiosa vida, a de sorteado! Terrivel desastre em sua vida, o sorteio! Meia-noite... e tinha que seguir com seu batalhão para o acampamento, ás cinco horas.

Os olhos embaçados de somno evocavam o supplicio dos outros treinamentos, com a mochila pesada, brutal, a lhe cortar os hombros; subindo morros ingremes, por estradas duras, irregulares, batidas de um sol implacavel, grelhando a pelle de seu rosto e de suas mãos.

A poeira, o cheiro mau dos corpos suarentos dos negros de sua esquadra... e o rufo da caixa... *tan... tan... tan... pelelam... pelelam...* As estradas estendiam-se infinitas, reverberando a brancura arenosa, crúa... A garganta secca e aspera não se adoçava com a agua morna do cantil. *Tan... tan... tan... pelelam... pelelam...*

O supplicio ia recommençar no dia seguinte: tres leguas para vencer sob as ordens de officiaes brutaes, officiaes do exercito brasileiro!

— Vaes dormir no poste?

Era um gaiato da roda. O mais amigo propoz-lhe que esperasse o nocturno ascendente de Bello Horisonte, a uma e meia da manhã. Não podia. Não teria tempo de dormir. Despediu-se. Precisava estar cedo no quartel, para não incorrer na furia de carroceiro do

coronel Jansen, especimem modelar da estupidez e do pavonismo da classe militar.

Subiu a rua da Imperatriz. Esfriava. Não trouxera capote. Não tinha capote. Quatro kilometros... Odiosa vida! Dobrou a Avenida Rio Branco; as palpebras pesavam, queriam descer. Ah! a volupia de poder dormir! Dormir muito, dois dias, tres dias, ininterruptamente, sem pensar em fardas, marchas ao sol, officaes despidos da mais rudimentar educação... Que feliz o povo daquella casa fechada, do outro lado da avenida! Podia dormir, debaixo de grossos cobertores acarinhantes, sem sonhos povoados de toques de corneta, homens immundos de talabarte, rufos de tambores.

A saudade de sua cidade amada, cheia de garoas, onde lutava com a vida, frente a frente, mas feliz! Ah! a immundicie de uma farda de escravo na sua estrada!

Enterrou mais o kepi na cabeça. Seus passos cantavam na calçada... *um... dois... um... dois...*

Era a cadencia das marchas ridiculas, pelas ruas boquiabertas da cidade provinciana, com fantoches de libré amarella, obedientes e humildes, e fantoches mandões, de libré complicada, risiveis, de espadas no ar, simulando gestos bonapartianos de circo de cavalinhos. Seus passos accordavam, por associação mental, a voz do tenente Nelson, um pequirinha, ameaça de homem, voz raspada e falha como um mecanismo a girar depois de longo repouso em camadas de ferrugem... *an... dais... an... dais...*

Relembrou a figura do coronel Jansen, homem sem educação e perverso, velho, quasi cretinizado, que se julgava senhor de vida e de morte das pobres creaturas que a servidão militar havia posto debaixo do seu jugo, tratando-os com os palavrões maximos aprendidos na sua longa vida de tarimbeiro.

Sua memoria destacou, nitida, a formatura experimental para as festas aos reis dos belgas, onde o coronel, diante de quatrocentos e cincoenta homens formados, referindo-se á mãe de um dos soldados, senhora que elle não conhecia, deu-lhe o mais doloroso e o mais infamante dos nomes que um filho pode ouvir.

O soldado, que estava a seu lado, murmurou baixinho, quando o super-deus de talabarte passava adeante:

— Ah! si o general soubesse...

Estrangulou um soluço de desespero impotente e murmurou:

— E' assim que elles querem que sejamos patriotas. Ah! si o general soubesse...

O general era o idolo, o amor rude e grande de todos os soldados do regimento. Moço ainda, de bigodes pretos, feições de chefe de Homens, o general nunca tivera, nas raras reprehensões que fazia

aos sorteados, uma só expressão que sua família não pudesse ouvir. Todas as pobres victimas da officialidade do regimento encontravam nelle uma palavra paternal, um conforto para a longa clausura infamante do sorteio.

Mas o general nada sabia. O temor das perseguições estrangulava as queixas.

Contentavam-se todos de murmurar, quando attingidos por penalidades injustas e insultos de borrachos mal-educados, o platónico consolo de uma phrase:

— Ah! se o general Setembrino soubesse...

Sim, se elle soubesse!... Mas não sabia nunca.

No largo do Riachuelo viu em todos os bancos um convite amigo e piedoso para descançar. As pernas doiam-lhe, o tendão do pé esquerdo soffria com a polaina dura que fazia sangrar sua carne.

Não podia parar, não podia... E o somno... Era um torpor manso, uma descida para um paraizo quiéto e morno, lembrava um banho quente num dia de muito frio.

Se pudesse, ao menos, caminhar com os olhos fechados...

Um... dois... um... dois...

Um tambor longinquo, irreall, cantava-lhe no ouvido: *tan... tan... tan... pelelam... pelelam... tan...*

Agora era o morro da Gratidão a galgar. A rua subia pontuada com pausas de trevas e lampadas em cuja luz serena brilhavam rosas brancas de cerração.

Como pesavam as suas palpebras! Experimentou reviver frangalhos da vida passada para afugentar o somno.

Foi á meninice. Tudo brumoso. As memorias desse tempo turbilhonavam em manchas escuras, indistinctas, como nuvens negras de tempestades, entremostrando no céu um pedaço de lua cheia. Gyrou por amores, brigas, viagens longinquas, felicidades... Nada. A mesma bruma punha dormencias de opio em todas as suas memorias. Evocou factos recentes: S. Paulo, onde a lei da servidão militar o fôra buscar para o exilio de Juiz de Fôra. Evocou suas luctas, seu sonho commovido de Arte — unico sonho que a vida lhe deixara — seu nome nascente, sua carreira, onde a servidão militar puzera uma grande mancha de lama, e o amor com que era tratados pelos artistas da cidade das garoas, brava gente generosa e forte, que iniciava no paiz a libertação intellectual da raça.

Nada... Em todas as lembranças havia o mesmo opio diluente, como um cahir da noite escura e fria.

Lembrou-se de fazer funcção a *machina ancestral do medo* pelo sobre-natural. Quiz povoar a pausa de treva entre as luzes de duas lampadas distantes, onde seus passos batiam, de espectros e phantasmas.

O medo faria passar o somno. Fez mais forte a vontade de pavor. Todo o seu espirito de creador de novellas e creaturas, que ainda não estava exausto com o somno, concentrou-se na tensão evocativa das cousas arripiantes, gela-espinhas, do outro-mundo, que jornadeam na noite.

O pavôr anciando não veio. Suas idéas de homem liberto de credices de deuses e de almas, haviam abafado, para sempre, os temores espectraes vindos da infancia, com as historias de almas penadas e mulas sem cabeça que a ama Castorina lhe contava á hora de dormir.

E o somno a pesar mais, sempre mais...

Em frente á escadaria da igreja da Gloria resolveu parar. Um silencio enorme, sem nada, sem latejos dos gritos de grillos, pesava na cidade adormecida como o somno em suas palpebras. Na rua, cheia de lampadas pallidas e altas, nem sombra de ser vivente.

A fachada da igreja destacava-se no alto, numa mancha preta, solida, dentro da escuridão movente do nevoeiro acinzentado. E o somno, sempre o somno...

Renovou a invocação. Falou alto, quasi gritando:

— Não ha uma alma do outro-mundo que me queira acompanhar até a casa, para que o somno fuja?

A voz forte rasgou o silencio, encheu a noite com um grande trovão rolante.

Mais acima da igreja, no meio da encosta, o cemiterio da Gloria dormia enrolado na bruma, sem responder ao appello do homem que desafiava em voz alta, em pleno silencio e solidão da noite feia, deante de um cemiterio e de uma igreja, as cousas confusas que andam nas trevas.

O convite foi repetido pelos ecos, morro abaixo, negrumes a fóra, sem resposta da bocca fechada da noite feia.

Esperou. Nada. Ninguém. Procurou um cigarro no bolso da cullote, accendeu-o e tornou a olhar em derredor. Nada. Ninguém. Pareceu-lhe apenas que a noite se fizera mais negra e o silencio, mais profundo. Repoz os phosphoros no bolso da cullote, sentindo que as mãos estavam frias. E o somno, sempre o somno..

Deu o primeiro passo.

Rag...

Deu o segundo. Nada. Entretanto elle ouvira, ouvira positivamente um *rag...*

Deu o terceiro.

Rag...

Deu o quarto e continuou a marcha.

Rag... rag... rag... rag...

Seria? Não sentiu frio na espinha. Os nervos continuavam tranquillos. O somno porem já não pesava tanto, diminuia...

Rag... rag... rag... rag...

Parou. Silencio. Olhou para traz. Ninguém. Entretanto era impossível não concordar que qualquer cousa exquisita, voz-ruído nunca ouvida, falava a seu lado uma palavra incompreendida: Rag...

— Se é alma, estou contente com a companhia. Não sei como agradecer...

Falava naturalmente, sem sobresaltos. O somno diminuia cada vez mais. Continuou a descer o morro e a falar.

— Afinal que será isto?

Rag... rag...

Não podia ser. Elle não acreditava nas tontices que andam nas almas das mulheres e dos homens que iam nascer mulheres.

Atravessou a linha ferrea. *Rag... rag...* A plataforma da estação de Marianno estava illuminada. Quando desceu do outro lado, junto á casinha de madeira do guarda-chaves, escorregou na rampa e houve um *raaag* mais aspero, mais perto d'elle. Cahiu de flanco, magoando-se. A voz da garganta invisível silenciara. O coração batia-lhe mais forte. Sentiu nas mãos a frialdade viscosa da terra molhada pela tempestade do anoitecer. Houve uma rajada de frio, penetrante, tátil, na epiderme de sua fronte.

Apanhou, ás apalpadellas, o kepi enlameado, levantando-se rápido, inquieto. Sentia que alguma cousa de anormal se passava em sua carne.

Num rasgão de nuvens negras surgiu um pedaço de lua, dando um clarão mortiço, esverdeado, ao morro, á grande vargem da direita, aos espectros das arvores.

Tornou a atravessar a linha, entrando pela estrada sem casas do morro. O medo... quiz rir... Fechou-lhe a bocca um *rag* mais frio. Alargou o passo.

A treva da estrada, impassível, assistia á voz estranha endoidecer lentamente o homem que lançara um desafio aos seres desconhecidos da noite.

Rag... rag...

O caminho esburacado e escorregadio parecia fugir a seus pés como um corpo vivo.

A nuca vibrou tocada por qualquer cousa immaterial, gelada, que ia até ao fundo dos nervos, transindo-os.

Rag... rag... rag...

Os pellos hispidaram-se-lhe e havia paresias de espasmos nos cantos de sua bocca fechada. Outro frio maior, mais fundo, cresceu, vindo de uma cellula qualquer, votiva á *machina ancestral do medo*. Cresceu, alongou-se, vibrando em ondas excentricas, como um ruído, inundando-o poro a poro.

Rag... rag...

Sentia atraz de seu corpo uma cavalgata que ria. Olhou para traz a medo, sem parar.

E o *rag* continuava impassivel, chronometrico, marcando o compasso de sua marcha. O medo enchia-lhe o cerebro de duendes, phantasmas brancos, mulheres de faces escaveiradas e altas como torres.

Os centros nervosos já não funccionavam normalmente.

Era a vertigem... O Pavôr que chegava, com o seu riso muito aberto, num cavallo negro, vertiginosamente.

Correu. Entrou na rua Bernardo Mascarenhas tangido pelas patas do cavallo negro do senhor das trevas e dos nervos...

Rag... rag...

Não corria, voava. Luzes, postes, tudo passava a seu lado, numa galopada enlouquecida, para traz.

Rag... rag...

A fabrica de cerveja cruzou como um relampago... numa fuga de trilhos, perante uma machina fabulosa, a devorar a noite, á procura do sol...

Rag... rag... rag... rag...

Cahira em plena treva, já longe do suburbio, pela estrada deserta e pávida que tinha medo delle... Uma mulher muito alta, de mãos enormes, manchou de branco suas retinas, tomando-lhe o caminho.

Não parou. Não diminuiu a vertigem da fuga... tocado, espreado pela voz mysteriosa que lhe gritava perdidamente, ininterruptamente: *Rag... rag...*

Transiu-se-lhe a carne, como num banho gelado, e atravessou por dentro da mulher enorme, numa velocidade de corpo que cae. Outro vulto, na curva do caminho. Novo transir de óssos, novo trespassar de corpo.

Galopavam atraz delle: era a mulher enorme e o vulto da curva do caminho. Na entrada da ruella unica do arraial da Miséria, tropeçou, rolou, cahiu... E poz-se a galopar de novo, sem kepi, cabellos hirtos ao vento, ólhos enormes querendo pular das orbitas, bocca sangrenta da queda...

No fim da ruella, no retorno á treva absoluta, ouviu risos, ruidos de esqueletos sacudidos. Um exercito de espectros tapava-lhe o caminho. Quiz descer as palpebras, os olhos desorbitados não deixaram.

Não parou... o frio... o frio... Gelava-se a sua carne cortando aquelles óssos brancos que fulgiam na escuridão... Tranpoz os tapumes de um salto, voando, fugindo, entre os dois trilhos da via-ferrea.

Houve na noite um trovão formidavel, covo, pesado. O nocturno para o Rio bebia trilhos, a kilometro-minuto, a seu encontro.

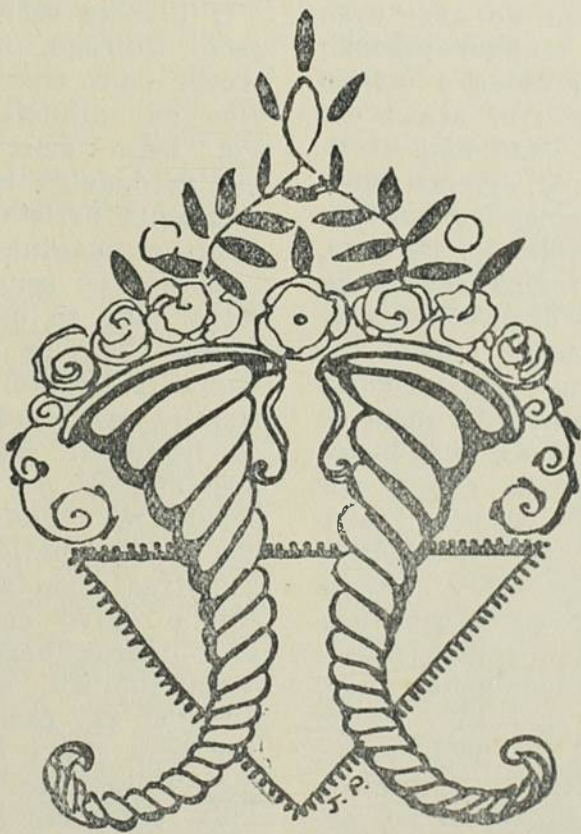
O holophote, que seus olhos viam vermelho, ensanguentava a treva e os avantesmas corriam atraz de seus passos, no rhythmmo veloz da garganta que não parara um segundo de gritar alto em seu ouvido: *rag... rag...*

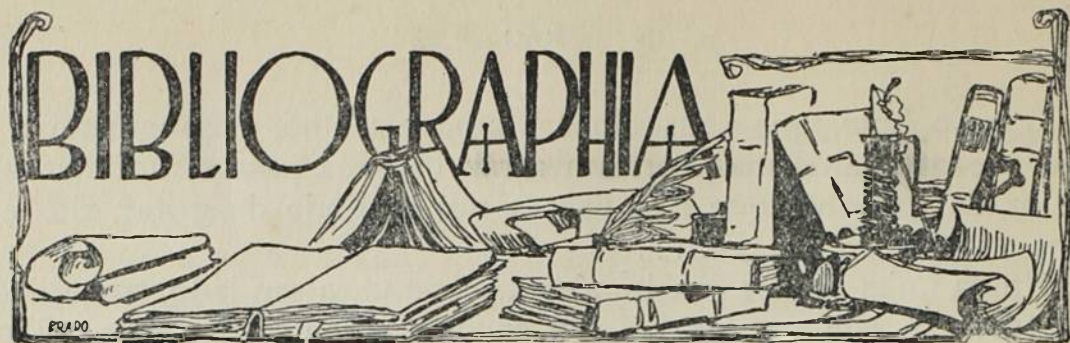
Numa linha recta a machina vertiginou para seu lado, trovejando na treva. E elle a galopar a seu encontro, dentro dos dois trilhos, tangido pela voz estranha da garganta estranha, que se vingava de seu desafio de homem ás cousas ignoradas e tenebrosas que moram na noite...

E o nocturno voava, turbilhonante, fabuloso, bebendo trilhos, rasgando a noite...

Rag... rag...

(Da "Casa do Pavôr").





*Elysio de Carvalho — SHER-
LOCK HOLMES NO BRASIL
— Ed. da Casa Moura — Rio.*

Elysio de Carvalho, conhecido pela complexidade do seu espirito, transfundido em multiplas e variadas obras, vem de dar-nos mais um interessante volume: "Sherlock Holmes no Brasil". Pelo titulo, á primeira vista, parece tratar-se da narrativa de aventuras policiaes que se tenham passado em nosso meio, levadas a effeito pelo celebre detective, acaso em ferias neste paiz. Mas não. O livro é uma serie de estudos mais serios que a simples composição de um enredo novellesco. Erudito, conhecedor dos varios ramos da sciencia a serviço da protecção social contra o crime, o auctor discorre sobre os seus varios themas com uma proficiencia de quem se assenhoreou delles, explicando-nos com clareza como se chega, por um fio de cabelo ou pelo rastro deixado num tapete, á identificação de um criminoso... Esses casos, que toda a gente sabe possiveis, são nessas paginas postos ao vivo, documentadamente, como factos veridicos que são. Assim são os trabalhos do prof. Reiss, Bertillon, Minovich, Locard, Ottolenghi, Stockis, Balthazard e outros, cuja leitura tem a mais o encanto da verdade.

Entre as chronicas — quasi tres dezenas — salientam-se pelo interesse: "A sciencia ao serviço do crime", "Como se descobrem os crimes", "Nos tempos de Salomão", "A mulher policial" e "Porque somos frequentemente roubados".

*Horacio Quiroga — CUEN-
TOS DE LA SELVA — (Para
los niños) — Cooperativa Edi-
torial Limitada — Buenos
Aires — 1918.*

O illustre escriptor, que é Horacio Quiroga, não desdenha escrever para creanças. Põe ao serviço da infancia do seu paiz a sua bella arte, proporcionando-lhe verdadeiro regalo. E' sempre o mesmo artista, cheio de pittoresco e imaginação.

Ao ler os seus "Cuentos de la selva" não se pode furtar ao paralelo que se nos impõe com Monteiro Lobato, o auctor do "Narizinho arrebitado". A concepção da literatura infantil é, em ambos, atravez da distancia que os separa no mundo e das differenças de nacionalidade, de formação e outras, exactamente a mesma. Um e outro comprehendem que só o maravilhoso pode seduzir a alma infantil, que só as coisas que lhe são familiares podem viver para ella e que só essas mesmas coisas lhe podem ensinar a vida, educando sentimentos e espirito.

Eis um exemplo, ao acaso, tomado ao livro de Quiroga: — "A tartaruga gigante".

Um homem adoeceu em Buenos Aires e os seus medicos lhe recommendaram a vida do campo.

Como era excellente atirador, fez-se para o matto, aproveitando as suas habilidades venatorias em caçar bichos, que lhe eram bem pagos pelo director do Jardim Zoologico. Um dia, encontrou um tigre que se aprestava para victimar uma tartaruga. Salvou-a das suas garras, tratou-a, curou-a. Ficou-lhe grata a tartaruga. Quando sarou, quem adoeceu foi o caçador e tocou a ella a vez de salvar-o. Com a sua inhabilidade, os seus modos esquerdos, fez o possivel por dar-lhe de beber e comer. Por fim, resolveu-se a transportal-o, ás costas, para Buenos Aires, atravez de leguas e leguas de campos e mattos. Dias e semanas carregou-o assim, até as vistas da cidade, onde se rendeu ao cansaço e á doença. Uma ratazana, porém, que alli encontrou, explicou-lhe, não sem mordacidade, que a capital estava a dois passos. E a tartaruga, com o seu fardo, sentindo renascerem-lhe as forças, pôde chegar a tempo de salvar por seu turno o seu salvador, aportando, pela madrugada, á porta do Jardim Zoologico, onde ainda hoje pôde ser vista...

Horacio Quiroga — EL SALVAJE — Buenos Aires — C. Editorial Limitada — 1920.

Entre os escriptores argentinos se destaca Horacio Quiroga por uma obra copiosa de ficção, reveladora não só de um grande talento de narrador como de uma solida cultura, servida por qualidades de bom gosto, arte e imaginação. Seu livro "El salvaje" é a mostra patente disso tudo. Abre-o a novella desse titulo: é um quadro de reconstituição prehistorica de extraordinario valor. O artista, alliado ao estudioso, com um grande poder de evocação figura-nos ahí os primeiros tempos da especie: transformação do pithecantroups em homem,

formação da familia, instituição da caverna em lar, com todas as luctas contra as feras e contra os proprios homens — uma admiravel lição de historia, enquadrada em moldes de uma arte forte. Só essa novella vale o livro todo.

Mas nelle se contêm outros trabalhos notaveis. O auctor se multiplica, variando as tintas, as scenas, os meios, os dramas. Nunca se repete.

"Los cazadores de ratos", uma historia de serpentes e de um lar campesino; "Los Cementerios Belgas", o drama ingente da retirada das populações flamengas, acossadas pelos invasores; "La voluntad", o gracioso caso de um official russo, imbuido de literatura e philosophia, que emigra com a mulher para a Argentina; "Cuento para Novios", o relato, cheio de fino humor, de uma noite passada em claro graças á acção de impertinente choringas; "Estephania", o suicidio de uma moçoila apaixonada; Lucila Strinberg", psychologia de uma dama phantasista, surpresa ante a vaidade do amante, a quem mais importa o nome della que a pessoa — são contos interessantissimos, finalmente acabados, que se lêem com o maximo prazer.

Zeferino Galvão — FERRO EM BRAZA — Pernambuco 1920.

Neste livro — um a mais na copiosa bagagem literaria do auctor — o Sr. Zeferino Galvão põe a summula da sua experiencia da vida. E' uma especie de exame de consciencia onde o velho jornalista pernambucano philosopha com o amargor de quem *sabe a vida* e não mais se illude a respeito das suas mentiras. Zeferino Galvão é o caso typico de uma forte individualidade victima do aca-nhamento do meio em que se desenvolveu. Sua voz perdeu-se por

falta de echo. Sua acção seterilizou-se num recesso humilde de Pernambuco. No entanto, quem lê suas obras, admira-se do vigor da sua intelligencia e sobretudo da marca de personalidade que elle põe em tudo que faz ou escreve. Este livro, se apparecesse no Rio, precedido da necessaria *reclame*, faria rumor. Como vem de Pesqueira, perde-se por ahi no esquecimento. E' um grito de revolta, é um desabafo escripto nervosamente, em forma fragmentaria, digno de ser conhecido por todos quantos se interessam pelas fortes manifestações da mentalidade nacional, porque Zeferino Galvão é um verdadeiro escriptor.

F. Alves Mourão — PALESTRAS PATERNAES — Typ. da "A Reacção" — Itatiba — 1920.

Sob este titulo o professor F. Alves Mourão enfeixa um certo numero de interessantes palestras, onde um pae abre os olhos de um filhinho revelando-lhe as maravilhas do universo. Fala-lhe e explica-lhe a mechanica celeste, descreve os planetas, as estrellas, dá noções sobre a formação e composição da terra e dos meteoros que nella se observam. A forma attrahente que o autor deu a estes themas tornam o livrinho extremamente util, tanto a alumnos como a professores, aos quaes poderá servir de guia. Foi pensando assim que a commissão julgadora de obras didacticas do nosso Estado deu parecer favoravel á approvação e adopção da obra, agindo com acerto e justiça. Recomendamos, pois, aos nossos leitores que têm filhos em idade de se irem iniciando nos segredos da natura, o manuseio do excellente livro que só pecca pelo lado material. E é pena, pois que merecia bem uma melhor factura.

Cap. Genserico de Vasconcellos — HISTORIA MILITAR DO BRASIL — Imprensa militar — Rio — 1920.

Entre os officiaes brasileiros, que constituem o exercito novo, uma pleiade brilhante de militares de todas as armas, o capitão Genserico de Vasconcellos figura como um dos mais illustrados e operosos. Ao espirito patriotico que o anima, levando-o como outros a uma comprehensão esclarecida dos seus deveres, se junta a cultura desse mesmo espirito, que o faz um grande propulsor de ideias, a cujo serviço tem a cathedra das Escolas do Estado Maior.

A' serie de suas obras technicas, sobre tiro rapido, fabrico de material, themas tacticos e outras sobre historia, accrescenta elle agora um valioso estudo — "Historia Militar do Brasil — Da influencia do factor militar na organização da nacionalidade — A campanha de 1851-1852", que, constando de mais de quinhentas paginas, vem enriquecido de mappaes, documentos, annotações, etc.

Sob a forma de conferencias, pronunciadas no desempenho de suas funcções de professor das referidas escolas, o auctor perlustra os varios themas de historia, encarando-os sob o aspecto militar. Assim, ao historiar a campanha contra Rosas, estuda o plano da guerra, as allianças, a organização militar dos belligerantes.

No appendice destacam-se, em meio á vultuosa documentação, as ordens do dia do Duque de Caxias.

Lacerte Munhoz — ENREDOS FUTEIS — E. Editora — Curitiba — 1921.

Do Paraná, onde ha muito existe um nucleo litterario que já fez

a sua epocha, chegam-nos constantemente pequenos volumes, que nos vêm mostrar que a chamma sagrada ainda se não extinguiu além Paranapanema... Temos agora em mãos o voluminho "Enredos futeis", do sr. Laerte Munhoz. Confeccionado com arte typographica apreciavel, relativamente ao meio, agrada á vista e ao espirito, offerecendo leitura facil, leve, levissima mesmo. São chronicas, chroniquetas... elegantes, com todas as futilidades confessadas no titulo. Mas revelam espirito leve, levissimo, que ainda muito nos ha de dar.

Altamirando Requião — LUZ
— Ed. Livraria dos Dois
Mundos — Bahia.

Altamirando Requião é um dos nomes representativos da Bahia culta. E' um poeta de valor. O seu volume — "Luz" — é a revelação de um temperamento artistico.

Leia-se o soneto "Sonho":

Durmo a sonhar que, num paiz
[distante,
Longe da patria, longe dos amo-
[res
Da minha mocidade viva e estu-
[ante,
Sou senhor das mulheres e das
[flores!

Entregam-se-me todas, seio arfan-
[te,
Petalas a tremer, multicolores,
Num delirio febril, louco, incen-
[sante,
Sob a acção dos mais vivos esplen-
[dores!

E a noite vae-se... O loiro sol,
[ardente,
Chega repleto de alegria infinda,
Numa caricia luminosa e quente!

E eis-me desperto de venturas
[farto,
Vendo-te a derramar, em sonho
[ainda,
Um punhado de estrellas no meu
[quarto!

Da musicalidade á inspiração, da concepção á forma, que dizer desses versos senão que agradam, falando-nos á alma e particularmente á imaginação? Assim fossem todos os versos que se escrevem neste paiz.

*Moacyr Chagas — REDEM-
PÇÃO — 1921.*

"Redempção" é um dos melhores livros parnasianos apparecidos nos ultimos tempos. Acreditamos que só no Brasil o parnasianismo tenha adeptos, pois é uma escola morta em todos os paizes de cultura adeantada, por não comportar mais as necessidades estheticas da Arte moderna. Basta dizer que já está extincta na França e na Italia a escola decadista: symbolista, nephelibata, etc., escola que succedeu o parnasianismo.

Ha no livro do sr. Moacyr Chagas um grande valor, é o de ser bello apesar de feito em formas relegadas. Atraz da forma impassivel, hieratica quasi vive a alma nova de um emocional.

Si, como acreditamos, o poeta quiz provar com "Redempção" que sabia fazer versos parnasianos, sem intenção de seguir ou fazer escola, conseguiu o que queria, pois, o livro nada fica devendo ás obras decantadas dos filiados a essa escola de outros tempos.

Machado Sobrinho, que prefacia o livro, e que é um dos bellos espiritos da desconhecida literatura mineira, destaca com acerto, como um dos mais bellos da obra o soneto "Prelio Ancestral":

Indomavel Templario, entra im-
[ponente e augusto!
Não te ensombre o rival desce a
[viseira e triça
A lamina no espaço! Enrija, heril,
[o busto,
Arrocha o guante, embebe o gla-
[dio e finda a liça!

Teu corcel resfolega, o olhar cre-
 [mante, e a custo
 Emprehendes dominar-lhe a im-
 [paciencia e a cobiga!
 E' a nevrose do prelio, o justo
 [ardor, o justo
 Orgulho a celebrar-te a coragem
 [castiga!

Cavalleiro do Ideal, o marmore de
 [Paros
 Firo, e que delle brote, em rutilas
 [escamas,
 O almejado filão de alexandrinos
 [raros!

Filão que ha de esplender glorio-
 [so e peregrino,
 Num liame polychromo e estheti-
 [co de gammas
 Da trompa de crystal do verso
 [alexandrino!

Na forma e na pompa syllabar
 é um soneto perfeito, digno de
 figurar ao lado dos melhores que
 se têm feito no paiz, nessa escola.
 Felizmente, os surtos dos artis-
 tas da actualidade não podem fi-
 car presos ao dogmatismo das
 formas parnasianas, sob pena da
 idéa inicial deixar de existir para
 dar lugar a outra, nascida ao sa-
 bor das rimas e rythmos esta-
 tuidos.

*Netto Campello. — CONFE-
 RENCIA SOBRE A DESCO-
 BERTA DA AMERICA —
 Imprensa Industrial — Reci-
 fe — 1921.*

Conferencia realisada no "Pen-
 sionato Academico" em 12 de Ou-
 tubro, pelo Dr. Netto Campello,
 professor da Faculdade de Direi-
 to do Recife.

*Jackson de Figueiredo — DO
 NACIONALISMO NA HORA
 PRESENTE — Livraria Ca-
 tholica — Rio de Janeiro —
 1921.*

O nacionalismo anda em moda.
 Popularisou-se com a nacionali-
 sação da pesca que tanto barulho
 fez na nossa imprensa e na por-
 tugueza. O sr. Jackson de Figuei-

redo, conhecido philosopho e jor-
 nalista, entra agora em tão de-
 batida questão. "Do nacionalismo
 na hora presente" é uma "carta
 de um catholico sobre as razões
 do nacionalismo no Brasil e o
 que em tal movimento, é possi-
 vel determinar, dirigida a Fran-
 cisco Bustamante por Jackson de
 Figueiredo".

*Netto Campello — O PRO-
 BLEMA DOS CASAMENTOS
 CONSANGUINEOS — Livra-
 ria Economica — Recife —
 1921.*

E' uma questão velha, esta dos
 casamentos consanguineos, velha,
 debatida e ainda á espera de um
 Colombo. Duas correntes se de-
 gladiam nella, sendo, naturalmen-
 te, uma pró e outra contra.

O A. discute o assumpto como
 os outros o discutiram e tem,
 como os outros, a sua corrente
 de sympathia.

E' conhecida a carta que o car-
 deal Arcoverde dirigiu ao Senado,
 pedindo para modificar o dispo-
 sitivo do Codigo Civil que pro-
 hibie os casamentos de tios com
 sobrinhos. Carta interessantissima
 sobre tudo na arrogancia que
 tratava o Senado. Os senho-
 res do velho palacio do Conde
 dos Arcos não souberam resistir
 á arrogancia da carta (herança
 ancestral de flexibilidade da es-
 pinha, vinda do primeiro pae afri-
 cano que pisou o solo brasileiro)
 e articularam o delicioso projecto
 de lei numero 5, de 1919.

*Rodolpho Rivarola — MITRE
 (Una década de su vida politi-
 ca) — Ed. Revista Argentina
 de Ciencias Politicas — Buenos
 Aires — 1921.*

Rivarola é um dos grandes nomes
 da moderna cultura argentina, tão
 pouco conhecida entre nós. Espirito
 agudo de pensador e philosopho, cla-

ro, lucido, que, aliás, repousa num lastro consideravel de erudição juridica, é sobretudo um critico e pedagogista no mais alto sentido dessas palavras. Toda essa vasta illustração, condensada em uma ou duas dezenas de obras de toda a sorte — Direito, doutrina politica, historia, pedagogia—desfecha, como no mais alto dos fins, na missão pedagogica que o illustre escriptor se vem impondo ha longos annos no visinho paiz. Tanto vale entre os nossos visinhos do Prata a causa da instrucção... Da mais elevada cultura uma mentalidade assim preclara vem abrolhar nas cogitações, na apparencia tão humildes, do ensino publico. Eis ahi alguma coisa que cumpria aprendermos.

“Mitre — Una década de su vida — 1852-1862 — Ensayo sobre la formacion de su personalidad nacional” — é uma obra de historia que excede os limites da simples biographia de um homem. No estudo da grande figura argentina, Rivarola traça um quadro historico de summo valor: o da constituição definitiva da nação em torno do heróe. “Propuz-me — traduzimos — achar a explicação de como e por quâes circunstancias, o joven official, que aos trinta annos assistiu á batalha de Caseros, no commando de cem homens, chega dez annos depois a ser a primeira personalidade nacional e occupa indiscutivelmente a presidencia da Republica”.

O criterio do historiador — que longe está do simples archivista paleographo, descobridor de alfarrabios — não podia ser senão o do philosopho em que o auctor se desdobra. A sua concepção está posta no limiar do livro em luminosas palavras:

“A historia é mais que satisfação de curiosidade. E’ entre outras coisas, consciencia de continuidade de um povo, de uma raça ou da humanidade. Póde ser todavia mais circumscripta do que á vida de um povo e comprehender a de um grupo de homens, a de uma familia, a de um só homem. Póde extender-

se a mais que á humanidade: ser historia da criação ou historia da natureza, diriamos que abarca todo o horisonte do saber; e teriamos dicto pouco, pois advertiriamos a tenacidade com que o saber adquirido pugnou por passar o limite do conhecimento possivel, na historia da philosophia, e ainda na historia da sciencia.

A inquieta humanidade que formiga na crosta terrestre, revelou em todas as epocas anciedade de explicação do presente pelo conhecimento do passado. Teve tambem entre diversos amores, o amor da verdade. Não sabemos porque a humanidade prefere a verdade á phantasia. Melhor dicto, não sabemos se tem tal preferencia. As obras de ficção foram bellas sem cuidar de corresponder á realidade, no conhecimento da qual assentamos a verdade. A pintura, a esculptura, a poesia crearam mundos de bellezas e de mentira, tão formosos como céu azul, que “não é céu nem azul”. O theatro e o romance inventaram o que nunca succedeu e nos fizeram participar de emoções, dores e alegrias por factos que não occorreram. Este mundo de ficção é tambem realidade pelo que crea, e como tal historia da arte.

No incessante labor humano, toma cada qual a parte que lhe designam sua inclinação e seu destino. Ao nós sentirmos attrahidos pela historia nos dominam anhelos de verdade. Acompanham-nos ao mesmo tempo convicção e fé em que tudo tem explicação em algo que precede e algo que coexiste. Queremos representação de factos passados que correspondam á realidade do occorrido, e assim se transmita a quem interesse a narração. Queremos, porém, juntar-lhe o que não se vê, e só a razão, pretende juntar, isto é, o que se nomeia como causalidade, o facto determinante da existencia de outro facto. Não nos basta dizer exactamente o occorrido; queremos saber como e porque occorreu”.

E’ assim larga a sua orientação.

Historiando a formação de uma

figura nacional, qual a sua concepção do grande homem? O auctor expõe a sua lucida theoria sobre o debatido caso psychologico da acção do heróe sobre a massa ou desta sobre aquelle:

"A acção do homem publico é mais que simples resultante de forças concurrentes que a determinem. Não se chega a tal posição senão por iniciativa de pensamento e acção, salvo extraordinarias circumstancias que são como joguetes ou caprichos do destino, que conduzem o homem além de quanto elle proprio pôde sonhar em sonhos de ambição".

"O homem publico é e deve ser um director espiritual. As palavras dictas por elle adquirem repercussão que não alcança jamais o só pensamento philosophico. Mas ellas e seus actos devem corresponder ás qualidades do povo ao qual impressionam, e só a este titulo têm a propriedade de semente que cae em solo fértil".

Estas sabias palavras precisam ser meditadas no Brasil, onde os "joguetes o caprichos del destino" têm tão universal dominio, proscrevendo da vida publica, inappellavelmente, os raros homens que se nos antolham possiveis "Directores espirituaes".

O livro de Rivarola é assim uma obra digna do estudo e da meditação dos brasileiros.

Alfonsina Storni — IRRE-MEDIABLEMENTE . . . — Buenos Aires — Cooperativa Editorial.

Tanta dulzura alcanzame tu mano
Que pienso si las frutas te engendraron,
Si abejas con su miel te amamantaron
Y si eres nieto excelso del Verano.

Tanta dulzura no es de rango humano:
Los dioses tus pañales perfunaron,
Sobre tu sangre roja destilaron
Ojos de niños, lasitud del llano.

Tanta dulzura, que cayendo al alma
Mueve esperanzas, le procura calma
Y todo anhelo de virtud corona.

Tanta dulzura, para bien sentida,
Que digo al mal que me consume: olvida
Y al fuerte daño que me dan: perdona.

São assim repassados de infinita ternura os versos admiraveis da poetisa argentina Alfonsina Storni. Despreoccupada dos preconceitos de escola, nesse soneto ella se mostra em toda a pujança de sua individualidade poetica. Sua alma ahi fala com extranha eloquencia, num luxo de imagens novas e expressões vigorosas. Influencia-se, entretanto, como espirito culto que é, pelas modernas tendencias poeticas e as suas produções no genero são perfectas, como seria facil exemplificar, ao acaso, neste livro.

Leiam-se ainda estas quadras maravilhosas:

Si en este silencio un hado pudiera
Tomarnos las almas y las exprimiera,
Caeria en el mundo un nectar divino,
Un poco de estrellas en forma de vino.

Y en blanca mañana, las voces en coro
De la primavera, los cielos en calma,
El jugo divino de tu alma y mi alma
Libando estarian abejas de oro.

Alfonsina Storni é, como se vê, uma grande poetisa, que honra o seu paiz .

L. da Camara Cascudo — ALMA PATRICIA — Typ. Victorino — Natal — 1921.

Camara Cascudo é uma das bellas intelligencias que florescem no Rio Grande do Norte. Jornalista, sabe escapar ao vicio congenito aos jornalistas do Norte, quasi todos dedicados com exclusivismo atterrador ao debate politico — ou melhor, ao debate politiquero, coisa sordida.

Espirito aberto para todos os horizontes, Camara Cascudo, é de preferencia um arguto critico d'arte, não dos malevolentes que espiolham as obras e atidos que pormenor esquecem a construção em conjuncto; mas dos impressionistas sympathicos que transmittem ao leitor as sensações multiplas dadas pela obra

em causa. Neste livro, *Alma Patricia*, enfeixa uma collecção curiosissima de estudos sobre os mais asignalados cultores das letras naquella provincia. Em geral, ou quasi todos, poetas—dezoito! Nomes desconhecidos aqui no sul e talvez no paiz, pois nenhum conseguiu tornar-se nacional. Entre elles estuda um que pela amostra parece merecedor de muito mais nome do que tem. De accentuada veia humoristica, Ezequiel Wanderley tem produções como esta, primor digno de popularizar-se:

DIALOGO AMOROSO

Onde aquella promessa venturosa

Que me deste, de amor e sympathia?

— Eu só me caso quando vir, formosa,
A guerra finda e extincta a carestia.

— Por mim, confesso, para ser ditosa
Basta gosar-te a amavel companhia...

— Bem! Neste caso, se não és gulosa,
Do nosso enlace vou marcar o dia.

Vê como eu sou, meu anjo, providente:
O mimoso cardapio transparente
Das nossas diarias refeições já fiz.

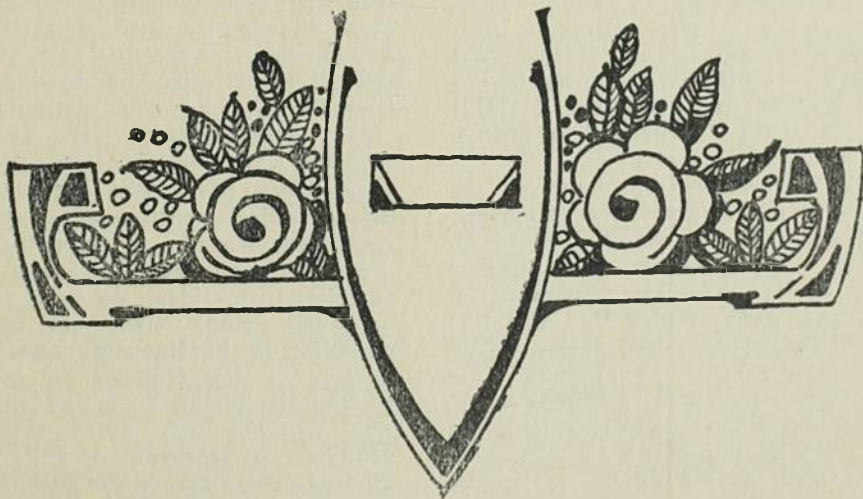
— Almoço? — Uma salada de desejos.

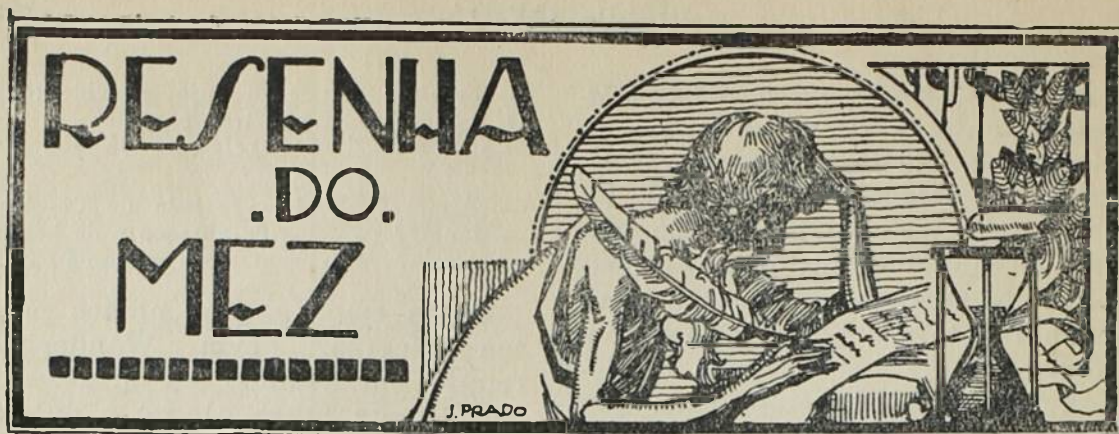
— Jantar? — Sôpa de abraços e de beijos

— E a ceia? — Um prato que o *menu* não diz!

Raros como são os nossos poetas alegres, devia Wanderley reunir em volume as brincadeiras da sua musa alegre e dal-as ao paiz para contrabalanço do muito que lhe impingem os poetas choramingas, tão abundantes.

O livro de Camara Cascudo é assim um repositório precioso relativo ao movimento poetico do seu Estado. E como é escripto com vivacidade e intelligencia constitue uma leitura que informa e deleita a um tempo. Mas... que revisão! Que infame revisão! Parece até que o autor, com preguiça de fazel-a, disse lá com os seus botões: deixo-o á cargo dos leitores, para distrahil-os!...





BRUTALIDADE

Desde os primeiros dias da sua instalação no Brasil, pôz o portuguez em evidencia, entre os indios, os instinctos de libidinagem que o caracterisavam no seculo.

Os primeiros conflictos entre os colonisadores e os naturaes, nasceram menos da conquista da terra, da caça ao ouro, das restricções á liberdade, do que da posse da mulher. A india tornou-se, então, o centro de todos os choques. Combatia-se em torno da femea bruta, sem hygiene e sem belleza, como se ameia dos castellos, pelo vago perfume combatêra, dois seculos antes, sob a de uma flor do crepusculo.

Forçado ás longas navegações solitarias, o marinheiro luso anciava, ao fim das travessias perigosas, pela satisfação amavel, ou brutal, dos reclamos indomaveis da carne. A Asia, antes de provar o peso da espada no pescoço dos seus homens, sentiu-lhe a pressão do braço na cintura das mulheres. A "Ilha dos Amores", nos "Lusiadas", representa um insopitavel sonho da raça. A abstinencia da viagem prolongada explodiu, no primeiro porto, em tempestades de luxuria. Descrevendo a el-rei D. Manoel as maravilhas da terra que a frota da India offerencia, involuntariamente, á sua corôa, Pedro Vaz Caminha se detêm, encantado, em revelar minucias delicadas sobre a "vergonha" das caboclas impuberes. Era a alma portugueza que, forte e moça, encurralada na Europa entre os muros de Castella e os muros do mar, queria dilatar-se, heroica e vigorosa, na especie e no genio.

As nossas epopéas dos seculos XVII e XVIII reflectem, todas, esse aspecto da dominação européa. A invasão do lusitano foi, por toda a parte, uma affirmação da sua vitalidade procreadora. No "Caramurú", de Santa Rita Durão, D'ogo Alvares se apossa de Paraguassú antes mesmo de cuidar do conhecimento

da terra. O "Uruguay", de José Basilio da Gama, é a luta em torno de Lindoya, cuja mocidade põe em campo, de dois lados, as flexas de Cacambo e as escopetas do Bastardo. E' para salvar Aurora, filha da india Neagoa, que Garcia Velho emprehende, no rio das Velhas, uma expedição imprevista, que dá assumpto ao "Villa Rica", de Claudio Manoel da Costa. O proprio Machado de Assis, em 1875, tentou, com os poemetos "Potyra" e a "Christã Nova", a exploração do veio em que se supriam as epopéas coloniacs, restaurando, assim, no seculo XIX, a materia que, ao par da auricidia e da escravisação do indio, alimentára, nos seculos anteriores, a idéa da conquista.

Assim como Efire, "exemplo da belleza", arrebatou Lionardo, "cavalleiro e namorado", para o centro da "divina insula", cada portuguez teve a arrastalo para o interior, para o sertão, para o desconhecido, para o seio das nossas selvas mysteriosas, os brados violentos, irreprimiveis, do seu instincto genésico.

Os descendentes dos descobridores, nascidos no Brasil, herdaram com o sangue dos paes, esse processo violento, ditado pelas contingencias da multiplicação de especie. A importação do negro, cuja raça trazia á joven devassidão americana a, idéa de um prazer novo accendeu, ainda mais, em nossos avós, o culto da libidinagem, que se tornou, assim, um dos factores da fusão desses elementos humanos, e, não menos, um dos motivos que aprofundaram, entre senhores e escravos, o vallo, quasi intransponivel, das incompatibilidades sanguinarias.

A poesia e o romance brasileiro do seculo XIX reproduzem, com todas as tonalidades, os varios aspectos dessa civilisação depravada. O branco, senhor ou feitor, apossava-se da virgindade de todas as negras puberes, cruzando irresponsavelmente com ellas, formando sem amor, isto é, sem sentimento de alma ou

consciência de coração, uma raça mestiça, cujos rebentos femininos deviam servir, mais tarde, á concupiscência dos seus filhos legítimos. Desse direito, que o europeu, ou o seu descendente directo, julgava irrefutável, nasceram, então, os grandes crimes, as fundas revoltas, as eternas rivalidades. Castro Alves, Varella, José de Alencar, Bernardo Guimarães, Trajano Galvão, Macedo, Alcyon, Coelho Netto, fixaram, no verso ou na prosa, episódios assombrosos, mas verídicos, dessa época e desses costumes. Seduzida a filha, a mucama tornava-se feiticeira, e envenenava o senhor; perdida a noiva, raio de sol na treva do seu cativeiro, o escravo joven fugia, e esfaqueava o "senhor moço", á noite, na curva de uma estrada ou na ribanceira do rio; brutalizada a esposa, o preto levantava a enxada e espedaçava o cráneo ao feitor. O branco realisava, entretanto, o seu destino historico, aventurando a vida, no meio de todos os riscos, para estabelecer, como estabeleceu, as bases definitivas da nova raça.

Na segunda parte do último século, com a evolução do nosso direito e a criação, nelle, de penalidades repressoras da antiga omnipotencia do senhor, appareceu nas provincias do norte o typo do fazendeiro fidalgo, seductor de donzellas livres. Pela sua fortuna, de que resultava uma discricionar'a preponderancia politica, esses individuos obtinham da côrte, por intermedio dos gabinetes correligionarios, um titulo de nobreza. O barão tornou-se em Pernambuco, na Bahia, no Ceará, e nas pequenas provincias intermediarias, um synonymo de sultão. Cada engenho, cada fazenda, cada latifundio opulento, era um grande serralho sólto. Não desabrochava nas choupanas do dominio o botão de um seio casto, que não fosse para a baba repugnante do barão. Elle observava o crescimento das meninas como a cobra acompanha o batrachio que têm de comer. Todas as virgindades eram para o seu beijo. E quando apparecia alguma virgem que um outro amor tornava recalcitrante, e que os presentes, os mimos baratos, não commoviam, entrava em acção de prompto, a violencia afugentando o rival, perseguindo o pae da imprudente, e, até, a ella mesma, que se tinha, afinal, de submeter.

Desapparecida a monarchia, não desappareceu, com ella, o barão; este surgiu no novo regimen com o titulo de coronel da Guarda Nacional, com o qual é encontrado, com a mesma omnipotencia e a mesma licenciosidade, por todo o interior do Brasil. Fazendeiro ou commerciante, elle é uma figura historica, um typo tradicional, um factor economico de inconfundivel importancia, e, sobretudo, um dos elementos moralmen-

te perniciosos da nossa organização social.

Os assassinios, os incendios, os degolamentos, os levantes, as lutas de familia contra familia, de municipio contra municipio, de cangaceiro contra autoridade, não são mais, geralmente, do que a repetição das lutas coloniaes. E' o pae ultrajado, o esposo trahido, o noivo roubado na sua esperanza, que toma a iniciativa das represalias contra o coronel. Aqui fóra, no littoral, desagua, apenas, a torrente de sangue. Por que foi, entretanto, que o sertanejo abandonou a enxada pelo rifle? Por que o vaqueiro se fez salteador? Por que um industrial opulentissimo foi assassinado, em Pernambuco, no alpendre da sua casa de fazenda, em um arraial de mil pessoas, sem que apparecesse uma unica testemunha do crime? E que appareceu, entre elles a satyriase do coronel, fazendeiro ou chefe politico, estuprando virgens, desmoronando-lares, fazendo tilintar sobre a virtude dos humil'des a bolsa de D. Juan!

A penetração e o povoamento do sertão brasileiro têm sido, assim, um resultado, apenas, da bestialidade do instincto. O avanço do europeu para o sertão foi menos um producto da luxuria do que, propriamente, da cobiça. A civilização penetrou, em summa, no mysterio das selvas, tendo por gu'a, menos, talvez, a ambição do ouro, do que o cheiro da Mulher.

Humberto de Campos

O HOMEM SUBTERRANEO

Solitario, lá no seio da mina do Pensamento, ás voltas com a escuridão horrivel, o pensador, mineiro do Ideal, empunha a picareta e atacando as rochas de preconceitos e velharias e revelando a fossilização das concepções antigas, vae descobrindo veios riquissimos, pepitas incomparaveis, pedrarias maravilhosas.

Guia-o na treva immensa a nova lampada de Davys: a razão.

Oh! que noite eterna! Que insondavel solidão!

Rompem-se diques; aguas selvagens marulhosamente inundam os muramentos, ameaçando afogar o mineiro. Galerias desabam, ameaçando soterrar o ousado trabalhador.

Abrem-se rasgões no solo revoltado em guéllas insondaveis, de abysmos. Queimallhe o cerebro o grisú da imaginação escaldante. Ventos lethaes rodopiam aavez dos longos corredores da jazida.

Mas elle não recua. Sente-se invencivel deante dos elementos; desafia-os; e vence-os.

Espantosa tragedia do homem e da terra!

Ninguém lá no alto, na superfície, á luz do sol, conhece o mineiro.

Apenas, nas frias noites, á roda das lareiras, as velhinhas contam a lenda de um homem que mergulhou no seio da mina e nunca mais voltou, tendo ficado maluco...

...E o mineiro continua a cavar; desconhecido, obscuro. Sente-se exausto, doente. Ha quantos annos que se aprofunda! Mas continua a cavar e a esperar. Esperar o que? Algum wagonete que possa carregar as riquezas arrancadas da terra pelo seu esforço e que vá offertal-as aos outros homens, aos homens ingratos.

Espera e continua a esperar...

Clama, brada, grita.

Em vão! Em vão! Em vão!

Oh! ninguém seria capaz de romper a treva e a solidão, e ir até á moradia do Homem subterraneo.

Octavio Brandão

O VERBO COLLIMAR

E' um enigma insolúvel, um mysterio indecifrável, a fortuna dos vocabulos! A's vezes uma palavra de significação humilde e restricta, nem feia nem bonita, sem grandes dotes de sonoridade, sem energia e sem sabor especial, salta inesperadamente do seu canto, deixa o dominio estreito em que vivia, arranja emprego novos e toca a se propagar como um verdadeiro andaço.

Não sei ha quanto tempo, mas, certamente não ha muito, surdiu na praça publica o verbo — collimar — tirado da palavra — collimação — empregada em Geodesia e Astronomia, com a significação de — visada — orientação de uma luneta para o ponto que se quer enxergar. Ora, esse estupor verbal, usado por muito favor na linguagem tecnica dos engenheiros, uma vez transpostos os limites do seu emprego proprio, rompeu a fazer devastações de metter medo.

Depois de uma larga existencia de reclusão e impopularidade, eil-o que está tomando attitudes conquistadoras. Por felicidade, os seus estragos só se têm notado, por ora, na linguagem dos politicos e burocratas, gente que não costuma primar pelo commedimento literario, nem pelo bom gosto.

Em discursos, manifestos, relatorios e especialmente em mensagens, topa-se a cada passo com aquella desenxabida voz. E o seu uso se vae tornando por tal maneira invasor, que alguns politicos, ampliando-lhe o sentido, já o estão empregando com a significação de — conseguir.

Uma vez, num wagon da Central, cuvi um pequeno bacharel, que andava a fazer conferencias em prol de certo partido da lavoura, dizer á pessoa com quem conversava, espletado e verboso: — "o que eu sei é que collimej o que queria". E ainda hontem tratei de um manifesto em que o infamissimo verbo está empregado nessa accepção. E' tempo, pois, de oppor paradeiros á extensão desse flagello, para evitar que elle, transbordando da bocca dos politicos e burocratas não vá contaminar a linguagem vulgar.

Seria um horror ouvir-se uma menina dizer que collimou um noivo, ou um cidadão se gabar de ter collimado uma garoupa na Praça da Bandeira.

Recambiemos o — collimar — para a Geodesia e a Astronomia.

Brasílio Braga

CARVALHO RAMOS

Numa destas ultimas noites. Adelino Magalhães, o bizarro escripto do *Tumulto da vida*, pegou-me de sopetão na rua:

— Leu você, algum dia, por acaso ou de proposito, as *Tropas e Boiadas*.

— Li, e tres veezs.

— Que lhe pareceu o livro?

— Só se lê tres vezes um livro maravilhoso. E não pude conter o enthusiasmo. Nestes ultimos annos fôra a obra de mais alta emoção regional que me tinha passado pelas mãos e pelos olhos. Nestes ultimos tres annos foram as paginas de mais sentida saudade sertaneja e de mais vibrante observação local que me tinham encantado o espirito. Toda aquella longinqua região goyana que confina com o territorio mineiro, região até hoje desconhecida para as letras, lá está no livro, encantadora e simples, na belleza luminosa de sua rusticidade primitiva, risonha nas suas paisagens, profundamente brasileira no seu ambiente matuto e na crendice e nos usos dos seus homens. *Tropas e Boiadas* eu havia lido de um follego e não me cansava de relê-las, ora aqui, ora ali, ora esta pagina, ora aquella outra, nas minhas horas de nostalgia dos matos nortistas em que nasci, sentindo-me lá nos fundos das florestas, quando o escripto descrevia a espessura das mattas, offuscando-me na claridade dos campos, quando elle, com um poder surpreendente de fixação, pinçelava os painéis, campesinos. Bem poucos livros regionaes eu havia lido com tamanha emoção. Eu o sentia como sentira os maiores livros do regionalismo brasileiro: a *Innocencia* de Taunay, o *Pelo sertão* de Arinos, a *Maria Bonita* e a *Fruta do Matto* de Afranio, *Mão Olhado* de Veiga Miranda, *Urupês* de

Monteiro Lobato, o *Sertão* de Coelho Netto, os *Sertões* de Euclides. Sentia-se que o escriptor estava no seu periodo de adolescencia literaria, imperfeito, ás vezes nebuloso, ás vezes incorrecto. Mas o que ninguem podia deixar de sentir naquellas paginas era um estranho, um bizarro talento que, mais tarde, com dois ou tres livros mais, desabrocharia nas nossas letras com um esplendor excepcional e com uma grandeza esplendidamente brasileira.

— E você o conheceu? perguntou o Adelino.

— Quem? O autor do livro?

— Sim

— Ligeirissimamente Vi-o apenas uma vez, quando me foi offerecer o livro que eu já havia lido e relido.

— Sabe-lhe o nome?

— Não. Nunca pude guardal-o. Guardei o livro que me impressionou até ao fundo do coração. O do escriptor não consegui fixar. E um nome commum, e os nomes communs não se guardam. Sempre achei estranho que um livro daquelles, tão interessante e de um valor tão alto, fosse assignado por um nome tão vulgar, que não pôde ferir a minha memoria.

— Eu tambem tive difficuldade em guardal-o, mas tenho-o aqui, escripto a lapis. E' Carvalho Ramos, não é verdade?

— Deve ser.

— Pois morreu.

Recuei surprehendido. Mas era tão moço! Quando, ha dois annos, estive commigo alguns segundos, repontava-lhe o buço, um menino ainda.

Adelino Magalhães não pôde esconder a emoção:

— Suicidou-se.

Um grande choque atravessou-me o peito. Como é que se morria assim tão novo, como é que com tanto talento um homem se matava!

— Alguma mulher? perguntei.

— Não, ninguem sabe. A propria familia não conhece a causa. Ao que imagino, foi a doença do mysticismo. Nunca o vi pessoalmente; era um retraido, um isolado. Conheci-o apenas pela obra. Mas, ao que me contaram as suas proprias irmãs, caiu nestes ultimos tempos na mania religiosa. Vivia silencioso, contemplativo, triste, afastado de todos. Não dava uma palavra em casa e, quando falava, era para lastimar-se: que nada tinha o aspecto de um monge adole-morrer do que arrastar uma existencia inutil. E os dias, passava-os agarrado aos livros religiosos. Em pouco tempo tinha o aspecto de um monge adolescente. Ninguem sabe o que o matou, ou melhor, ou melhor, por que teimou em morrer.

— Não seria saudade?

— Já pensei nisso. E' tambem uma das modalidades do mysticismo. Nasceu elle lá nos cerrados goyanos. A vida no Rio devia-lhe ter sido um choque violento. Ha naturezas morbidamente sensiveis. Não posso falar com segurança porque o não conhecia, mas é possível que elle fosse uma dessas naturezas. E' possível que aqui, no meio de todo este tumulto, lhe viesse a enfermidade mystica das planices verdejantes de sua terra natal, das suas serras azues e do bucolismo das suas boiadas mugidoras. Ha corações que nascem para os dramas da saudade. Quem sabe se elle não era um desses corações? Tudo denuncia que houve nelle um desequilibrio mystico.

E contou. Carvalho Ramos dia a dia entristecia e fanava. Nem mesmo para as irmãs, tão carinhoso, tinha agora uma palavra de festa. Sempre aquella tristeza, aquelle ar de dôr, aquella expressão de quem vivia a sonhar com outros mundos. Um dia queimou todos os versos e todas as paginas de prosa que escrevera. E uma manhã, entrando-lhe a irmãsinha no quarto, encontrou-o enforcado no punho da rêde, da rêde goyana que elle nunca abandonara como um pedaço da terra em que nascera.

E o enterro, a que horas é, amanhã? indaguei.

— Que enterro?

— O delle, o de Carvalho Ramos.

— Pois se elle morreu em maio, e estamos em julho.

Parei surprehendido. Não era possível! Eu costumava ler os jornaes, e nada tinha visto.

— Os jornaes não noticiaram?

— Todos.

— Não vi.

— Não podia ver. Os jornaes noticiaram o suicidio do doutor Hugo Carvalho Ramos. Você não podia descobrir. O escriptor, o magnifico escriptor das *Tropas e Boiadas*, assumiu, na nossa imprensa, a qualidade de doutor. E horrivel.

— E não houve quem alludisse á obra, quem lembrasse o livro?

— Não houve

— Parece incrivel! Parece incrivel que este paiz não tivesse lido um dos mais bellos livros brasileiros.

— O paiz inteiro leu, como nós.

O phenomeno que se deu com a imprensa foi o mesmo que se deu com você e comigo. Guardamos o livro, mas não guardamos o nome do escriptor, porque o nome era vulgar, sem nenhum elemento para a fixação da memoria. Você proprio, se escrevesse a noticia, não atinaria que o suicida — doutor Hugo Carvalho Ramos, era o paizagista

encantador das *Tropas e Boiadas*. E' o mal, o grande mal dos escriptores que têm nomes vulgares.

E parando a uma lufada do vento frio daquella noite negra:

— Nós outros temos o dever de escolher para nós nomes estranhos. Quando os nossos paes não nos dão, cumprenos creal-os.

E fomos avenida abaixo, silenciosos. O vento fustigava. Era a hora em que terminavam os espectaculos. As ruas ferviam, os automoveis cruzavam numa confusão de sons e de luzes. E, no meio daquelle borbórinho, puz-me a pensar naquelle escriptor surprehendente que morreu anonymo, depois de ter produzido uma obra vibrante, isso unicamente por ter tido, na vida, a infelicidade de ser dono de um nome que, pela sua trivialidade, ninguem consegue guardar facilmente na memoria...

"Correio da Manhã".

Viriato Corrêa.

EBEBE' S'AMUSE

Quem quer que tenha petizes, netos, filhos os sobrinhos proprios ou de alguem se ha de ter divertido vendo-os brincar de "comadres".

E como elles chamam o brinquedo numa expressão de synthese de que sómente são capazes os philosophos e as creanças.

Porque tudo é comadrio; e o brincar de comadre comprehende todo um *petit-guignol* da vida social: visitas, recepções, jantares, baptisados, casamentos e até visita de medico ou visita de pezaes.

E é de ver o serio com que as creanças levam o divertimento; as palavras, as phrases, os gestos são tudo de gente grande; não quebram a linha; uma vez estabelecido que os biscoitos distribuidos, aos pedaços, no serviço de boneca, são canjas, fritadas e perús recheados, todos os actores da farça como taes os aceitam e... devoram.

Olhando-os, de parte, a gente se espanta dessa vocação que têm as creanças para fingir, com espontaneidade e verosimilhança, qualidades que vão perdendo pela vida adeante, a ponto de se tornarem mulheres e homens fingidos, sim, mas forçados e inverosímeis.

Mas pouco se nos dê do que darão elles no futuro. Neste momento observo-os a brincarem de comadres que se visitam:

— Como vae o meu afilhadinho?

— Agora está bem; mas "teve" bem mal, de gripe.

— Ah! eu não soube; senão tinha ido velo...

E conversam de creados; e são recri-

minações contra cosinheiras e amas secas; ou falam ao telephone, de um angulo ao outro da sala, e a linha está sempre occupada, como succede na vida real.

E' um encanto vel-os, os encantadores diabretes a brincarem de gente grande, a construirem, entre quatro cadeiras, a miniatura da vida que aqui fóra se enrola e desenrola, entre os quatro pontos cardeaes.

Ora, outro dia, como eu estivesse taciturno e pensativo, a olhar os meus pequenos que faziam com os amiguinhos da visinhança a sua burleta social, logo imaginou minha cara metade que eu estivesse apprehensivo na integridade do Sèvres (Slopper) que se ostenta na sala, sobre uma bella columna turca. (Não acredito que o turco me vendesse uma columna grega.)

Mas não era; eu não pensava na Hellade, nem em Byzancio, nem na sua columna, nem no Sèvres *made in Germany*; eu pensava tão e unicamente no Brasil, nesta d'tosa patria nossa amada.

E eu via, via claramente o Brasil naquelle brinco de creanças. Os seus politicos, os seus estadistas, os seus parlamentares a brincarem de paiz organizado.

De vez em quando salta um dos rapazes:

— Vamos brincar de alta de cambio?

— Vamos, respondem os outros.

E começa a brincadeira; apresentam-se projectos de lei que são debatidos ras commissões e discutidos em plenário; vem um trocista e apresenta uma emenda, só para atrapalhar. Novas discussões, novos debates; resolvem consultar os interessados e vão ao commercio, á industria, á pecuaria, ás casas de prego, á literatura, á chiromancia. Todos estão de accordo; é preciso fazer subir o cambio; como? vamos estudar.

E surgem de todos os lados financistas de todos os tamanhos; commerciantes que deram com as proprias finanças e com as dos credores em pandarécos propõem-se a salvar as da patria; industriaes a que só faltam materia prima, operarios e machinas, apresentam planos genaes de salvação; bachareis mal sabidos em arithmetica redigem planos baseados na geometria analytica a quatro dimensões; até officiaes de marinha, praticos em cruzeiros fluviaes e heroes dos combates da vida, abordam e bombordam a questão financeira.

No fim, ninguem mais se entende, se é que alguma vez alguem se entendeu.

O brinquedo, porém, já está "páo"; a rapaziada protesta:

— Acabemos com isso!

— Acabemos. E toca a brincar de outra coisa.

— Se brincássemos de legislação operaria?!

— E' uma idéa! respondem os filhos da patria.

E pui o José Lobo, de S. Paulo, que tem uma caixinha com o brinquedo completo, e começa a distribuir as peças, muito cioso dellas, com recommendações para que não as escangalhem.

Uma coisa lembra outra; a proposito da legislação operaria suggere uma equiparação de vencimentos do functionalismo publico...

— Não o brinquedo do Monte-Pio é mais divertido!

— Qual! propõe um terceiro; "Centenario" é mais engraçado.

E assim vae a creançada passando o tempo; instrucção publica, reforma tributaria, emprestimos da Caixa Economica, casas para operarios... tudo são brincos com que elles se divertem, enquanto o dono da casa, que é o povo, vae cavando a vida lá fóra para sustentar a todos elles e mais á mulher, sua mãe delles, que é a politica.

Mas tal como no brinquedo de comadre, é de observar o ar serio e compenetrado com que cada qual desempenha o seu papel.

Vendo-os, ninguém diria que os rapazes estão brincando; os vizinhos commentam com muita seriedade as attitudens brasileiras. E chegam a deliberar baseados nellas.

Querem um exemplo? Numa dessas garotadas parlamentares os pandegos lembraram-se de brincar de "aumento de poder naval". Era um brinquedo novo, interessante, com barquinhos de papel a boiarem no tanque do jardim.

Pois não é que a Argentina levou a coisa a serio e logo duplicou a sua tonelagem de guerra?

Outro brinquedo que muita gente levou a serio foi o tal do Centenario; no meio da pandorga lembraram-se alguns rapazes de convidar os paizes estrangeiros a se fazerem representar nas festas, enviando os productos da sua industria para uma exposição internacional.

E varios dos paizes convidados começaram a organizar vastos mostruarios, com trabalho e despesa extra-orçamentaria; e, quando estão prestes a envia-los ao Rio, gritam ás gargalhadas os rapazes da Pandegolandia:

— Não ha exposição nenhuma! caíram no logro! Fica tudo adiado para quando se annunciar!

— Mas não é mais a Sete de Setembro?...

— Qual Sete de Setembro, qual nada! Primeiro de abril! Primeiro de abril é que é!

No momento actual estamos brincando de "Emergencia".

Sabem vocês como é o brinquedo eu tambem não sei, nem vale a pena saber; mas deve ser muito divertido, visto que nelle estão interessadas todas as forças vivas da vadiação.

Por mais divertido, porém, que seja

elle, não durará muito tempo; depressa os brincalhões se entediam e passam a outro e a outro e a outro.

E' por isso que as nossas grandes leis sociaes, os nossos grandes projectos de salvação se assemelham a photographias de amador; só se lhes vêem as "provas"; nunca apparecem retocados, acabados, em *passe-partout*.

E chega-se a crer — e o optimismo e o scepticismo nesta esquina se encontram — que não temos questões magnas nem magnos problemas a pedir solução.

Os meus petizes e os teus petizes, ó leitor, brincam tambem de casamento sem as suas desastrosas consequencias. Deixemos o Brasil brincar de "paiz". Por isso não virá mal ao mundo.

"Correio da Manhã".

Bastos Tigre.

ESPERANÇAS

Esperar é a maior desgraça humana. Por isso mesmo a esperança foi erguida a virtude theologal, a virtude moral, a virtude civica pelos interessados em que o povo espere.

Emquanto o povo espera, não se defende. Os esperançados são sempre resignados, e os resignados facilmente se tosquiam.

Nosso exemplo é frisantissimo e reflecte bem o estado de alma popular em toda parte.

Vivemos todos de esperanças. Republicanos, democratas, olhamos fixos para os presidentes ou para os representantes e aguardamos o maná celeste.

Se elle não vem, tornamos a esperar, confiados no futuro, no outro presidente, num salvador qualquer, mais milagroso ou de mais tino.

Essa esperança tem mantido, pela historia além, os despotismos, amparado os delictos mais horrendos e coroado os mais feios cézares.

Hoje, assegura as democracias tragicas e corruptas. O segredo dos corruptores é injectar appropriadamente umas doses de esperança no povo inquieto, sedativo aos seus assomos, morphina aos seus levantes. E' o mesmissimo segredo das revoluções politicas. Os chefes de partido insuflam nos descontentes vastas esperanças, a inutilidade desses sacrificios, nunciamentos ou guerrilhas.

Depois a tradição demonstra, com os exemplos vivos, a vanidade dessas esperanças, a inutilidade desses sacrificios, porque, segundo os versos limpídos de Phedro: em toda convulsão politica só muda para os pobres o nome do senhor.

Vem a apathia, o não vale a pena, o comodismo, o opportunismo, o conformismo e... novas esperanças. Póde ser que o novo rei, o novo presidente, o novo ministro, faça alguma coisa.

As chamadas campanhas eleitoraes são a valvula da democracia, uma infusão periodica de esperanças nos desesperados ou desesperançados: esperanças de melhora na situação geral ou de mutações scenicas, entradas de outros comediantes, movimento aproveitavel na comparsaria dos cortejos.

E é de ver-se como os profissionaes manejam habilmente as esperanças para com povo e... as *certezas* para os manipuladores da politica.

Entramos agora em mais uma campanha presidencial. Dois terços da nação ignoram tal campanha ou lhe são indifferentissimos. Nilo ou Bernardes é tudo a mesma coisa. Demais disso, esses dois terços não pódem, pela Constituição, votar: mulheres analphabetos, soldados, marinheiros, religiosos. E' a nação mesma interdicta pela minoria republicana.

O outro terço agita-se um pouquinho. Os candidatos formulam seus programmas, suas promessas, a sementeira de esperanças. Quem se agita mais, nervosamente, são os capatazes dos partidos ou, melhor, dos grupos eleitoraes. A campanha se restringe a uma rinhadinha com dois gallos e os apostadores interessados no exito da briga. São elles a nação. Quando se diz: "S. Paulo quer Bernardes" significa, nem mais nem menos, que os apostadores de S. Paulo pretendem ganhar mais com elle, embora os outros percam. O povo de São Paulo, os trabalhadores de S. Paulo, esses, quando muito, abeiram-se da rinha, observam as apostas, os canêlos, as bicadas, o ominoso da refrega e saem nauseados. Que lhes importa a elles a victoria do pedrez ou do vermelho se o regulamento os excluiu do jogo e os jogadores muito se interessam na exclusão delles?

Eleição, presidencial ou outra, é um joguinho entre parceiros, no Brasil e em toda parte. Apenas entre nós as parceiradas são mesquinhas, os lances acanhados, sem aquelle arrojo americano de milhões de dollars e alguns milhões de votos. Ainda assim, na America, sómente quinze por cento vota.

Todavia ha sonhadores illudidos, patriotas de verdade, crentes velhos na democracia, não desenganados della. Esses vivem de esperanças, fanadas hoje, revivantes amanhã. Nem tudo está perdido, eduque-se o povo, moralize-se a imprensa, nacionalize-se a patria, purifique-se a justiça, desinfecte-se o congresso, fundem-se partidos.

Não se lembram elles que taes gritos vêm de muito longe, de Grecia e Roma, onde houve outras republicas, Aristides e Catões, com a mesmíssima corrupção e as mesmíssimas esperanças.

Ninguém poz côbro ao dismantelo, nem Jesus. Com effeito, o christianismo não passou de um punhado de esperanças para os descontentes. Os politicos do

imperio aproveitaram-nas como narcotico efficaz para os escravos revoltados. Quem vê, num céu *post-mortem*, paraísos, não procura por si mesmo ser feliz na terra.

Mas o christianismo, em suas numerosas seitas, desprestigiou-se. Os povos não confiam mais nos santos, nem no deus hebraico nem no Messias de Belém.

Querem coisa mais terrestre, mais palpavel, e como nada encontram propendem á revolta.

Cumpra então arranjar mais esperanças: a republica, a democracia, em ultimo caso o socialismo, christão ou do Estado.

No Brasil, os esperanças-os voltam-se uns para o nacionalismo, outros para o exercito, outros para uma reacção qualquer, saneadora.

Esperanças... esperanças...

Meus amigos, esperanças e esperanças, não vos illudaeis; a democracia é isso mesmo. Gravissimo erro é definir a democracia decompondo-lhe as morphoses. Democracia não é, nem jámais foi, o *governo do povo*, nem pelo povo. E' o governo dos suppostos eleitos pelo povo *sobre* o povo. Dahi as furias partidarias a cada eleição nova. Ha um queijo a repartir. Quem o repartirá?

Nossos politicos se ensaiam para o pleito presidencial futuro. Os candidatos rabiscaram seus programmas, todos maneirosos, calculados, insinceros, sem uma idéa decisiva e alevantada, ao nivel da incomparavel hora que vivemos. Apresentam-se negaceando, com passos du-bios, reticencias, hesitações, sem saber sequer formular suas promessas. Suas phrases têm a mesma impafia, o mesmo entono de todo candidato, proclamam sentimentos nobres, amor á patria, sacrificios muitos, mas não têm alma. São politicos que falam, não são homens. Falta-lhes a scentelha de um grande ideal, a convicção de um credo, o entusiasmo da utopias, renovadores de éras.

Falta-lhes tudo isso porque são democratas, e a democracia está caduca. Nella não ha mais sonhos; ha ambições sómente, ha interesses, negociatas, o furor do ganho sem remorsos, sem complacencias, sem bondade. As eleições se vencem a peso de ouro; annuncia-se o preço dos subornos, apontam-se os subornados, os corretores e cabalistas.

E o povo?

Esse vive de esperanças. Póde ser; quem sabe? Ha de vir um salvador. Deus é brasileiro.

E, entregues á divina providencia, os trinta e cinco milhões de brasileiros, inconscientes de tudo neste mundo, voltados para a União, para o presidente, vivem a vida de carneiro, no rebanho.

Se a democracia tem de cair de pôdre, apodreça e caia por si mesma. Os povos gostam mais de serem governados que de se governarem. As costas allejadas não sentem mais o relho, e,

em summa que importa espinotear se é tudo a mesma coisa?

Não ha duvida! Reagir neste regimen é loucura, ingenuidade pelo menos. Todas as reviravoltas realizaveis são remeximento de agua na mesma poça. Turva-se o liquido e mais nada. O lodo volta ao fundo, e as decomposições da vasa continuam. Perdem, pois, o tempo alguns valentes, como em S. Paulo uns estudantes, em se agruparem com intuitos de protesto. Os protestos, os clamores democraticos dentro da democracia são pilheria. Valeriam tão sómente agora as reivindicações contra a democracia e fóra della. Já não é possível supportar a exclusão de dois terços de patricios da ingerencia nos negocios publicos. O anal-

phabeto é gente, a mulher é alguém, o soldado e o marinheiro são também homens. Precisam ter voz livre, ter vontade propria, e não a *massa* descivilizada a que os reduz uma republica de oligarchiasinhas tyrannas e ridiculas.

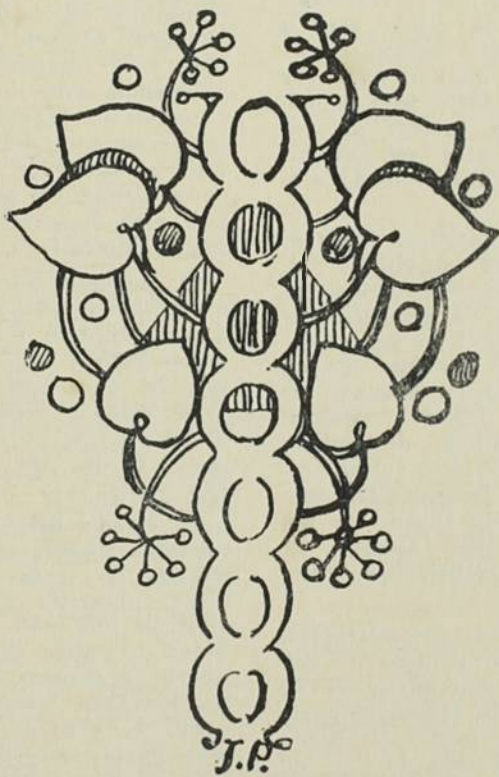
Esses *excluidos* poderão ter um dia o que mingúa aos seus pastores: um ideal.

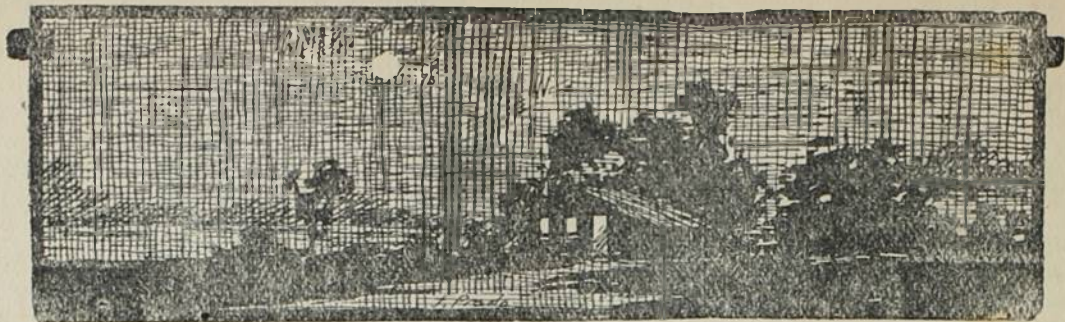
Só assim não prestarão mais ouvidos á pianola dos politiqueiros, e tentarão viver por si, por suas mãos, sem se fiarem nas promessas delles.

Viverão de realidade, não de esperanças.

"Correio da Manhã".

José Otílica





DEBATES E PESQUIZAS

EMBAIXADOR DOS SERTÕES

O folk-lorista que ha quatro tardes passadas subiu pela primeira vez a tribuna illustre da Bibliotheca Nacional, para travar a batalha de estréa com o publico do Rio de Janeiro, constitue um rarissimo caso de exito que só pode ser motivo do mais vivo regosjo para aquelles que têm a delicada volupia de admirar e atravessam a vida sob as influencias do archaico sentimento da sinceridade.

A capital dilúe com dolorosa frequencia as celebridades das provincias. A historia litteraria ou scientifica, a historia parlamentar, têm as suas paginas repletas de naufragios dessa especie, na sua maioria talvez mais ridiculos do que mesmo dignos de lastima e piedade, porque, em geral, as victimas do desastre estavam convencidas de que vinham deslumbrar o centro e na hora do choque rolam grotescamente de alturas imaginarias, sem que na vertiginosa descida encontrem um ponto de apoio que lhes attenuue as consequencias do esborrachamento completo.

Ha evidentemente, as compensações, embora em numero muito menor. Entretanto, não conheço nenhum caso de tão immediato e brilhante triumpho como o desse moço cearense, o Sr. Leonardo Motta, que disse, ha algumas dezenas de horas, a sua primeira conferencia sobre as cantigas do seu e do meu povo, nunca assás admirado.

Desconhecido inteiramente desta distraida metropole, o inteprete dos sertanejos aqui aportou ha duas semanas, trazendo por credenciaes unicamente o seu livro *Cantadores*, ainda inedito, que lhe está fornecendo os elementos ás palestras da serie iniciada, e a fidelidade das suas communicações, coisa de

natureza muito subtil e de avaliação antecipada absolutamente impossivel.

Não lhe foi preciso mais para, com galhardia, vencer a dura prova. Os ardentés applausos com que o auditorio, attento e delicado, entrecortou sem cessar a primeira conferencia, indicam sufficientemente o exito que vai coroar a publicação do seu livro. E a explicação para esse communicativo entusiasmo da assistencia está no facto de haver a sala reconhecido promptamente no orador um temperamento despido de qualquer artificio e que com autorizada voz traduzia os encantos da muza sertaneja. Authentico embaixador dos sertões, o Sr. Leonardo Motta!

O commentador, a um tempo avisado e apaixonado da poesia matuta do Ceará é o garimpeiro feliz que volta das rudes selvas com o sacco a transbordar de gemmas e que, num largo movimento de genorisidade, estende aos olhos da cidade attonita a maravilha daquellas pedras, brutas de certo, mas de belleza fascinante.

A cidade não ignora totalmente essas riquezas singulares que se accumulam nos rincões do paiz e circulam pelas estradas brancas conduzidas pelos mencestres que não sabem o alphabeto mas lêem na alma humana como em livro aberto e cantam de amor como os mais commovidos lyricos ou ridicularizam os costumes e as pessoas como o mais cruel dos poetas satyricos. Mas, é de justiça dizer-se que a cidade não conhecia tanto nem tão bem, porque, com effeito, a collecção de cantigas, anedoctas e até adivinhações reunidas pelo Sr. Leonardo Motta, é não só de primeira agua como tambem absolutamente inedita.

Eis aqui algumas quadras de amor, das muitas que elle reuniu, e que vão transcriptas do mesmo modo que as citações seguintes, tal qual são cantadas ou ditas pelo bom e bravo matuto:

"O amor é como o somno
Que não dispensa ninguém...
Eu só comparo é c'a morte:
— Ninguém sabe quando vem.

De amor a gente não muda
De anno em anno, mez em mez.
Amor é que nem bexiga:
Só dá na gente uma vez!

Te levo p'ra toda parte,
Meu adorado bemzinho,
Só não te levo p'o'ó céo
Porque não sei do caminho.

Menina dos cacho preto,
Derramado pelas costa,
Aquillo que eu te falei,
Quero saber da resposta.

Meu bemzím, não viva triste
Viva alegre, tenha fé,
Que aquillo que eu lhe falei
Só se você não quizé.

Nem sempre, como se vê, a nota é melancólica e um pouco de malícia empresta às trovas um sabor todo especial. Orgulhosos, ruidazes, implacáveis com o inimigo ou com o rival, os cantadores excedem no desafio ou no epigramma. Veja-se, por exemplo, esta admirável decima, de Luiz Dantas Quesado:

O nosso Zuza Thomaz,
E home de opinião!
Não vejo neste sertão
Quem desfaça o que elle faz:
Apaga fogo com gaz,
Rebate bala com a mão,
Tem mais força que Sansão...
Um dia, elle, estando armado,
Apanhou de um aleijado
Mas deu num cégo, á traição!

Não tenho informações sobre o caso, mas desconfio que depois disso andou ponta de faca riscando o chão...

Posto em longo convívio familiar com a gente matuta, pôde o folk-lorista surprehender-lhe os mais diferentes aspectos de alma e mentalidade, participando dos seus prazeres, dos seus pesares e tomando parte effectiva nas suas festas e ceremonias.

Conta o Sr. Leonardo Motta que, de uma feita, estava presente a um casamento na villa Aurora. Achava-se á porta da quando o cortejo sahia. Dando o braço á esposa, o marido, ainda sob a emoção da solemnidade, proferiu esta phrase lapidar:

— He'n, Joanninha?! Agora, ou bem ou mal, a desgraça está feita!

Quando o matuto está cansado de cantar passa a divertir-se em fabricar adivinhações, que também foram o regalo de muitos peraltas e sec'as. E do choque daquellas intelligencias saem imprevistos deste jaez:

— O que é, o que é? Cae em pó e corre deitado?

— E' chuva.

— O que é, o que é? A gente planta de olho p'ra cima e não nasce?

— E' defuncto.

— O que é, o que é? O home faz e Deus não fez?

— E' cu'ia, porque Deus só fez a cabaça.

— E o que é que pôde mais do que Deus?

— E' cachaça. Deus dá o juizo e a cachaça tira.

Tudo isso, porém, por mais pitoresco que seja, não passa de uma distração transitoria, e não tem o valor dos admiráveis improvisos dos cantadores. Um desafio entre dois mestres da musa dos matos é espectáculo inolvidavel e constitue um prêmio em que as intelligencias são obrigadas a uma vibração permanente.

Procuram-se os cantadores, para taes justas, como na Idade-Média os cavalleiros de mais luzida nomeada. E é assim que uns aos outros se referem:

Eu, atraz de cantadô,
Sou como vento por praia,
Como junco por lagôa,
Como fogo por fornaia,
Como piô por cabeça,
Ou pulga por cós de saia.

Cante lá como quizé
Que comsigo eu nem me zango:
Com você sou quem nem onça,
Dando tapa num calango,
Ou então um gallo velho
Dando peitada num frango

Esta é, porém, a melhor das estrophes:

Cantadô nas minhas unha
Passa mal que se agoneia.
Dou-lhe almoço de chicote,
Janta pão, merenda peia,
De noite ce'a taponá
E murro no pé da orêia...

Para não alingar mais estas linhas, que valem por uma saudação cordialissima ao conterraneo illustre que tanto mérito e tão fulminante rapidez conquistou o publico carioca, passo a transcrever uma das numerosas perguntas com que Zefinha do Chabocão procurou confundir Jeronymo do Junqueiro, ambos de vasta celebridade:

Atirou-lhe ella esta quadra:

Vou fazer-lhe uma pergunta,
Que você fica areado:
Quero que você me diga
O que é "mal empregado"

Ao que elle retrucou de prompto:

Eu vou lhe dar o sentido
Do que é "mal empregado".
E' uma moça bonita
Casar cu'm rapaz *safado*;
E' um vaqueiro ruim
Num cavallo bom de gado;
Palitô de panno fino
Num corpo mal amanhado;
E' um cabra preguiçoso
Abrir um grande roçado;
Abre, planta e não alimpa,
Perde o legume plantado...
Disso tudo é que se diz:
"O' meu Deus! mal empregado!"

Uma pequena explicação. Castos ouvidos não se choquem com a palavra em grypho do quarto verso. No norte ella é corrente e corresponde ao termo *canalha*, que aqui está vulgarizado e lá ninguem pronuncia, senão por offensa. Fica uma coisa pela outra.

E agora, pelas amostras, podem todos imaginar o valor das collecções accumuladas pelo folk-lorista feliz.

Oscar Lopes.

("O Paiz").

ESTILO DE ARCHITECTURA NACIONAL

Monteiro Lobato, nas *Ideias de Jéca Tatu*, desenvolve, combativo como sempre, uma salutar propaganda do *estilo nacional* em arquitetura; propugna o abandono da senda artistica em que vamos e ridiculariza, com graça, o nosso vexo de macaquear tudo.

Vejo agora, n"O Jornal", um guapo professor de arquitetura em S. Paulo sair a campo contra o Sr. Monteiro Lobato e demais nacionalistas, para sustentar que é impossivel a creação de um estilo nacional.

Stockler das Neves chama-se esse professor de arte.

Partidario que sou do Sr. M. Lobato, especialmente imbuido do seu programa de emancipação estetica, não me é facil deixar de admirar o professor das Neves, pela sua coragem de defender uma causa tão antipatica e antipatriotica, no meu sentir de fanatico.

A teze sustentada pelo Sr. Stockler das Neves é que não podemos ter estilo, e isto por duas causas:

1.^a, porque não temos ainda um typo de raça;

e, 2.^a, porque Portugal não nos legou

Parece-me que o Sr. das Neves não tem razão sinão de modo muito relativo. Não é verdade que não tenhamos um typo de raça; não é verdade que não haja um estilo architetonico portuguez, e, mais ainda, não é verdade que a creação de um estilo nacional dependa dessas supostas condições.

Os gregos tiveram, sem nenhuma duvida, um estilo, não obstante a população grega um mozaico de raças diversas — aqueus, jonios, doriccs, etc. Os romanos, apesar de serem um povo constituido pelos japijios, pelasgos, etrusces, umbrios, sabinos, samnitas, campanios, sículos, gregos e ligurios, tiveram um estilo proprio, caracteristico. Os arabes, os ejipcios, os chinezes, os japonezes e outros povos estão em identicas condições, pois ninguem lhes pode negar uma arquitetura propria, não obstante a babel de raças que se nota na formação dessas expressões étnograficas.

E' que o estilo depende menos da raça do que do *habitat* do meio da cultura, da formação estetica de um dado momento historico, das tradições comuns e dos ideais comuns.

Si o negro Henrique Dias, o indio Poti e o portuguez Fernandes Vieira tivessem deixado traços architeticos no nosso paiz, é provavel que o seu estilo teria sido o estilo do tempo da guerra holandeza, sem que se pudesse apurar um estilo na caza do negro, outro na do caboclo e outro na do luzo.

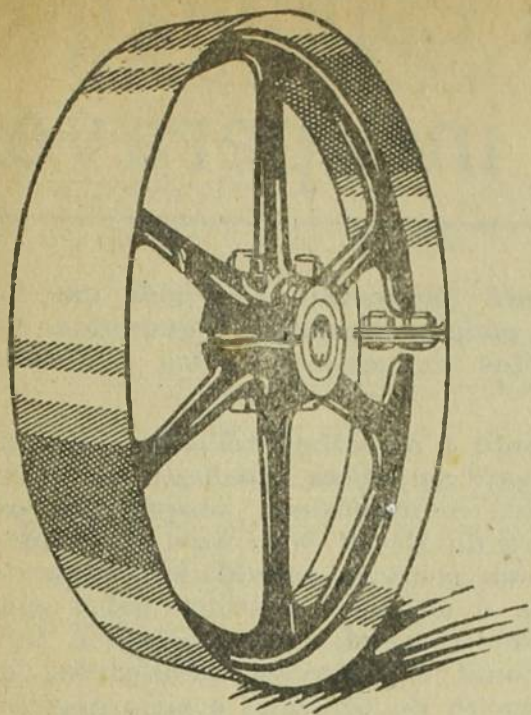
Por outro lado, não é verdade que o portuguez não tenha deixado no paiz os elementos para a formação do nosso futuro estilo nacional, e é falso que não tenhamos um typo de raça brasileira, no sentido unico em que não é absurdo falar em *tipo de raça*, além de que a falta absoluta de um estilo tradicional não poderia impedir que se creasse, *ex-nihilo*, um estilo orijinal e proprio.

Pelos modos, o que parece é que o Sr. das Neves confunde *estilo* com arquitetura. Seria realmente, hoje, difficil inventar uma arquitetura, porque ela já se acha inventada e estabelecida, com as suas regras e principios imutáveis, tirados da hijiene e da enjenharia. Mas *estilo* é outra coisa, muito menos fundamental e muito mais accessoria. Fotografando muitos individuos da mesma raça, por um processo que fixava os traços constantes, Galton obteve o *tipo de raça*.

Pois o estilo architetonico de um povo poderia ser apanhado pelo mesmo processo. Estilo é o traço fizionomico constante na arquitetura de um povo.

Ora, nada impede que, num dado momento historico, se *institua* esse *quid* constante na arte de construir. Poderíamos não ter, até hoje, estilo algum e começar hoje a sua creação, tirando-o do nada, isto é de meras convenções esteticas.

Mas, admittindo-se as condições do Sr. Stockler, a saber, a pre-existencia de um typo de raça brasileira e a realidade de um estilo portuguez, ainda assim teremos a possibilidade de crear o nosso estilo. Tudo depende do ponto de vista em que o observador se coloca. O Sr. das Neves, nos seus passeios rapidos pela



SKF

E' A PULIA DE QUE NECESSITA SUA FABRICA
ACABAMENTO O MAIS ESMERADO
DE FACIL MONTAGEM
BOA CENTRALISAÇÃO
GRANDE RESISTENCIA
POUCO PESO.

Companhia **SKF** do Brazil

141, RUA DA QUITANDA ----- Caixa, 1.452

RIO DE JANEIRO

O Guaraná Espumante é insuperavel

A superioridade do Guaraná Espumante não pôde dar lugar á menor duvida, nem pôde o Guaraná Espumante ser comparado a outros productos congeneres, pelos seguintes motivos indestructiveis:

1.º — O Guaraná Espumante é trabalho exclusivo e espontaneo de um illustre e eminente cientista brasileiro — o Dr. Luiz Pereira Barretto, medico notabilissimo, pesquisador estudioso e apaixonado da flora do Brasil — o qual despendeu muito do seu tempo — de sua preciosa actividade, rebuscando os segredos therapeuticos e efficazes contidos pelas suas virtudes naturaes na fruta do Guaraná, enriquecendo a litteratura botanica-medica nacional de diversas publicações de incontestavel utilidade, a respeito do Guaraná e suas applicações medicamentosas.

2.º — O Guaraná Espumante, formula do Dr. Luiz Pereira Barretto, é um producto bem definido; os seus componentes, discriminados com perfeição scientifica, chegaram ao conhecimento do publico, graças ás rigorosas analyses chimicas a que foi submettido, e o tornam insuperavel pelas suas extraordinarias quaidades intrinsecas, já pelo seu sabor delicioso, já pela sua composição, já pelo seu admiravel poder medicinal.

3.º — O Guaraná Espumante ha mais de vinte mezes goza do favor publico, cada vez mais vivo e mais intenso — e especialmente das preferencias insuspeitas da distincta e illustre classe medica — a qual jámais se esquivou, em todas as occasiões, de tributar-lhe os maiores elogios, pela efficacia, pela bondade, pelo valor incontestavel deste magnifico producto.

4.º — O Guaraná Espumante é fabricado e preparado em local especialmente construido, sob a fiscalização permanente de um provector chimico — com machinismos e processos scientificos, que representam VERDADEIRAMENTE a ultima palavra da perfeição e da hygiene.

O escrupulo e o esmero que imperam no preparo do producto — justificam plenamente o nome que tem a Fabrica do GUARANA' ESPUMANTE, o Templo Sagrado da Saude e da Hygiene.

Continuaremos.

São Paulo, 19 de Agosto de 1921.

ZANOTTA, LORENZI & COMP.

-- GALERIAS EDISON --

Faz, precisamente, vinte e quatro annos que, munido apenas de coragem e de um grande desejo de trabalhar, lancei a primeira semente do meu estabelecimento commercial.

Graças á bôa acceitação que teve do povo paulista e á sua sempre generosa preferencia, pude assistir, em pouco tempo, ao desenvolvimento rapido e enorme daquillo que eu supuzêra nunca passar de uma tentativa.

Minha casa chegou a ser conhecida em todo o Brasil e, graças á orientação sempre séria que procurei imprimir aos meus negocios, posso affirmar que conquistei um amigo em cada um dos meus freguezes.

Procurei sempre trabalhar para engrandecer o digno commercio desta cidade, já tão exalçado por firmas que não encontram muitas rivaes em outros centros do mundo.

E desejando ainda cooperar para maior brilho deste grande Estado, tive em mente transformar radicalmente a minha velha e bem conhecida casa da Rua 15, introduzindo-lhe, a par de uma bem cuidada apparencia esthetica, innumeras secções que a collocam ao lado das melhores casas brasileiras, não tirando, comtudo, a sua feição essencialmente popular.

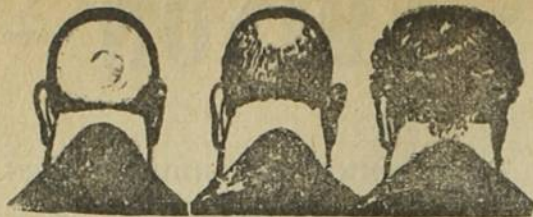
Si o consegui — melhor que eu, pode responder a massa de povo que vem fazer suas compras diariamente nas GALERIAS EDISON — A toda a população da Paulicéa mil agradecimentos.

Galerias Edison
S. Paulo
Rua 15 de Novembro, 55 2131 Gustavo Figner

Rua 15 de Novembro, 55 — SÃO PAULO

GUSTAVO FIGNER

O "PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o Pílogenio porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o Pílogenio, porque impede que o cabelo continue a cahir.

Se ainda tem muito serve-lhe o Pílogenio porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette o Pílogenio

Ainda para a extincção da caspa

Sempre o PÍLOGENIO

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias.

DOENÇAS

BRONCHO-PULMONARES

Um remedio verdadeiramente ideal para creanças, senhoras fracas e convalescentes é o **Phospho-Thiocol Granulado** de Giffoni. Pelo phospho-calcio physiologico que encerra, elle auxilia a formação dos dentes e dos ossos, desenvolve os musculos, repara as perdas nervosas, estimula o cerebro; e pelo **sulfoguiacol** tonifica os pulmões e desintoxica os intestinos. Em pouco tempo o apetite volta, a nutrição é melhorada e o peso do corpo augmenta. E' o fortificante indispensavel na convalescença da pneumonia, da influenza, da coqueluche e do sarampo.

Em todas as pharmacias e drogarias

Deposito: **Drogaria Giffoni**
RIO DE JANEIRO

TYPHO

UREMIA, INFECCÕES intestinaes e do aparelho urinario, evitam-se usando **Uroformina**, precioso antiseptico, desinfectante e diuretico, muito agradavel ao paladar. Em todas as pharmacias e drogarias. Deposito: **Drogaria Giffoni**, rua Primeiro de Março n. 17 — Rio de Janeiro.

A' GRAPHICA PAULISTANA S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e photogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbo de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie
MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Services en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

BANCO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL

FUNDADO EM 1858

CAPITAL 40.000:000\$000 — FUNDO DE RESERVA 20.000:000\$000
*Sede: Porto Alegre — Filiaes e agencias nas principaes praças do Estado —
Correspondentes no Brasil e estrangeiro. — Filial no Rio de Janeiro.*

O Banco empresta dinheiro em conta corrente e promissórias, desconta saques, recebe dinheiro em deposito, pagando varias taxas, conforme as condições preferidas pelo depositante, fornece carta de credito para o Brasil e estrangeiro e faz todas as operações bancarias.

SECÇÃO DE COFRES FORTES — Em sua casa forte tem, á disposição do publico, mediante modica contribuição, cofres para alugar, destinados a guarda de joias, documentos e valores.

CAIXA DE DEPOSITOS POPULARES — Esta secção, a primeira e mais antiga do seu genero no Brasil, recebe dinheiro em deposito, desde 20\$000 até 5:000\$000 abonando juros, capitalizados semestralmente, sendo permittidas retiradas até 1:000\$000 por semana sem prévio aviso.

PORTO ALEGRE

Rua Uruguay N.º 5, esquina da rua 7 de Setembro

Livraria Drummond Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO. —

Serie V I C T O R I A -- -- --
-- -- -- Organização MIXTA

3

sorteios realisa mensalmente,
pagando o prestamista UMA SO'
mensalidade de 10\$000, 5\$000 ou 2\$500

DOTES DE CASAMENTO E NASCIMENTO

Empresa Constructora

Séde: Porto Alegre

R. G. do Sul

H. G. DOS SANTOS & COMP.

Unicos concessionarios para os annuncios
nas seguintes estradas de ferro:

Cia. Paulista,

São Paulo Railway Co.,

São Paulo-Rio Grande,

Rêde Viação Paraná-Sta. Catharina

Bondes de Santos.

e Viação Férrea Rio Grande do Sul.

ESCRITORIO:

RUA DE S. BENTO, 7-A

Telephone, Central, 1-2-4-1

Caixa postal, 1638

São Paulo

DIABETICOS

é preciso combater a perda
de assucar, tonificar o or-
ganismo, regularisar as funcções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

LIVROS A' VENDA

NA

REVISTA DO BRASIL

DE MARIO SETTE:

SENHORA DO ENGENHO

Romance de successo, 2.^a edição. Exemplar broc. 4\$000

ROSAS E ESPINHOS

Finos contos. Exemplar broc. 4\$000

AO CLARÃO DOS OBUZES

Contos de successo. Exemplar broc. 4\$000

DE CANTO E MELLO:

RELIQUIAS DA MEMORIA

Romance de successo, 2.^a edição. Exemplar broc. 4\$000

ALMA EM DELIRIO

Interessante romance, 2.^a edição. Exemplar broc. 4\$000

BUCOLICA

Poemeto 1\$000

DE AMADEU AMARAL:

DISCURSO. 2\$000

DA SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA:

CONFERENCIAS 4\$000

DE MARTIM FRANCISCO:

NO JURY DE ARARAS 2\$000

RINDO. 3\$000

DA SOCIEDADE EUGENICA DE S. PAULO:

ANNAES 8\$000

A SCIENCIA NO LAR MODERNO

D. EULALIA VAZ

Nova collecção de receitas de doces, iguarias, petiscos e tudo o que diz respeito á arte culinaria. Receitas provadas pela autora.

Livro util e necessario ás boas donas de casas.

QUINTA EDIÇÃO

Melhorada e ampliada. — Preço: 5\$500 o exemplar

DESCONTO AOS REVENDEDORES

BRINDE AOS ASSIGNANTES DA "REVISTA DO BRASIL"

Os assignantes desta Revista que quizerem obter uma esplendida ampliação de retrato photographico, verdadeiro trabalho de arte, poderão recorrer ou coupon annexo, enviando-nos com a respectiva importancia. Essas ampliações, feitas por excellentes artistas da capital sob a direcção do Prof. Beccari, podem ser de cinco categorias, a saber:

N.º 1 —	Retocadas a <i>crayon</i> ,	preço 15\$000
N.º 2 —	„ a sepia,	„ 20\$000
N.º 3 —	„ a aquarella,	„ 25\$000
N.º 4 —	„ a pastel,	„ 30\$0000
N.º 5 —	„ a oleo,	„ 35\$00

O preço corrente desses trabalhos no formato que offerecemos, (40x50) é quatro, cinco e seis vezes mais caro do que os offerecidos, como se poderá verificar mediante consulta a qualquer casa photographica.

Boletim a destacar:

.....

REVISTA DO BRASIL

Caixa 2 B -- S. Paulo

Mando-lhe uma photographia para ser ampliada na forma da offerta supra, com retoque a..... (indicar o genero escolhido). Remetto-vos para isso a quantia de\$.....

Nome.....

Endereço.....

Ultimas Edições da "Revista do Brasil"

Contribuindo, por Martim Francisco

Em seguida ao RINDO, publicado em 1919, dá-nos o grande Andrada mais uma obra notabilissima onde estuda numerosos vultos da nossa historia.

Brochado	4\$000
Encadernado	5\$000

Jardim das Confidencias, Ribeiro Couto

Um livro de versos verdadeiramente encantador, com uma nota pessoal toda nova, rica de sentimento e finuras emotivas.

Brochado	3\$500
--------------------	--------

O Professor Jeremias, Léo Vaz

Este livro vencedor entra agora na quarta edição e continua a ser vendido pelos preços antigos.

Brochado	4\$000
Encadernado	5\$000

Vultos e Livros, Arthur Motta

Biographia, bibliographia e critica das mais eminentes figuras literarias do Brasil. Primeira serie de uma obra em cinco volumes, deveras notavel.

Brochado	5\$000
--------------------	--------

A Lingua Nacional; João Ribeiro

Ultimo trabalho do grande philologo, recebido pela critica com o respeito que as obras sérias a todos impõem.

Brochado	4\$000
Encadernado	5\$000

Pedidos a Monteiro Lobato & Cia.



MOVEIS

BARATOS

Peça um
folheto

Mappin Stores

Rua S. Bento esq. Rua Direita

Aventuras maravilhosas de Sherlock Holmes,

Nik Carter e Pearl White no Brasil

Já foram publicados os seguintes numeros
deste sensacional romance de aventuras:

O DIAMANTE NEGRO

O QUILOMBO MYSTERIOSO

A VIBORA TURCA

O ESTRANGULADOR DE MOÇAS LOIRAS

e está para sahir o numero cinco:

O PIRATA CRESULESCO

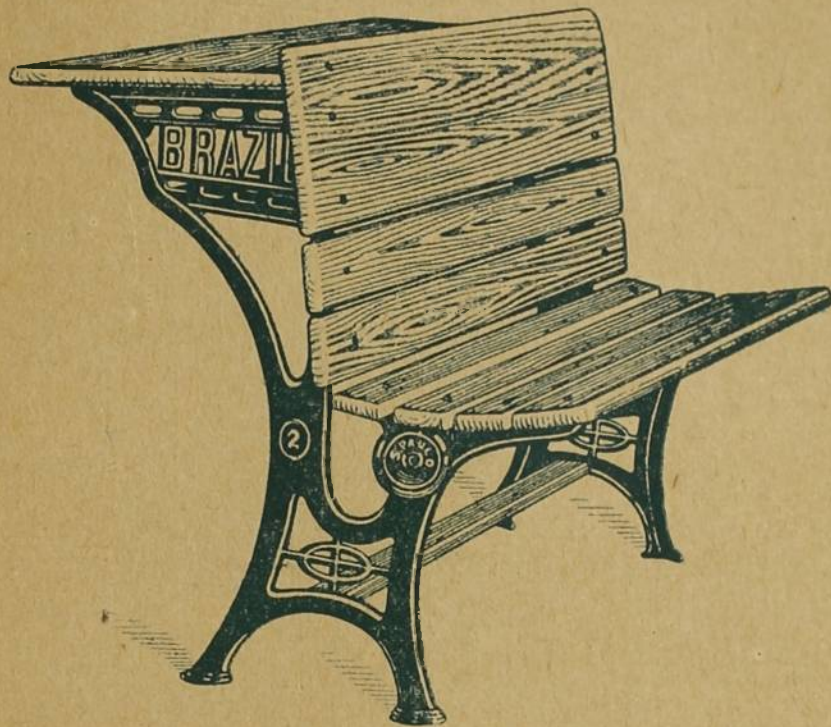
Cada fasciculo illustrado 500 réis

A' venda em todas as livrarias e na

REVISTA DO BRASIL, RUA BOA-VISTA, 52

— S. PAULO —

MOVEIS ESCOLARES



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares

Peçam catalogo e informações minuciosas á

**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"**

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

----- São Paulo -----

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. - - - - -**

**São as mais recommendaveis pa-
ra a lavoura, segundo experien-
cias de ha mais de 50 annos no
Brasil.**

**GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e ac-
cessorios para a lavoura.**

**Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.**

**CLING SURFACE massa sem rival para
conservação de correias.**

**IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galva-
nisado para encanamentos de agua,
etc.**

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO